

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
NÍVEL MESTRADO**

AMANDA CORBELLINI HEINECK

HOME OFFICE OU LAR-ATELIÊ?

**Novas configurações de ambientes de trabalho para profissionais da indústria
criativa**

São Leopoldo

2021

AMANDA CORBELLINI HEINECK

HOME OFFICE OU LAR-ATELIÊ?

Novas configurações de ambiente de trabalho para profissionais da indústria criativa

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Fabrício Farias Tarouco

São Leopoldo

2021

H468h Heineck, Amanda Corbellini.
Home office ou lar-ateliê?: novas configurações de ambiente de trabalho para profissionais da indústria criativa / por Amanda Corbellini Heineck. -- São Leopoldo, 2021.

194 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, São Leopoldo, RS, 2021.

Orientação: Prof. Dr. Fabrício Farias Tarouco, Escola Politécnica.

1.Arquitetura de habitação. 2.Habitação. 3.Arquitetura – Fatores humanos. 4.Criatividade nos negócios. 5.Escritórios. 6.Conforto humano. 7.Ambiente de trabalho. I.Tarouco, Fabricio Farias. II.Título.

CDU 728:651
725.23:643

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

AMANDA CORBELLINI HEINECK

HOME OFFICE OU LAR-ATELIÊ?

Novas configurações de ambiente de trabalho para profissionais da indústria criativa

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Aprovada em 31 / 03 / 2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fabrício Farias Tarouco (Orientador) – UNISINOS

Profª Drª Izabele Colusso – UNISINOS

Profª Drª Maria Fernanda de Oliveira – UNISINOS

Prof. Dr. Fabiano de Vargas Scherer – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Fabrício Tarouco, por ter me auxiliado constantemente durante o trabalho, dedicando seu tempo a esta pesquisa e me instigando a pensar diferente, sempre tendo como base a criatividade. O estímulo e o apoio do meu orientador fizeram a diferença na concepção e no êxito desta pesquisa.

A todos os professores do Mestrado que contribuíram de alguma forma para a construção do conhecimento.

À minha família, que sempre está ao meu lado, me incentivando e acreditando em mim.

Enfim, a todos os profissionais que dedicaram parte do seu tempo para conversar comigo e explicar como ocorre a sua dinâmica de trabalho, contribuindo, dessa forma, na construção da minha pesquisa.

RESUMO

Os *home offices* são espaços de trabalho estruturados nos lares de vários profissionais, mas, segundo uma concepção preestabelecida no imaginário popular, a configuração desses espaços apresenta basicamente uma mesa, uma cadeira e um computador, onde o profissional desenvolve suas atividades laborais. Com outro olhar, este estudo vem promover a desconstrução desse pensamento dominante, buscando um novo conceito de *home office* para profissionais da indústria criativa. O trabalho inicia com uma revisão bibliográfica sobre temáticas que envolvem o conceito de *home office*, a partir da qual se busca ampliar o conhecimento acerca dessa modalidade de trabalho em ambiente residencial. Utiliza-se, como método norteador da pesquisa, a proposta de Massimo Canevacci, apresentada em seu estudo *A Cidade Polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. A metodologia do trabalho segue três etapas: a primeira concentra-se no mapeamento de profissionais que trabalham em *home office*, apresentando uma seleção final de dez profissões analisadas; a segunda consiste na observação dos contextos escolhidos, com a análise e interpretação dos dados, em que os espaços de *home office* são compreendidos como fragmentos do estudo; e, por fim, a terceira etapa caracteriza-se pela proposição de diretrizes projetuais derivadas das informações coletadas nas etapas anteriores. Ainda nesta etapa, realiza-se uma fase de experimentação projetual, em que se busca aplicar os conhecimentos gerados na concepção de um novo conceito para o *home office*, que vem a ser o de lar-ateliê. A partir dessa concepção, desenvolve-se uma representação visual de modelos de ambientes para os profissionais selecionados. As constatações alcançadas, associadas ao conhecimento adquirido no estudo, possibilitaram a verificação de diversas variáveis e configurações possíveis de espaços de trabalhos residenciais.

Palavras-chave: *Home office*. Desconstrução. Indústria Criativa. Reconfiguração. Lar-Ateliê.

ABSTRACT

Home offices are structured work spaces in the homes of several professionals, but, according to a conception pre-established in the popular imagination, the configuration of these spaces basically presents a table, a chair and a computer, where the professional develops his work activities. With another look, this study promotes the deconstruction of this dominant thought, seeking a new concept of home office for professionals in the creative industry. The work begins with a bibliographic review on themes that involve the concept of home office, from which seeks to expand knowledge about this type of work in a residential environment. Massimo Canevacci's proposal, presented in his study *The Polyphonic City: an essay on the anthropology of urban communication*, is used as a guiding method of the research. The methodology of the work follows three stages: the first focuses on the mapping of professionals who work in the home office, presenting a final selection of ten professions analyzed; the second consists of observing the chosen contexts, with the analysis and interpretation of the data, in which the home office spaces are understood as fragments of the study; and, finally, the third stage is characterized by the proposal of design guidelines derived from the information collected in the previous stages. Still in this stage, a phase of project experimentation is carried out, in which one seeks to apply the knowledge generated in the conception of a new concept for the home office, which turns out to be the home-studio. From this conception, a visual representation of models of environments is developed for the selected professionals. The findings achieved, associated with the knowledge acquired in the study, enabled the verification of several variables and possible configurations of residential work spaces.

Palavras-chave: *Home office.* Deconstruction. Creative Industry. Reconfiguration. Home-atelie.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Palácio Uffizi – Florença, Itália	18
Figura 2 – Espaço <i>coworking</i> Googleplex	28
Figura 3 – Impact Hub São Paulo antes da reforma	29
Figura 4 – Impact Hub São Paulo após reforma	29
Figura 5 – Salão dos residentes	30
Figura 6 – Cor em ambientes	39
Figura 7 – Grafite em ambiente interno	40
Figura 8 – Grafite Banksy	41
Figura 9 – Beco do Batman, SP	41
Figura 10 – Vegetação em ambientes de escritório	42
Figura 11 – Sala de jogos Google Brasil	44
Figura 12 – Residencial integrada - melhoria da utilização	58
Figura 13 – <i>Home Office</i> – Melhoria da Gestão do tempo	59
Figura 14 – Cozinha como ambiente de trabalho	60
Figura 15 – Sótão como ambiente de trabalho	61
Figura 16 – <i>My room in the Garden</i>	63
Figura 17 – <i>Zen Work Pod</i>	63
Figura 18 – NV200 Escritório Móvel	64
Figura 19 – Mesa adaptável casa x trabalho	65
Figura 20 – Luminária adaptável casa x trabalho	65
Figura 21 – Sofá adaptável casa x trabalho	66
Figura 22 – <i>Baitasi House of the Future</i>	67
Figura 23 – <i>All Own House</i>	67
Figura 24 – <i>Barbican Dancer's Studio</i>	68
Figura 25 - Etapas metodológicas propostas por Canevacci (1997)	72
Figura 26 - Fluxograma com a estrutura metodológica da pesquisa	73
Figura 27 – Profissionais elencados pela memória	80
Figura 28 – Profissionais elencados por redes de contato	82
Figura 29 – Planta Baixa com indicação de usos dos ambientes <i>home office</i>	83
Figura 30 – Profissionais elencados por busca na internet	85
Figura 31 – Todos os profissionais elencados e agrupados por áreas	86
Figura 32 – <i>Home office</i> das arquitetas	91

Figura 33 – <i>Home office</i> das artesãs.....	96
Figura 34 – <i>Home office</i> dos artistas.....	101
Figura 35 – <i>Home office</i> dos comunicadores.....	105
Figura 36 – <i>Home office</i> das costureiras.....	110
Figura 37 – <i>Home office</i> dos culinharistas.....	115
Figura 38 – <i>Home office</i> das designers.....	119
Figura 39 – <i>Home office</i> do influenciador digital e <i>Tiktoker</i>	123
Figura 40 – <i>Home office</i> dos fotógrafos.....	128
Figura 41 – <i>Home office</i> dos músicos.....	132
Figura 42 – Particularidades dos profissionais da indústria criativa.....	137
Figura 43 – Elementos essenciais e necessários para os profissionais.....	139
Figura 44 – Média da metragem de <i>home office</i> e relação de uso dos ambientes.....	140
Figura 45 – Variáveis do <i>home office</i> dos profissionais observados.....	149
Figura 46 – Diretrizes projetuais.....	150
Figura 47 – Modelo 01, módulos deslizantes.....	155
Figura 48 – Modelo 01, módulos em transformação 01.....	157
Figura 49 – Modelo 01, módulos em transformação 01.....	158
Figura 50 – Modelo 01, módulos em transformação 01.....	159
Figura 51 – Modelo 01 – Particulares do Arquiteto.....	161
Figura 52 – Modelo 01 – Particulares do Designer.....	163
Figura 53 – Modelo 01 – Particulares do Designer.....	165
Figura 54 – Modelo Base 02.....	167
Figura 55 – Modelo 02 – Comunicador.....	169
Figura 56 – Modelo 02 – Músico.....	171
Figura 57 – Modelo 02 – Fotógrafo.....	173
Figura 58 – Modelo Base 03.....	175
Figura 59 – Modelo 03 – Artesão.....	177
Figura 60 – Modelo 03 – Artesão Adaptação.....	178
Figura 61 – Modelo 03 – Artista.....	180
Figura 62 – Modelo 03 – Costureira.....	182
Figura 63 – Modelo 03 – Culinharista.....	184

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Trabalha ou conhece alguém que trabalha em ambiente residencial	81
Gráfico 2 – Uso do ambiente residencial para atividades de trabalho.....	84
Gráfico 3 – <i>Home office</i> adequado às necessidades	85
Gráfico 4 – Número de pessoas que residem no lar	134
Gráfico 5 – Número de pessoas que residem no lar	135
Gráfico 6 – Localização da Residência	135
Gráfico 7 – Número de ambientes do lar utilizados para trabalhar.....	141
Gráfico 8 – <i>Home office</i> atende todas as necessidades.....	142
Gráfico 9 – Atendimento a clientes ou fornecedores no ambiente de <i>home office</i> ..	143
Gráfico 10 – Profissionais que trabalham sozinhos ou com mais pessoas em <i>home office</i>	143
Gráfico 11 – Preferência por ambiente de <i>home office</i> colorido ou neutro.....	144
Gráfico 12 – Principais ambientes usados como <i>home office</i>	145
Gráfico 13 – Ambientes de trabalho bagunçados x organizados	146
Gráfico 14 – Ambiente de <i>office</i> Improvisado x Projetado.....	146

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Problema de Pesquisa	13
1.2 Objetivos	13
1.2.1 Objetivo Geral	14
1.2.2 Objetivos Específicos	14
1.3 Justificativa	14
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	17
2.1 Ambientes Corporativos	17
2.2 Arquitetura Comercial	20
2.3 Coworkings	22
2.4 Indústria Criativa	30
2.5 Espaços Criativos	37
2.6 Projeto de Interiores	45
2.7 Home Office	51
2.8 Estímulos Projetuais	62
2.8.1 Conceito <i>Anywhere Office</i>	62
2.8.2 Mobiliário Auxiliar Adaptável	64
2.8.3 Espaços Adaptáveis	66
2.8.4 Modelo de Trabalho Híbrido	68
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	70
3.1 Mapeamento de Profissões e Profissionais	73
3.2 Observação, Análise e Interpretação	74
3.3 Diretrizes, Experimentação e Representação	77
4 ANÁLISE E EXPERIMENTAÇÃO	80
4.1 Profissionais em <i>Home Office</i>	80
4.2 Fragmentos de <i>Home Offices</i>	87
4.2.1 <i>Home office</i> do Arquiteto	87
4.2.2 <i>Home office</i> do Artesão	92
4.2.3 <i>Home office</i> do Artista	97
4.2.4 <i>Home office</i> do Comunicador	102
4.2.5 <i>Home office</i> da Costureira	106
4.2.6 <i>Home office</i> do Culinarista	111

4.2.7 <i>Home office</i> do Designer	116
4.2.8 <i>Home office</i> do Influenciador Digital e <i>Tiktoker</i>	120
4.2.9 <i>Home office</i> do Fotógrafo	124
4.2.10 <i>Home office</i> do Músico	129
4.3 Análise, Diretrizes e Experimentação	133
4.3.1 Análise de Dados	133
4.3.2 Variáveis e Diretrizes.....	148
4.3.3 Experimentação Projetual	152
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	185
REFERÊNCIAS	187

1 INTRODUÇÃO

O ambiente corporativo tem sido constantemente desafiado, pelo mercado, a qualificar-se e a adequar-se às demandas e situações contemporâneas. Com o passar dos anos, o ambiente de trabalho foi sendo modificado e atualizado a partir das transformações ocorridas na sociedade. Essas contínuas modificações tiveram início com a Revolução Industrial, no final do século XIX, período marcado pela ascensão do modelo de trabalho Taylorista¹ e que trouxe segregação espacial, racionalização das práticas e constante foco em regras e eficiência produtiva (FONSECA, 2004).

Com o passar do tempo, esse modelo foi sendo aprimorado e o ambiente corporativo continuou se transformando. Dessa forma, nos dias de hoje, existe uma maior preocupação com o indivíduo e seu ambiente de trabalho, no qual, muitas vezes, o trabalhador passa a maior parte do seu dia. Essa permanência prolongada pode gerar uma série de problemas em relação à saúde física e mental dos envolvidos. Tal raciocínio estende-se da empresa ao profissional liberal, que passa longas horas em seu escritório ou em algum espaço similar de ambiente de trabalho, desenvolvendo suas atividades laborais (BÓSCHI *et al.*, 2019).

A relação entre vitalidade e produtividade deve ser levada em conta, tanto em uma corporação quanto no ambiente de trabalho individual. Ao desenvolver um projeto que qualifique e avalie a parte física de um local de trabalho e a apropriação do indivíduo com esse ambiente, pode-se obter um espaço que favoreça o bem-estar e a qualidade de vida dos usuários. Além disso, de acordo com Britto (2017), quando se encontram e se projetam soluções adequadas para o espaço em que o trabalhador realiza suas atividades, mediante estratégias criativas, é possível alcançar um nível de produtividade significativamente maior. Por isso, ressalta-se a importância de um espaço construído para o usuário, promovendo condições de trabalho adequadas (CHIAVENATO, 2005).

Paralelo a isso, observa-se o crescimento de novos segmentos de mercados, tendo em vista uma transição percebida no consumo de produtos e serviços. A exemplo disso, um mercado que sempre existiu, mas que vem emergindo e ganhando espaço no mundo devido à expansão dos negócios relacionados ao setor, é a indústria criativa, que gera produtos e serviços relacionados a quatorze áreas que alimentam a

¹ Modelo de organização do processo produtivo criado por Frederick Winslow Taylor.

economia criativa. Como o próprio nome indica, a base desse segmento está fortemente centrada na criatividade, na competência de fazer algo novo, na inovação e na exploração de propriedade intelectual (FILHO et al., 2019). São diferentes profissionais e diversas áreas que atuam dentro da economia criativa, tais como: arquitetura, design, artesanato, mídias digitais, tecnologias, *games*, moda, dentre outras, analisadas com maior profundidade ao longo desta pesquisa.

Essa criatividade, predominante nesse segmento, pode ser associada, em relação à arquitetura e design, também aos ambientes corporativos, que antes tinham a formalidade como característica predominante. Agora eles estão sendo transformados, por profissionais da própria indústria criativa, em ambientes descontraídos, com personalidade e que proporcionam sensações positivas aos seus usuários. Trata-se de ambientes que, além de atenderem questões estéticas, consideram a funcionalidade e a ergonomia, sempre tendo como foco final a qualidade de vida no trabalho.

Um exemplo significativo e atual são os ambientes de *coworking*, que trazem, para o contexto corporativo, espaços de trabalho mais apropriados para a produtividade individual, o que se caracteriza como inovação e evolução na forma de pensar o ambiente de trabalho - conceitos imperativos nos setores da economia criativa. Isto é, o ambiente físico desses locais de trabalho deve estar conectado à criatividade, pois buscam reinventar padrões estabelecidos pelo mercado de trabalho. Segundo Fernandes (2019, p.145), a ideia central é que os locais de trabalho estimulem continuamente seus usuários.

A prática de *home office*, em muitos casos, está associada ao trabalho individual, ou em pequenos grupos, como prestadores de serviço terceirizados, profissionais liberais ou *freelancers*. Os profissionais com essas características podem trabalhar - e trabalham - em formato *home office*, pois esse modelo permite uma maior flexibilização e autonomia pessoal. No entanto, também surgem preocupações em relação à saúde desses trabalhadores, dessa forma, é fundamental que haja uma atenção com a qualidade do ambiente de trabalho residencial, tema central deste estudo.

É também importante reconsiderar o conceito de trabalho em *home office*, superando a ideia, estereotipada, de que é necessário dispor apenas de uma mesa e de um computador em casa para a realização das atividades profissionais. Assim, compreender e projetar uma atmosfera saudável de ambiente corporativo no conforto

de um lar, a partir de uma visão criativa, é o desafio principal desta pesquisa, tendo em vista benefícios como a autonomia individual, a flexibilidade de horários, a economia com aluguéis e, em muitos casos, a possibilidade de dedicação ao trabalho em um tempo maior, sem deslocamentos desnecessários.

Dessa forma, algumas questões-chave serviram como ponto de partida deste trabalho: Quais segmentos podem exercer com qualidade suas atividades no conforto do lar? Que aspectos precisam ser incorporados ao ambiente residencial? Como devem ser pensadas e imaginadas as atuais residências corporativas? Para responder a essas questões, foi necessário levar em consideração a qualificação do ambiente interno, para que essa flexibilização de ora ser residência e ora ambiente de trabalho pudesse acontecer de forma integrada e fosse benéfica aos usuários.

Com base nesse raciocínio, inicialmente apresenta-se um aprofundamento teórico com base em pesquisas cujas temáticas envolvem o *home office*, tendo em vista a reconfiguração do trabalho, até chegar a uma compreensão sobre essa nova modalidade. Na sequência, caracterizam-se as mais diversas profissões que permitem ou não trabalhar em *home office*, aprofundando-se a pesquisa com profissionais da indústria criativa, tendo em vista que estão conectados entre si pela criação e pela necessidade de espaços com características que vão além de uma mesa, cadeira e computador.

Realiza-se, então, um aprofundamento acerca das necessidades espaciais e das dinâmicas que envolvem o ambiente de trabalho residencial de dez profissões. Após, apresenta-se uma análise de variáveis e diretrizes detectadas e, por fim, desenvolve-se uma etapa de experimentação projetual, que é concluída com a narrativa dos resultados alcançados e dos desdobramentos possíveis.

1.1 Problema de Pesquisa

Como qualificar o espaço de *home office* para profissionais da indústria criativa?

1.2 Objetivos

Os objetivos desta pesquisa, apresentados a seguir, são divididos em geral e específicos.

1.2.1 Objetivo Geral

Constatar as dinâmicas que envolvem as atividades de *home office* e as novas profissões configuradas, em especial no segmento criativo, buscando a qualificação do ambiente de trabalho residencial por meio de um processo de observação, análise e experimentação projetual.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Mapear as mais diferentes profissões que atuam em modelo *home office*.
- b) Compreender como é o ambiente e a percepção dos usuários de *home office* de profissões que não sejam administrativas.
- c) Analisar as variáveis presentes nos contextos observados e propor diretrizes norteadoras.
- d) Realizar uma experimentação projetual em ambientes de trabalho residencial de perfis detectados na pesquisa, com base nas variáveis e diretrizes propostas.

1.3 Justificativa

A economia no século XXI está em constante transformação e as mudanças no mercado de trabalho também alteram a percepção do ambiente corporativo, o que exige uma constância maior nos estudos em relação ao tema. Atualmente, a preocupação está mais voltada ao rendimento individual e menos ao cumprimento exato do horário de trabalho por parte do funcionário, assim, as relações de trabalho tendem a ter um foco maior no alcance das metas preestabelecidas para esse trabalhador.

Iniciativas para estudar e compreender os diferentes contextos e ambientes de trabalho, observando como os espaços tradicionais estão se transformando, estão sendo cada vez mais estimuladas pelas áreas envolvidas. De acordo com Bendassolli; Andrade (2011), é importante entender as relações interpessoais no trabalho, quais os impactos dos projetos flexíveis, como são orientados, como a autonomia individual pode influenciar o espaço físico, e, ainda, como buscar processos afetivos e de vínculos entre o trabalho e o colaborador.

Desenvolver estratégias que favoreçam a economia criativa é uma tendência, visto o crescimento acelerado desse setor no mundo dos negócios. Associar os fundamentos da indústria criativa, que se baseiam na criação e inovação em ambientes internos, pode trazer benefícios aos usuários, tendo em vista a melhoria da produtividade, o sentimento de pertencimento e os ganhos pessoais (BARCELLOS; BOTURA; RAMIREZ, 2015). Bendassolli et al. (1990) apontam que esse crescimento na indústria criativa já na década de 1990 esteve conectado à ideia de “virada cultural”, quando houve uma necessidade maior de conhecimento nessa área e ocorreu a mudança de valores materialistas para valores pós-materialistas.

Neste século, ainda começando, já se observa uma tendência de crescimento no número de pessoas que optam por trabalhar em suas residências, o que leva à busca e ao desenvolvimento de novos conceitos para que se possa compreender as demandas envolvidas. Espera-se, dessa forma, entender a relação morador do lar e trabalhador no lar e as necessidades de ambos os perfis. Por isso, essas temáticas precisam ser aprofundadas, visando à obtenção de novos conhecimentos e diretrizes que possam auxiliar as pessoas nesta relação entre trabalhar e morar, desvendando como ela pode ocorrer de forma mais útil e agradável (FLACH, 2020).

Da mesma forma, o estudo das questões ligadas à ergonomia do ambiente interno está em constante evolução e deve ser de domínio de todos os projetistas, já que, muitas vezes, os profissionais sentem dificuldades diárias em seus espaços físicos, mas não conseguem entender o que as causa nem sabem como saná-las. Assim, é papel do arquiteto analisar e compreender essas deficiências do ambiente e traduzi-las em um projeto de interiores adequado que vise ao bem-estar e à qualidade de vida do usuário final (FALCÃO; SOARES, 2011).

Com as medidas restritivas ocasionadas pela Covid-19 e o fechamento de alguns estabelecimentos comerciais, muitas empresas, trabalhadores e estudantes optaram pelo trabalho a distância. Mas a urgência dessa mudança, do respeito às normas de distanciamento, tendo em vista a atenuação da curva de infectados e a diminuição do contato social, exigiu que as empresas investissem em normas internas para regularizar o trabalho, uniformizar as atividades e preservar a segurança de dados (LOSEKANN; MOURÃO, 2020).

Nesse sentido, uma pesquisa da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (USP), em parceria com a Fundação Instituto de Administração (FIA), que entrevistou cerca de 1566 trabalhadores em *home office*,

apresentou os seguintes dados: cerca de 70% gostariam de continuar o seu trabalho a distância mesmo após o final da pandemia; 19% gostariam de retornar à normalidade; e apenas 11% se mostraram indiferentes. Em relação à pesquisa direcionada às empresas, cerca de 57,5% do setor de comércio e serviço adotaram a modalidade de trabalho; número que foi de 52% nas pequenas empresas (FIA, 2020).

As atividades realizadas a distância apresentam duas características principais, a autonomia e o *feedback*. Em relação à autonomia, é relevante ressaltar que ela envolve a tomada de decisões, métodos de pesquisa e realização dos trabalhos, bem como programação e relevância em relação às atividades e, em alguns casos, até a flexibilização em relação ao horário de trabalho. O *feedback* consiste na devolução dos trabalhos realizados para a empresa ou para os clientes. Segundo Queiroga (2020), essa devolução demonstra o empenho, o trabalho, o resultado e a aprendizagem do trabalhador.

Enfim, as pessoas estão cada vez mais conectadas com aquilo que lhes faz bem, mas, ao mesmo tempo, as rotinas de trabalho estão cada vez mais longas e, em muitos momentos, se misturam com o ambiente residencial e com as necessidades familiares. Assim, é importante que existam pesquisas que estudem a associação das dinâmicas do ambiente de trabalho com o ambiente residencial, para que essa relação ocorra de forma saudável, atendendo todas as demandas.

Diante disso, essa temática envolvendo a qualidade de vida nos dois segmentos - profissional e, principalmente, pessoal - será mais bem explorada ao longo deste trabalho.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Por meio da fundamentação teórica tem-se, como principal objetivo, apresentar reflexões e estudos diversos sobre ambientes corporativos, arquitetura comercial, *coworkings*, indústria criativa, espaços criativos, projeto de interiores - especialmente *home office* e, por fim, estímulos projetuais. Com essa revisão bibliográfica, busca-se caracterizar e conceituar tais temas, bem como situá-los dentro do contexto científico definido para este trabalho.

Dessa forma, com o subcapítulo ambientes corporativos, inicia-se a análise desse tipo de espaço, apresentando suas origens e sua evolução. Segue-se analisando a arquitetura comercial, enfatizando sua ligação com a arquitetura corporativa. Para finalizar as discussões acerca da evolução do ambiente corporativo e comercial, discutem-se as temáticas que envolvem o *coworking*, na busca por compreender as possíveis reconfigurações dos ambientes de trabalho e a sua relação com o *home office*.

Tendo em vista que o *coworking* carrega as premissas da indústria criativa, o subcapítulo que segue trata sobre esse conceito. Como esse setor está conectado pelo viés da criação, a maior parte dos profissionais desse segmento possui necessidades particulares em relação a seus ambientes de trabalho. Por sua vez, como estão conectados com a criação, carecem de espaços que os inspirem, que os tornem ainda mais criativos, o que leva ao tema do próximo subcapítulo - espaços criativos.

A temática envolvendo projetos de interiores refere-se ao segmento da arquitetura que proporciona conforto, estímulos e praticidade. Desse modo, a fundamentação teórica encaminha-se para o grande tema da pesquisa, qual seja, o *home office* e todas as suas dimensões, até chegar ao subcapítulo de estímulos projetuais, destinado a discutir soluções que já podem ser empregadas no *home office*.

2.1 Ambientes Corporativos

A arquitetura corporativa é o segmento da arquitetura que projeta ambientes destinados a empresas e escritórios e que tem, como objetivo maior, implementar ambientes personalizados que atendam as demandas da empresa e, principalmente,

dos usuários. Além disso, busca aliar princípios já estabelecidos pela organização em sua edificação e transmitir, através do ambiente, os ideais da empresa aos funcionários, clientes e visitantes (BENCK, 2015).

Caldeira (2004) menciona que o primeiro edifício administrativo de escritórios foi o *Palácio dos Uffizi*, ilustrado na Figura 1, que, em italiano, significa escritórios. Essa edificação foi construída para a família Médici, entre 1560 e 1574, na cidade de Florença, por Giogio Vasari. Composta de três pavimentos que compreendiam uma série de salões, era conformada por dois edifícios estreitos e compridos que formavam uma espécie de rua ou pátio interno.

Figura 1 – Palácio Uffizi – Florença, Itália



Fonte: Palácio Uffizi

Disponível em: <https://mapeandomundo.com/uffizi-galeria-dellaaccademia/>. Acesso em 25 jun. 2020.

A história relata que nesse período não existiam edificações exclusivas para escritórios, assim, os edifícios públicos eram destinados ao espaço administrativo. Os primeiros espaços, nesse sentido, surgiram com os mercados, de modo que no primeiro pavimento encontravam-se os itens à venda e no segundo aconteciam negociações e acordos referentes ao comércio (CHÁVEZ, 2002).

Com o passar dos anos, os espaços administrativos continuaram em desenvolvimento, sendo que a Revolução Industrial representou um marco importante na construção dos edifícios de escritórios. A partir desse período, as empresas se desenvolveram bastante, surgindo, então, a necessidade de edificações nas quais as atividades administrativas pudessem ser realizadas, o que resultou na expansão dos espaços destinados somente a escritórios. Assim, no final do século XIX e início do século XX, Frederick W. Taylor desenvolveu a primeira teoria administrativa científica,

conhecida atualmente como *Taylorismo*, a qual influenciou desde a organização e a gestão do trabalho, até a configuração espacial dos ambientes (FONSECA, 2004).

Esse método de trabalho caracterizava-se pela segregação e racionalização espacial, com foco na eficiência e na produtividade do trabalhador. Os espaços físicos de trabalho tinham como base a hierarquia empresarial e um padrão de mobiliário com *layout* rígido, devendo garantir, aos usuários, disciplina e concentração na execução das tarefas.

Com o passar do tempo, porém, uma concepção diferente começa a ser implementada, prezando pela inter-relação entre os funcionários, com vistas a um crescimento conjunto, à relação do indivíduo com o ambiente de trabalho (FONSECA, 2004). Assim, na década de 1930, arquitetos e engenheiros passaram a se preocupar com as inadequadas condições dos ambientes de trabalho. Com isso, nas décadas posteriores, dos anos de 40 e 50, esses profissionais dedicaram-se a analisar as questões referentes aos espaços físicos de trabalho, buscando melhorá-los para se adequarem às demandas dos usuários, que eram os trabalhadores. Essas ações demonstram o pioneirismo da busca por melhor qualidade de vida no ambiente corporativo (SHOSHKES, 1976).

A Escola de Chicago trouxe uma nova concepção aos edifícios de escritórios que incluía a verticalidade, o uso de estruturas de aço e concreto armado e a consequente liberação das fachadas, o que permitia grandes aberturas e iluminação natural abundante. Esse alargamento das fachadas e aberturas, porém, comprometeu o conforto térmico e acústico dos ambientes. Mas essa nova visão representou grande inovação para a época, pois trouxe benefícios referentes à flexibilização interna devido à estrutura e distribuição dos pilares de sustentação. De acordo com Caldeira (2004), Frank Lloyd Wright foi o primeiro arquiteto a desenvolver um projeto arquitetônico e design de interiores seguindo as diretrizes da Escola de Chicago.

Em 1958 surgiram as propostas *Open Plan* (EUA) e *Office Landscape* (Alemanha), que visavam à flexibilidade e à redução de diferenças hierárquicas, buscando uma maior interação entre os usuários do ambiente laboral. Esses dois modelos têm semelhança com a tendência dos escritórios observada na atualidade (FONSECA, 2004).

Durante o século XX, havia duas conceituações ideais para arquitetura. A primeira, liderada por Lewis Mumford, compreendia a arquitetura como uma argumentação regionalista, que devia absorver os ideais da sociedade, da cultura e

do ambiente do lugar. A segunda, representada por Henry Russel Hitchcock, considerava a arquitetura como monumentos que dispensavam o entorno e o momento em que estavam inseridos, favorecendo uma arquitetura descontextualizada (FENSKE, 1997).

Assim, o ambiente corporativo sofre constante influência da arquitetura e, como já observado, está em constante evolução. Dessa forma, considerando-se diferentes parâmetros e visões, a arquitetura pode ser entendida como produto cultural ou, então, como arte.

2.2 Arquitetura Comercial

Sob o ponto de vista antropológico, a arquitetura pode ser compreendida como um produto cultural, pois, examinando a arquitetura dos povos antigos, é possível entender como eles viviam, como eram as cidades, suas moradias e dinâmicas. Mas a arquitetura também pode ser vista como uma arte, pois, a partir de uma edificação de um projeto, expressam-se ideias com sensibilidade, visando à estética e à identidade desejada. E quando as obras vão além do critério de excelência estética e se tornam ícones de edifícios emblemáticos de um determinado período, elas assumem o caráter de obras-primas (COLLIN, 2020).

Projetar é uma das competências da arquitetura, assim, o arquiteto responsável por um projeto necessita ter uma atuação criativa constante, com bagagem de informação, conhecimento e experiência. Faz parte da sua profissão compreender os problemas reais que os usuários poderão enfrentar, ou já enfrentam, pois a partir disso ele deve planejar soluções de acordo com as necessidades percebidas ou estabelecidas. Fatores como a globalização de mercados, sustentabilidade, limitação de recursos naturais, diversidade do modelo das sociedades, crise financeira, entre outros, fazem parte dos desafios a que o arquiteto precisa se adequar (OLIVEIRA, 2017).

A arquitetura corporativa deve organizar e detalhar os ambientes de uma instituição, visto que influencia diretamente na funcionalidade da empresa. Ela pode ou não facilitar os fluxos internos, proporcionar um ambiente acolhedor e favorecer a comunicação entre colegas de trabalho. O projeto corporativo ideal deve traduzir, em espaços físicos, os princípios e diretrizes da empresa (SANTOS, 2018).

A arquitetura é um ato de vontade consciente. Arquitetar 'é colocar em ordem'. Pôr em ordem o que? Funções e objetos. Ocupar o espaço com edifícios e estradas. Criar receptáculos para abrigar os homens e criar comunicações úteis para chegar até eles. Agir sobre nossos espíritos mediante a habilidade das soluções, sobre nossos sentidos por meio das formas propostas a nossos olhos e das distâncias impostas a nossa caminhada. Comover, por meio do jogo das percepções a que somos sensíveis e das quais não podemos nos desvencilhar. Espaços, distâncias e formas, espaços interiores e formas interiores, caminhadas interiores e formas exteriores, espaços exteriores – quantidades, pesos, distâncias, atmosfera, é com isto que agimos. São estes os acontecimentos que estão em causa. A partir disto confundo solidariamente, num único conceito, arquitetura e urbanismo. Arquitetura em tudo, urbanismo em tudo (Corbusier, 2004, p.78).

Dentro da arquitetura corporativa situa-se a arquitetura comercial, que deve representar fiel e claramente os conceitos da empresa, visto que a edificação ocupada pela mesma precisa se relacionar com os ideais dos seus produtos e serviços. As marcas, em sua maioria, procuram traduzir um estilo de vida, um estado de espírito voltado para o seu público-alvo, e a edificação deve ir ao encontro disso. Assim, a arquitetura deve conciliar os princípios da empresa com as normas técnicas, aliando beleza e funcionalidade em uma edificação ou em um projeto de interiores (GURGEL, 2020).

Cabe à arquitetura corporativa proporcionar um ambiente que favoreça conforto, bem-estar e qualidade de vida aos funcionários. Empresas buscam profissionais desse segmento da arquitetura para qualificar seus ambientes de trabalho, tendo em vista o máximo rendimento dos seus funcionários e, como consequência, a satisfação da empresa e dos colaboradores. É no local de trabalho que muitas vezes o funcionário passa a maior parte do seu dia, por isso é necessário que esse ambiente seja adequado e atenda a sua demanda (PIQUETTI, 2012).

É fundamental que os funcionários gostem de trabalhar na empresa e se sintam motivados para desempenhar suas atividades. Observa-se que, em alguns casos, a empresa cria o seu modo de trabalho e isso instiga as pessoas a quererem conhecê-la e a fazerem parte daquela organização. Como exemplo, pode-se citar a empresa Nubank, fundada em 2013, que possui uma lista de espera de pessoas que nela gostariam de trabalhar. Percebe-se, com isso, que alguns segmentos – voltados à economia criativa, as *startups*, a economia mais jovem – estão alterando padrões que eram consolidados. Dessa forma, há uma tendência de esses novos segmentos, essas novas ideias, conquistarem cada vez mais espaço na economia mundial (SOARES, 2016).

Uma das estratégias utilizadas por algumas organizações segue os princípios do *open plan*, também denominado *open office*. Nesse modelo, os ambientes da empresa são organizados com escritórios abertos que favorecem a integração dos trabalhadores, com uma maior autonomia e liberdade dos colaboradores. Diminuindo, em muitos casos, as áreas de circulação, esse sistema ainda promove o melhor aproveitamento do espaço, o que também permite um maior número de funcionários no mesmo ambiente, embora isso possa ocasionar problemas e desconfortos provindos de ruídos e conversas (BELL et al., 2001).

Assim, a partir das transformações observadas nos espaços de trabalho, ocorre também um crescimento do mercado de trabalho ligado à criatividade.

2.3 Coworkings

Desde o início do século XXI, verifica-se um crescimento no mercado relacionado à cultura e à criatividade, consideradas, a partir desse período, recursos econômicos essenciais no desenvolvimento urbano. Assim, esses setores foram vinculados ao crescimento econômico a partir do momento em que se percebeu seu potencial (PRATT; HUTTON, 2013).

Dessa forma, nos últimos doze anos foi possível observar o surgimento e o desenvolvimento de espaços de *coworking*, ou seja, de ambientes de trabalho compartilhado nos quais os trabalhadores realizam funções independentes e se reúnem para criar conhecimento e se beneficiar dele. Segundo Spinuzzi et al. (2019), “trabalhando sozinhos, juntos”, os ocupantes desses espaços podem se aproveitar das vantagens das comunidades através da cooperação entre colegas.

Compreender melhor o fenômeno dos *coworkings* é fundamental para entender as transformações mais recentes que estão acontecendo, tanto no surgimento de novas profissões, como na configuração de espaços apropriados para elas. Radiunaitė (2016) menciona que, a partir do início do século XXI, seguindo a sequência das evoluções tecnológicas, científicas, econômicas, sociais e políticas, diversas barreiras referentes ao ambiente de trabalho foram ultrapassadas, passando a se concentrar na procura por espaços que estimulassem a criatividade e a relação entre pessoas. A diferença, então, refere-se ao processo de desenvolvimento dos espaços que passam a ter foco no comportamento dos usuários, desenhando o ambiente conforme o seu uso e não tentando influenciar ou alterar a maneira

espontânea de utilização. Foi essa movimentação que acabou dando origem ao *coworking*, uma das formas de trabalho criativo mais comum na contemporaneidade.

Esse conceito surgiu efetivamente em 2005, na cidade de San Francisco, na Califórnia, quando Brand Neuberger (programador de computador) citou um novo tipo de ambiente de trabalho, chamado por ele de *coworking*, referindo-se ao trabalho em *home office*. Conforme o programador, quando se trabalha em casa, se obtém maior independência, mas, por outro lado, também se sofre com a solidão, com a dificuldade de separar as atividades domésticas e de trabalho e, principalmente, com a falta de um ambiente corporativo.

Inicialmente não houve muitas adesões à ideia (GANDINI, 2016), assim, a disseminação global do *coworking*, segundo Mariotti et al. (2017), está associada às consequências da crise financeira de 2008. Avdikos e Kalogerisis (2017) também a relacionam com o colapso do paradigma estável de emprego e com as precárias condições de trabalho.

É fato que as pessoas procuram esses espaços por diferentes razões, entre as quais a necessidade de contatos pessoais, de acesso à infraestrutura, de recursos compartilhados e de oportunidade de *networking* com potenciais clientes e outros colaboradores (BOUNCKEN CLAUB E REUSCHL, 2016).

Segundo Jackson (2013), o *coworking* consiste em um espaço ocupado por pessoas que compartilham, inicialmente, o espaço físico para trabalhar. Os ocupantes podem ser de áreas profissionais semelhantes ou distintas; podem trabalhar sozinhos ou em pequenos grupos e, no ambiente compartilhado, uns podem dar suporte aos outros para a execução de suas atividades.

Nesses espaços, as estações de trabalho podem ser alugadas por dia, semana ou mês, assim como existe a possibilidade de locar somente a sala de reunião pelas horas utilizadas. Portanto, de acordo com Merkel (2015), o termo espaço de *coworking* designa locais específicos, flexíveis, criados para o compartilhamento, a conexão entre pessoas e que podem auxiliar quem está começando a empreender ou ainda quem já está há mais tempo no mercado de trabalho.

De acordo com Kojo e Nenunem (2014, p. 1):

Os espaços coworking [...] são uma resposta para a economia baseada no conhecimento de hoje, que requer habilidades como criatividade, pensamento crítico, resolução de problemas, comunicação e colaboração. Tais habilidades não se aprendem facilmente pelos livros, mas pela prática e interação social.

Segundo o *Coworking Brasil* (2020), esse ambiente é uma nova forma de pensar o ambiente de trabalho, pois reúne, todos os dias, muitas pessoas que têm intuito de trabalhar em um ambiente inspirador, seguindo a tendência do *freelancing* e das *startups*: “No *coworking* você encontra ambientes especialmente pensados para o trabalho autônomo e muito *networking* com pessoas de diversas áreas.” (COWORKING BRASIL, 2020). Ainda segundo a *Coworking Brasil*, é um espaço democrático em que os profissionais podem desenvolver suas tarefas sem o isolamento do *home office* ou as distrações e perturbações de espaços públicos.

Dentro desse conceito está a ideia de formar comunidades locais, porém sem as restrições hierárquicas provindas das relações organizacionais formais. Além disso, espera-se que dentro delas exista um nível maior de colaboração, sem o distanciamento que advém das relações com o mercado. O *coworking* pode ser implementado de diferentes maneiras, porém, uma afirmação comum na literatura o relaciona à comunidade e, mais especificamente, à colaboração e à relação que ocorre dentro dessa comunidade (SPINUZZI et al., 2019).

Segundo a pesquisa de Stumpf (2013), o espaço físico do *coworking* está relacionado com a criatividade e o rendimento proporcionado. Por outro lado, o ambiente cultural, social e corporativo desse sistema desempenha um papel igualmente importante na promoção da criatividade, se comparado ao trabalho em *home office*.

Em alguns casos, os ambientes de *coworking* podem disponibilizar mais do que um espaço físico, ofertando equipamentos, funcionários, serviços de assessoria e consultoria, tudo de modo compartilhado, por aluguel. Configuram-se como novos modelos de negócio, receptivos ao novo, repletos de diversidade, criativos e instigados pela inovação (FERNANDES, 2019).

Segundo Merkel (2015), esse tipo de espaço corporativo consiste em uma nova prática social urbana, que caracteriza novas maneiras de organizar o trabalho e possibilita apoio para *freelancing* e trabalhadores independentes. Propicia e promove encontros, pois é um ambiente voltado para a comunidade e, desse modo, proporciona interação entre diferentes segmentos, visando novas ideias, práticas e novos processos na geração de conhecimento.

O *coworking* provoca amplas mudanças na maneira como o trabalho é executado e distribuído e, conseqüentemente, na forma como os profissionais se comunicam e colaboram no ambiente corporativo. Assim, vive-se, atualmente, uma

fase do trabalho distribuído, em que as barreiras tradicionais entre organizações tornam-se cada vez mais permeáveis, em que o trabalho está mais fragmentado e as funções não essenciais são terceirizadas para contratados. Esse panorama provoca uma alteração na maneira como as equipes de trabalho se organizam e favorece o trabalho autônomo ou de *freelancing* (SPINUZZI et al., 2019).

Assim, os ambientes de trabalho do *coworking* aproximam-se dos ecossistemas criativos e dos *habitats* de inovação e estão associados a espaços criativos, com locais de trabalho que fogem aos padrões do meio corporativo. Buscam ser espaços que estimulem seus usuários e promovam ações com a comunidade na qual estão inseridos, visando à integração dos colaboradores com a sociedade. Permitem a ascensão da ideia de classe criativa, mas esse conceito de criatividade em ambientes consolida-se somente a partir do momento em que se torna economicamente viável (FERNANDES, 2019).

No século XX, em consequência da industrialização, começaram as discussões acerca de atividades de lazer no ambiente de trabalho, a partir do movimento “qualidade de vida no trabalho”. Esse movimento foi protagonista na criação de espaços de lazer no ambiente corporativo, relacionados, principalmente, com a eficiência dos trabalhadores. Esses espaços podem ser relacionados com os atuais *coworkings*, que se caracterizam também pela nova dinâmica que proporcionam aos seus usuários (RESENDE, 2018).

Ching (2019) aponta alguns elementos importantes a serem considerados em projetos desses ambientes: uma iluminação quente associada à luz natural; um espectro sonoro que permita diversas opções em termos de nível energético e ruídos que variem com o nível de atividade; configurações espaciais aconchegantes, que sejam convidativas e confortáveis, conectando os usuários com a natureza e os materiais naturais; harmonização dos espaços com a taxa de ocupação; e conexão de atividades diferentes, projetando centro de serviços de apoio para promover circulação e diálogos rápidos entre os usuários.

Diante da pergunta sobre o que torna o *coworking* um ambiente de trabalho atraente para profissionais liberais, a literatura acadêmica resume a resposta a uma palavra: comunidade. Tanto a literatura acadêmica como a informal mencionam cinco valores fundamentais do *coworking*: comunidade, abertura, colaboração, sustentabilidade e acessibilidade. Isso mostra que em ambos os campos, sua base organiza-se a partir da comunidade (SPINUZZI, 2019).

Dessa forma, para se compreender ainda mais essa modalidade de trabalho, deve-se avançar no conceito de comunidade. Para Parrino (2015), o conceito refere-se às implicações relacionadas à localização dos trabalhadores no mesmo ambiente, dando ênfase à socialização que o trabalho pode proporcionar entre os colegas do mesmo espaço.

Discutir sobre comunidade supõe debater sobre pessoas, sobre experiências e, para compreender o funcionamento de um *coworking*, é apropriado refletir a partir da experiência dos usuários. Nesse sentido, Markel (2015) destaca a importância dos anfitriões desses espaços, pois são eles que facilitam a interação entre colegas de trabalho. O autor ressalta que já foi usuário desse tipo de ambiente e que em alguns espaços ele se sentiu um cliente anônimo, enquanto em outros percebeu o engajamento dos usuários para ele conseguir se relacionar com facilidade.

Esse engajamento entre usuários pode ocorrer mediante convites para almoços, eventos e afins. Dessa forma, é extremamente importante que haja uma pessoa, um anfitrião, responsável por compreender e interpretar as melhores estratégias sociais para aprimorar e facilitar a interação e, como consequência, a criatividade e a produtividade entre colegas de trabalho nos espaços do *coworking* (MARKEL, 2015).

Para Gregg e Lodato (2018), buscar mecanismos de mediação pode aprimorar a colaboração entre usuários individuais de espaços compartilhados. Entretanto, deve-se analisar as questões de competência entre diferentes culturas, diferentes pessoas e seus hábitos, pois, com o passar do tempo, o ambiente já adquire uma identidade derivada dos seus usuários. Assim, a cada vez que um novo usuário chega, ele traz consigo suas peculiaridades e pode, ou não, se adaptar ao local. Diante disso, os autores afirmam que se deve buscar manter os princípios estabelecidos e já adquiridos ao longo dos anos pelo *coworking*.

Por outro lado, a diversidade de pessoas que ocupam esses espaços costuma proporcionar satisfação aos usuários, além de incentivar a relação informal e intencional entre os ocupantes. Dessa forma, é importante que haja ambientes, dentro do *coworking*, destinados a esse relacionamento. Além disso, o uso de mesas compartilhadas favorece mais esse tipo de relação do que estações de trabalho individualizadas (OREL; ALMEIDA, 2019).

Os espaços, em sua maioria, são projetados com um alto nível de adaptação ergonômica, atendendo as necessidades dos seus usuários. Nesse tipo de ambiente

corporativo é fundamental que haja preocupação com a saúde e com a produtividade dos ocupantes, pois esses aspectos estão diretamente relacionados com a atmosfera agradável do espaço.

Segundo Spinuzzi et al. (2019), existem mecanismos espaciais que precisam ser estabelecidos nesses espaços para que se alcance a dinâmica de colaboração e interação, por isso, cada vez mais se dá atenção ao *layout* espacial e às características desses ambientes. É necessário que eles sejam economicamente viáveis e agradáveis, assim, devem ser pensadas estratégias de projeto arquitetônico e/ou de interiores que atraiam novos membros e estabeleçam um clima agradável entre eles (GASKELL, 2018).

Como já referido, sabe-se que os ambientes abertos e integrados facilitam a interação entre os usuários, mas deve haver um equilíbrio nesses espaços para que não se criem ambientes saturados de elementos que possam perturbar e afetar o desempenho individual. Essa percepção sobre o ambiente e o processo de trabalho individual varia de usuário para usuário, no entanto, em espaços compartilhados deve-se buscar criar um ambiente neutro, que agrade ao maior número de pessoas possível. Uma estratégia para favorecer a interação entre os usuários e favorecer a produtividade, por exemplo, é criar zonas de silêncio e zonas de ruídos (VASSIE; RICHARDSON, 2017).

Elementos modulares na mobília também permitem a intervenção espacial para adaptar o ambiente aos usuários e às suas expectativas. A valorização da luz natural é um fator que igualmente afeta positivamente a satisfação geral. A iluminação desses espaços deve ser projetada para atender a necessidade de trabalho diurno e noturno. Outra alternativa usada em *coworking* para amenizar o ruído é a utilização de um fundo sonoro, uma música ambiente. Entretanto, a base de um *coworking* sempre estará na eficiência da produção individual conectada com a integração dos usuários.

Atualmente, existem mais de 1.400 *coworkings* no Brasil e mais de 4.000 espaços em funcionamento no mundo. Segundo o censo de 2019 do *Coworking* Brasil, a maior parte está situada nos grandes centros e nas capitais brasileiras, principalmente em São Paulo (388), Rio de Janeiro (106), Belo Horizonte (64) e Porto Alegre (54), sendo que estão contabilizados apenas os *coworkings* registrados na organização. Segundo Fernandes et al. (2019), destaca-se a presença de profissionais ligados ao artesanato, aos cuidados pessoais, à educação, ao jurídico, à

moda e à saúde, entretanto predominam os ligados aos setores de criação, administração e finanças.

No Brasil há um grande fluxo de pessoas nos ambientes de *coworking* (214 mil pessoas circularam em 2018) e essa circulação deve-se aos próprios usuários, aos participantes de reuniões ou então a pessoas que vão a algum evento realizado no espaço. Esse dado aponta um benefício às empresas, pois demonstra um potencial para que mais pessoas conheçam os empreendedores que estão iniciando, os quais compõem a maioria dos usuários (39% estão iniciando o seu negócio). Outro dado relevante é a idade predominante dos *coworkers*, que é de aproximadamente 33 anos.

Consultados sobre aspectos referentes ao espaço, os usuários têm preferência, nas estações de trabalho, por mesas rotativas (36%), seguida por mesas fixas (29%) e por salas privadas (28%). Além disso, o censo 2018 destaca quais são os ambientes complementares de maior importância: sala de reunião, espaço de convivência, copa/cozinha e espaços ao ar livre.

Mediante consulta realizada, destaca-se, como um modelo de sucesso, o *coworking* da empresa Google, localizado no *Googplex*, no Vale do Silício, EUA. A empresa, ilustrada a seguir, caracteriza-se por disponibilizar, aos funcionários, espaços descontraídos de trabalho que se conectam com ambientes de lazer, cafeterias, restaurantes, espaços ao ar livre etc. A empresa tem, em um dos andares, um espaço de *coworking* para acolher o projeto *Google for Entrepreneurs*, ambiente ilustrado na Figura 2, que destina campo para novas *startups* apoiadas pela empresa.

Figura 2 – Espaço *coworking* Googleplex



Fonte: Itai Sikolski.

Disponível em: <https://officesnapshots.com/photos/38191>. Acesso em: 25 jun. 2020.

Por sua vez, o *coworking* conhecido como *Impact HUB São Paulo* foi o primeiro espaço desse tipo no Brasil. Iniciou suas atividades no ano de 2007 (FIGURA 3) com

a intenção de colocar lado a lado empreendedores da periferia que tinham o desejo de mudar o mundo e executivos de grandes empresas que desejavam fazer a diferença. Esse *coworking*, que passou por uma reforma em 2016 (FIGURA 4) e atualmente tem área de 1.200m², é uma organização brasileira conectada a uma rede global de empreendedores (RIBEIRO, 2014).

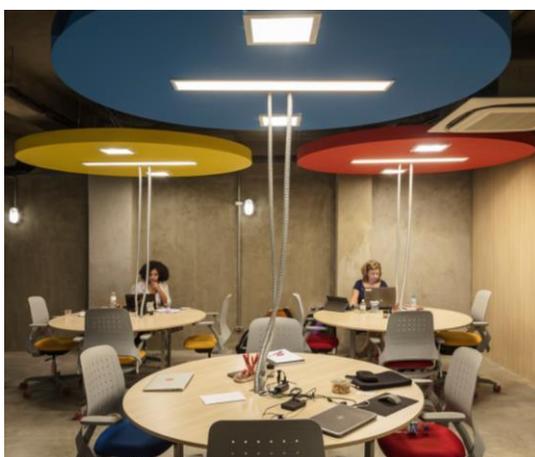
Figura 3 – Impact Hub São Paulo antes da reforma



Fonte: Catacra Livre.

Disponível em: https://catracalivre.com.br/wp-content/uploads/sites/2/2014/03/qi_catraca_livre_impact_hub.jpg. Acesso em: 25 jun. 2020.

Figura 4 – Impact Hub São Paulo após reforma

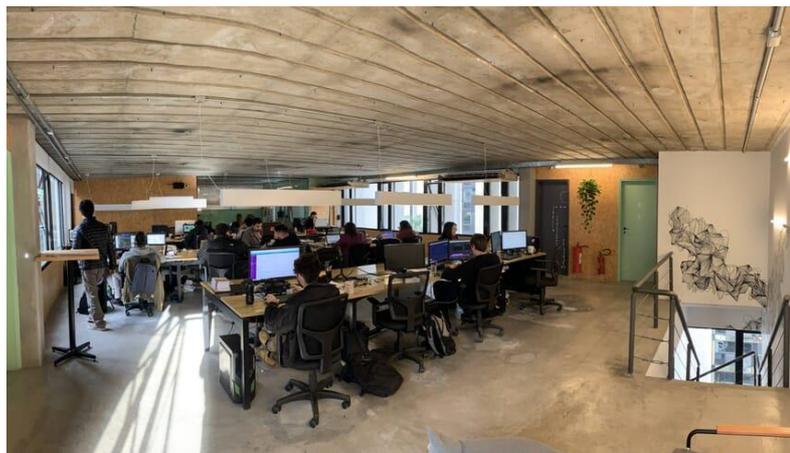


Fonte: Arch Daily (2014).

Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/904027/coworking-impact-hub-luiz-paulo-andrade-arquitetos/5bc60983f197cc91e1000323-coworking-impact-hub-luiz-paulo-andrade-arquitetos-foto>. Acesso em: 25 jun. 2020.

Localizado na cidade de São Paulo - SP, o *Osmose Coworking Berrini* (FIGURA 5) tem a função de unir pessoas que desejam compartilhar experiências, desafios, conquistas, projetos e boas histórias. Oferece ambientes com mesas rotativas, espaços compartilhados, salas privadas, sala de reunião, espaço de convivência, entre outros atrativos (COWORKING BRASIL, 2020).

Figura 5 – Salão dos residentes



Fonte: Coworking Brasil (2020).

Disponível em: <https://coworkingbrasil.org/spaces/osmose-coworking-berrini-247/>. Acesso em 25 jun. 2020.

Os ambientes de *coworking* são uma tipologia do ambiente corporativo e, além disso, podem ser vistos como parte das transformações que vêm ocorrendo no mercado de trabalho e que também impulsionaram o fortalecimento das atividades de *home office*. É possível transitar do *home office* para o ambiente de *coworking* e vice-versa. Ou seja, um usuário de *coworking* pode, na maior parte do tempo trabalhar em *home office*, entretanto, quando necessitar de um espaço com um viés mais comercial, pode usufruir dessa modalidade de trabalho.

Convém destacar, também, que grande parte dos usuários de *coworkings* são profissionais de pequenas empresas ligadas à indústria criativa, tema da próxima subseção.

2.4 Indústria Criativa

Uma reflexão sobre as áreas da economia criativa se faz necessária em virtude da multiplicidade de características e peculiaridades dos profissionais desse segmento, tanto no modo como desenvolvem seu trabalho como nos produtos e serviços que entregam, e por necessitarem de ambientes de estímulo constante à criatividade.

A criatividade consiste em um potencial inerente do ser humano, relacionado direta e intimamente com o pensamento, que origina as ideias a partir da imaginação, da intuição e da inspiração. Pode ser compreendida como a geração de ideias, como

uma nova maneira de interpretar os problemas existentes ou ainda como um novo modo de ver oportunidades de mudanças na sociedade e em suas organizações. Assim, observa-se que a criatividade está conectada com transformações e com o pensar diferente do tradicional (FERNANDES, 2019).

Relacionada ao conceito de criatividade está a inovação, entendida como um processo de mudança social, tecnológica ou econômica. Toda mudança traz a ideia de novidade, que pode ser fruto da criação ou da evolução de algo, proporcionando ao mercado algo que não existia e passa a existir. A proximidade entre os termos ocorre porque a criatividade está associada ao processo de pensamento e a inovação à ideia de concretização desse pensamento (TEIXEIRA, 2016). A inovação é um imperativo para o mercado econômico; logo, é importante promover a criatividade dos colaboradores.

A criatividade pode ser analisada sob três aspectos: artístico, científico e econômico. A criatividade artística, que engloba a imaginação e a capacidade do indivíduo de gerar novas ideias, pode ser desenvolvida em texto, som e imagem. A científica envolve a pesquisa e a experimentação e ocorre ao se fazer a conexão de novas ideias com ideias já existentes na busca de uma solução. Por último, a criatividade econômica, que está ligada à inovação em processos mercadológicos ou tecnológicos, tem em vista obter vantagens que proporcionem benefícios nas questões que envolvem a economia (KEA European Affairs 2006 apud UNCTAD, 2010, p. 3).

O conceito de indústria criativa surgiu na Austrália e na Inglaterra, em 1990, mas teve maior destaque no país de Gales, pois lá foi visto o potencial de desenvolvimento econômico desses novos modelos de negócios. Assim, o departamento de cultura, mídia e esportes desse governo buscou incentivos e estudos específicos com intuito de fomentar esse novo setor industrial. Após a obtenção de ganhos, outros países se inspiraram e passaram a buscar políticas públicas para viabilizar esse mercado (FILHO *et al.*, 2019).

Na Inglaterra existe um mapeamento detalhado das atividades criativas existentes no país. O país conta também com um Ministério das Indústrias Criativas e o governo classifica os seguintes campos como pertencentes aos setores criativos: publicidade, arquitetura, mercado de artes e antiguidades, artesanato, design, designs de moda, cinema, softwares interativos para lazer, música, artes performáticas,

indústria editorial, rádio, TV, museus, galerias e atividades relacionadas com as tradições culturais (DCMS, 2020).

O crescimento do interesse na indústria criativa também esteve ligado a um pensamento de “virada cultural”, que surgiu da conciliação de dois eventos importantes: o surgimento da sociedade do conhecimento e a transição de valores materialistas para valores pós-materialistas. Assim, produtos e serviços deixaram de ser apenas objetos de consumo e passaram a ter valor agregado, pois neles foi introduzida a criatividade para que tivessem um diferencial, uma inovação de uso ou significado (BENDASSOLLI et al., 1990).

O acesso à internet de grande parte da população mundial auxiliou no progresso do mercado da economia criativa. Ela é responsável pela rápida difusão da informação, pois possibilita conectar o mundo de maneira virtual. Além disso, permite a interação entre culturas e pessoas, facilitando a difusão de novos produtos, serviços e ideias (FILHO et al., 2019).

Dentro da temática que envolve a economia criativa, destaca-se a obra de John Howkins (2001), intitulada *“Creative Economy: how people make Money from ideas”*. No texto, o autor destaca a relação entre a criatividade e a economia, marcando o surgimento do termo economia criativa. Para o autor, “a criatividade não é uma coisa nova e nem a economia o é, mas o que é nova é a natureza e a extensão da relação entre elas e a forma como combinam para criar extraordinário valor e riqueza” (HOWKINS, 2001, p.31). O autor defende a ideia de que produtos que surgem a partir de ideias inovadoras podem agregar valor de acordo com o seu grau de novidade e desenvolvimento científico. Sendo assim, a economia criativa está focada na dinâmica dos setores econômicos com potencial de gerar rendimentos a partir da propriedade intelectual do indivíduo (HOWKINS, 2001).

A economia do século XXI está em contínua transformação, o que se pode notar observando que antes se tinha o pleno domínio da mecanização e da produção industrial e neste momento passa-se a buscar também o domínio dos setores criativos. Uma característica ligada ao setor da criatividade é a heterogenia das organizações, pois existem empreendedores individuais, microempresas e até grandes companhias que investem nele. Esse crescimento da economia criativa está diretamente relacionado com as mudanças tecnológicas dos meios de comunicação e informação. Assim, pode-se observar um aumento dos serviços criativos, os quais

exercem uma forte influência nos mercados globalizados (BARCELLOS; BOTURA; RAMIREZ, 2015).

Desse modo, a indústria criativa consiste em organizações que, a partir do desenvolvimento da comunicação e da informação, se configuram como oportunidades e novos modelos de negócios, os quais são normalmente conectados em rede, tendo como base o trabalho a partir da inovação e da criatividade (FERNANDES, 2019). Para Hartley (2005), a indústria criativa não é somente um produto, mas envolve também um período histórico, pois ela altera a maneira de consumo, o que pode perdurar por algum tempo. Para Bendassoli, a “indústria criativa é uma indústria na qual o trabalho intelectual é preponderante e onde o resultado alcançado é a propriedade intelectual” (BENDASSOLI *et al.*, 2009, p.52).

As definições sobre o conceito demonstram similaridades e divergências, entretanto todas se referem à criatividade como elemento principal que visa à criação de um conhecimento intelectual. Nesse setor, o produto ou serviço é alterado, atribuindo-se a ele um valor diferente. São as indústrias culturais que transformam ideias e conhecimento em valor econômico, unindo artes, negócios e tecnologias (BENDASSOLI *et al.*, 2009).

É notável o crescimento de novos segmentos de negócios nos últimos anos. O ser humano deixou de consumir apenas produtos e serviços que atendem as suas necessidades básicas e essa atitude permitiu que um novo mercado emergisse, qual seja, o da economia criativa. Diversos aspectos que advêm dessa economia fazem parte de nossas vidas e, conseqüentemente, do mundo dos negócios. Nesse segmento, a principal matéria-prima é a capacidade intelectual do indivíduo, que se une a outras pessoas com ideias e projetos, no intuito de fomentá-lo (FILHO *et al.*, 2019).

A economia criativa – que inclui os produtos audiovisuais, o design, os novos meios de informação, as artes do espetáculo, a produção editorial e as artes visuais – é um dos setores da economia de mais rápida expansão a nível mundial. Além disso, o setor é altamente transformador em termos de produção de ingressos, de criação de emprego e de ganhos obtidos na exportação: entre 2002 e 2011, as exportações de bens procedentes da economia criativa aumentaram em uma média anual de 12,1% nos países em desenvolvimento (UNESCO, 2013).

A indústria criativa está relacionada com a economia das ideias, sendo elas que transformam e melhoram as tecnologias. Mediante novas ideias pode-se gerar algo maior e melhor sobre produtos existentes ou então pode-se criar algo totalmente novo. Esse pensamento da indústria criativa pode ser usado em diferentes áreas, como no

entretenimento, comércio, educação, tecnologia, dentre outras. Percebe-se que os indivíduos que trabalham com a criatividade como matéria-prima aproveitam e buscam mais a cooperação entre concorrentes, com intuito de encontrar algo novo no coletivo (JONES, 2000).

A economia criativa dá lugar a renovadas maneiras de produção, as quais valorizam o conhecimento, a criatividade e a inovação e não mais o processo ou o produto em si. Por se tratar de uma produção em ciclos, a distribuição e o consumo da indústria criativa garantem a efetividade da economia do setor. São diversos setores e profissionais que se envolvem no processo, em diferentes lugares e ambientes. Alguns estão diretamente conectados ao setor e outros atuam de forma indireta (FERNANDES et al., 2018).

O setor da indústria criativa, no Brasil, pode ser dividido em três grupos. O primeiro é constituído pelos profissionais que possuem o conhecimento das ideias, ou seja, profissionais ligados a design, arquitetura, moda, publicidade, artes, música, artes cênicas e tecnologias. No segundo grupo estão os profissionais e empresas que proporcionam suporte - os serviços e indústrias relacionados à criação. O terceiro grupo comporta as atividades de apoio, que fornecem indireta ou diretamente bens e serviços para a economia criativa (FIRJAN, 2016).

No Brasil, São Paulo é um dos estados em que a indústria criativa está mais desenvolvida, podendo ser comparada com países desenvolvidos. É nesse estado que se observa a maior diversidade e riqueza da indústria criativa. Na capital paulista também se encontram mais profissionais ligados à indústria da criação, resultado da maior oferta de oportunidades. Deve-se ter cuidado para não generalizar a situação que ocorre em São Paulo às demais capitais do Brasil, pois em cada lugar existe uma diversidade e outra situação (BENDASSOLLI; ANDRADE, 2011).

Segundo pesquisa realizada pelo Sistema Firjan (2019), a maior área da indústria criativa, que envolve os segmentos de publicidade e propaganda, arquitetura, design e moda, represa cerca de 366,4 mil trabalhadores, o que representa 3,8% dos vínculos formais de trabalhos do setor em 2017. A remuneração média desses profissionais era de R\$ 5.841,00, mais que o dobro do salário médio do mercado em geral (FIRJAN, 2019).

A indústria criativa está vinculada fortemente à indústria cultural, porque, enquanto a primeira se conecta com o pensar diferente, com os setores de serviços e setores industriais, a cultural, que tem sua origem associada aos filósofos da Escola

de Frankfurt, está conectada com a produção de cultura, integrando os setores de publicidade, fotografia, cinema. Ambas as denominações surgiram em meio a críticas à produção em massa, que ocorre apenas para suprir uma necessidade. Assim, buscam promover o pensamento de que se pode fazer o mesmo, porém de forma diferente (YOON; MALECKI, 2009).

Entretanto, há uma sobreposição de conceitos e áreas entre esses dois setores, ou seja, o termo indústria da cultura é substituído por indústria criativa, tendo em vista uma nova tentativa de articulação entre os domínios da arte ou cultura, da tecnologia e dos negócios (BENTASSOLLI et al., 1990).

O modelo de indústria criativa visa descrever uma convergência entre conceito e prática de artes criativas, que são os talentos individuais de cada pessoa, com as indústrias culturais no contexto de novas tecnologias de mídia com a nova economia do conhecimento para uso de novos consumidores interativos. (NORMANDI; TARALLI, 2018, p. 18).

Considerando-se a indústria criativa, identifica-se uma variedade infinita de produtos gerados por esse segmento, aos quais se pode associar, como características, a diferenciação vertical, a perenidade e também o fato de o seu consumo estar relacionado a um consumo não essencial, ou seja, o indivíduo os consome porque eles lhe proporcionam bem-estar. Outra característica é a instabilidade, pois os produtores nem sempre sabem e conseguem prever se o seu produto terá sucesso. Atrelada a isso está a demanda dos consumidores por novidades, que é ilimitada, exigindo sempre a inovação; nem sempre, porém, com retorno financeiro (BENDASSOLLI et al., 1990).

Os indivíduos que trabalham e detêm as ideias, segundo Howkins (2001), podem se tornar mais poderosos do que os que trabalham com máquinas e, em alguns casos, mais poderosos do que os próprios donos dessas máquinas. Entretanto, para que isso aconteça, não basta ter criatividade, pois ela, por si só, não é uma atividade econômica. Ela se transformará em uma atividade econômica no momento em que produzir ideias com implicações mercadológicas ou produtos comercializáveis (HOWKINS, 2001).

A indústria criativa é gerida por pessoas que estão interessadas em manter um estilo de vida orientado pelo envolvimento com o trabalho criativo; portanto, muitas vezes, elas não têm como foco principal a parte financeira. Buscam uma atividade que seja prazerosa, que lhes proporcione bem-estar, não analisando se, para essa atividade, realmente existe demanda. Assim, é necessário que haja um equilíbrio entre

trabalhar com o que é prazeroso e com o que é financeiramente rentável (CHASTON, 2008).

Em relação às escolas e universidades voltadas para a qualificação dos profissionais da indústria criativa, observa-se que, diferentemente dos cursos de negócios, psicologia ou ainda engenharia, que ensinam sobre gestão de pessoas e de carreiras, os cursos da indústria criativa não fornecem esse tipo de conhecimento ou, se o fazem, não ensinam com a mesma sistematização. Diante disso, os alunos, em alguns casos, não assimilam todas as nuances do trabalho nesse setor, o que pode ocasionar conflitos entre expectativas pessoais e a realidade ocupacional do mercado criativo.

Dessa forma, é importante que os setores do saber e do ensinar ligados à criação, proporcionem, aos alunos, conhecimento acerca dos desafios a serem superados, da grande luta por reconhecimento e afirmação, da concorrência, dos baixos salários e da dificuldade de inserção no mercado (BENDASSOLLI; ANDRADE, 2011).

As instalações das empresas da indústria criativa costumam favorecer o processo criativo tanto na parte do pensamento (ideia) quanto na prática (execução), na sociabilização, na colaboração e no compartilhamento de experiências entre as pessoas. Os ecossistemas criativos fogem dos padrões tradicionais conhecidos e seu principal objetivo é provocar um movimento de mudança. Assim, envolvem dinâmicas de cooperação entre indivíduos diferentes, com um objetivo comum, que interagem entre si e sofrem ação dessa interação (VELASQUES, 2016) e entre diferentes profissionais, como trabalhadores, artistas, pesquisadores - todos com intuito de empreender sua criação (JACKSON, 2013).

. Os termos ambientes, ecossistema e habitat são frequentemente usados por diferentes áreas para caracterizar os locais de trabalho de organizações que têm foco na inovação e criatividade, por isso é importante compreendê-los e entender como podem se relacionar. Assim, pode-se articular os termos ecossistema e criatividade, dando origem à expressão ecossistemas criativos. Nesse contexto, deve-se compreender que inovação e criatividade são campos distintos, porém conectados (FERNANDES, 2019).

Os trabalhadores da indústria criativa são, na média, mais jovens do que a força de trabalho geral e têm taxa mais elevada de desemprego. Muitas vezes acabam no subemprego, trabalhando somente em tempo parcial, de forma intermitente ou ainda

com poucas horas de trabalho durante a semana. Além disso, percebe-se que precisam ter mais de um emprego ao mesmo tempo para conseguirem fechar sua carga horária e obterem um salário maior (BENDASOLLI; ANDRADE, 2011).

Apesar disso, a indústria criativa tem como característica a centralidade do trabalho, pois os profissionais que atuam nesse segmento possuem um comprometimento forte e afetivo com suas atividades. Suas carreiras estão associadas a eles próprios, a atividades que eles mesmos desempenham, ou seja, a atividades relacionadas a laços afetivos e à vocação. Outra característica que se observa é que esses profissionais da indústria criativa não possuem fronteiras no que se refere a trabalho, pois esse se conecta com o lazer, com a vida pessoal, profissional, com diversão etc. (BANDASOLLI; ANDRADE, 2011).

Dessa forma, tendo em vista a discussão de ideias trazidas por diferentes autores, pode-se concluir que a indústria criativa é um mercado de trabalho em desenvolvimento, no qual a criatividade se une à inovação, com vistas a fazer algo novo, algo diferente. A indústria e a economia criativa caminham juntas e possibilitam o desenvolvimento desse mercado, fazendo com que cada vez mais profissionais se interessem por esse segmento.

Também cabe destacar uma tendência de grande parte dos atuantes nesse mercado serem autônomos ou trabalharem em pequenas empresas, embora haja grandes empresas no segmento. Essas características reforçam o potencial do setor para organizar-se em modelos de trabalho em *coworking* ou *home office*.

Como os profissionais da indústria criativa tendem a buscar espaços que os estimulem, é imprescindível compreender a relação entre a indústria criativa e a espacialidade, ou seja, é fundamental que os espaços sejam vistos como estímulo para o usuário. Assim, inicia-se a análise desse processo pela compreensão do termo espaço.

2.5 Espaços Criativos

O espaço é um ingrediente fundamental para o projetista e para a arquitetura. Através do volume espacial, podemos nos mover, ver formas, ouvir sons, sentir brisas agradáveis, sentir o calor do sol, sentir fragrâncias. Os elementos do entorno de um espaço proporcionam a ele diversas características sensoriais e estéticas (CHING, 2019).

O espaço não é uma matéria concreta como a pedra ou a madeira. É um vapor inerentemente difuso e sem forma. O espaço universal não tem definição. Uma vez que um elemento é colocado em seu campo, contudo, é estabelecida uma relação visual. À medida que outros elementos são introduzidos no campo, diversas relações se estabelecem entre o espaço e os elementos, bem como entre os próprios elementos. O espaço é então formado por nossa percepção de tais relacionamentos (CHING, 2019).

Em geral, o espaço consiste em um lugar onde se pode estar, porém, para o arquiteto, consiste em uma existência objetiva, à qual ele poderá dar forma, partindo de sua criatividade e utilizando materiais diversos. Esse profissional pode criar e projetar qualquer tipo de espaço, obedecendo normas técnicas, com vistas a atender as necessidades dos seus usuários (COLLIN, 2020). Através de habilidades como a colaboração, a comunicação e o pensamento crítico, é possível propor espaços criativos que promovam a comunicação entre os ocupantes, podendo ser ambientes inspiradores e saudáveis (KELLY, 2016).

A arquitetura proporciona, ao homem, a criação de lugares que passam a acolhê-lo, sendo que esse acolhimento ocorre em duas dimensões: na escala do indivíduo, quando a arquitetura promove a criação da morada para o homem; e na escala da cultura, quando cria os espaços fora da residência, tais como monumentos, edifícios comerciais, escolas, prefeituras etc. (ABREU, 2005).

Um ambiente criativo tem a intenção de inspirar, promover a imaginação dos seus usuários. Também procura promover emoções, que podem ser boas ou ruins, dependendo da proposta dos ambientes, pois, em alguns casos, esses são utilizados para produzir a sensação de inquietude, desconforto, para que o usuário saia da sua zona de conforto. Mas, na maioria dos casos, deseja-se produzir um ambiente criativo que promova o bem-estar, conforto e inspiração.

Existem diversas estratégias para incluir criatividade em espaços. Introduzir cor em ambientes criativos é uma delas, visto que pode expressar sentimentos, comunicação e pensamento. Ela também representa um poderoso meio de comunicação, pois influencia no processo cognitivo através do seu potencial sensorial e subjetivo, interferindo diretamente no resultado de um espaço (MOUTINHO, 2016).

Dessa forma, a cor em ambientes deve ser utilizada com intuito de influenciar o desempenho dos usuários do espaço. As cores estão diretamente relacionadas com a iluminação do espaço, pois são facilmente alteradas, dependendo da incidência da luz. Assim, quando se define que a cor irá exercer papel determinante no projeto, é preciso adequar o projeto luminotécnico para que os dois itens entrem em harmonia

e causem, ao usuário, o efeito desejado pelo profissional. Outro aspecto que influencia na cor é a textura da superfície em que será aplicada, porque, dependendo da textura, altera-se a intensidade da cor (GURGEL, 2020).

Pode ser uma ferramenta na transmissão de ideias, sensações, emoções em qualquer área disciplinar, seja ela arquitetura, *design* ou artes plásticas. As cores afetam de modo individual cada pessoa, com condicionantes sociais e culturais, e permitem chamar a atenção ou seduzir de modo intenso e atraente (MOUTINHO, 2016, p. 37).

A escolha da cor é fundamental, ou seja, deve-se saber a sua matriz, a sua influência sobre os espectadores, as emoções e efeitos que ela proporciona para os indivíduos. Dessa forma, ela é utilizada como ferramenta de projeto e não simplesmente como elemento decorativo de uma composição. A utilização da cor em um escritório, por exemplo, pode tornar o ambiente um local mais produtivo. Em restaurante, pode fazer com que o consumidor consuma mais comida. Em uma sala de espera, pode deixar o espaço menos cansativo e proporcionar tranquilidade ao ambiente. Pode-se afirmar que a cor influencia no humor, no estado de espírito do usuário do ambiente, pois ela atua no subconsciente do ser humano, trazendo lembranças de determinadas sensações (GURGEL, 2020).

Enfim, a cor é um elemento visual e proporciona sensações aos indivíduos, ressaltando-se que cada cor provoca uma reação, um sentimento em quem a vê. É considerada algo subjetivo, pois cada pessoa tem a sua percepção referente à coloração. Em relação à arquitetura, design e artes, ela é um elemento plástico utilizado por artistas (MOUTINHO, 2016). A imagem a seguir mostra um exemplo do impacto que o uso da cor pode ocasionar (FIGURA 6).

Figura 6 – Cor em ambientes



Fonte: Work solution (2020).

Disponível em: <https://www.worksolution.ws/como-a-cor-do-escritorio-interfere-na-productividade-da-equipe/>. Acesso em: 25 jun. 2020.

Os espaços criativos não estão relacionados somente aos ambientes internos, mas também a ambientes externos, em cidades, buscando inspirar todos que transitam nesses locais. Por exemplo, uma estratégia criativa também encontrada em ambientes internos, mas que tem mais expressão em ambientes externos é o grafite. Ele ajuda a constituir espaços criativos e é considerado uma arte urbana, que estimula um diálogo na sociedade. Os artistas dessa manifestação apropriam-se dos espaços públicos e coletivos, tendo em vista uma maior socialização da arte. Dessa forma, incluem a arte em nosso cotidiano, retirando-a da formalidade dos museus e instituições, como ilustra a imagem a seguir (FIGURA 7). A cidade, sendo um elemento vivo e mutável, facilita e possibilita a troca de experiências individuais e coletivas (ROSA, 2006).

Figura 7 – Grafite em ambiente interno



Fonte: Pinterest (2020).

Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/400116748124773414/>. Acesso em: 25 jun. 2020.

Diversos artistas expõem sua arte em planos grafitados. No âmbito internacional, destaca-se Banksy, pseudônimo de um artista britânico e ativista político, que, a partir de suas criações, questiona o modelo político e social em forma de protesto. Suas obras expõem a sociedade, os mecanismos de poder e conceitos de autoridade, bem como criticam o comportamento humano. Seus grafites utilizam o sarcasmo como ponto de partida e, em sua maioria, provocam, no observador, a sensação de concordância e identidade. Algumas de suas obras, além de estarem nas ruas, encontram-se em galerias em Londres, como pode ser visualizado na Figura 8.

Figura 8 – Grafite Banksy



Fonte: O Globo (2020).

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/a-arte-de-banksy-icone-do-grafite-chega-ao-brasil-6682261>. Acesso em 25 jun. 2020.

No Brasil, também se observa o grafite proporcionando criatividade para espaços, com destaque para a Escola Aprendiz, localizada na Vila Madalena, em São Paulo. Essa escola tinha caráter liberal, porém, devido a investimentos, a arte urbana que a escola disseminava não vinha das ruas e não tinha a questão social como direção. A partir disso, a arte foi ressignificada e passou a ser institucionalizada:

Desse modo, o grafite além de continuar como arte de rua, passa a estar presente também em outro espaço, ressignificando-o em um novo contexto, com novos sentidos, com novos motivos gráficos e com novos suportes e técnicas gráficas. Contudo, nesse contexto, ele nem sempre é ousado e transgressor, pois caminha para um universo mais lúdico e imagético (OLIVEIRA, 2015, p.72).

A Figura 9 ilustra um exemplo do Beco do Batman, em São Paulo, onde artistas desenvolvem suas manifestações, o que possibilitou a exploração do turismo no local.

Figura 9 – Beco do Batman, SP



Fonte: Melhores destinos (2020).

Disponível em: <https://www.melhoresdestinos.com.br/beco-do-batman-sao-paulo.html>. Acesso em: 20 jun. 2020.

Uma marca presente nos grafites é a utilização da cor para dar vida aos desenhos. Já foi abordado que essa estratégia favorece a criação de espaços

criativos, assim como o grafite proporciona a um ambiente uma identidade única que favorece a criação, a inovação e o bem-estar do usuário (MOUTINHO, 2016; OLIVEIRA, 2015).

Outra estratégia que proporciona bem-estar e aconchego é a utilização de vegetações no ambiente interno. Elementos da natureza trazem diversos benefícios para interiores, como a melhora do ar, o sentimento de estar em ambientes abertos, a estimulação estética, dentre outros. Estima-se que, quando o ambiente interno possui uma qualidade de ar boa e os indivíduos que ocupam aquele ambiente se sentem bem, eles tendem a ser mais produtivos e criativos (MANSANI et al., 2018).

Estudos também apontam que a utilização de vegetação em ambientes de escritórios proporciona, ao trabalhador, um sentimento de que está mais saudável e com mais energia, o que melhora sua capacidade de concentração e a realização de tarefas que requerem atenção prolongada. Segundo pesquisadores, a convivência com elementos da natureza, como ilustra a Figura 10, eleva o humor e reabastece a energia mental do usuário, melhorando sua memória e impulsionando sua criatividade (FRIEDMAN, 2018).

Figura 10 – Vegetação em ambientes de escritório



Fonte: Sutentarque (2020).

Disponível em: <https://sustentarqui.com.br/jardins-verticais-em-escritorios/>. Acesso em: 25 jun. 2020.

A personalização da estação de trabalho é uma estratégia para promover bem-estar e acolhimento ao usuário. Utilizar plantas, fotos, miniaturas, adesivos, entre outras decorações particulares, proporciona um sentimento de pertencimento ao espaço. Quando não existem esses elementos, observa-se uma tendência de

desapego e descontentamento em relação ao ambiente de trabalho (CASSANO; VIDAL, 2008).

Em ambientes internos também é extremamente importante tirar partido da iluminação natural. Em especial nos escritórios, é indispensável conectar a iluminação natural com a artificial, tendo em vista a complementação de luz aos ambientes. A iluminação artificial é mais facilmente controlada, podendo-se criar cenas de acordo com a necessidade do momento, seja dia, seja noite, dia chuvoso ou dia ensolarado, entretanto a iluminação natural proporciona uma melhor sensação ao usuário, pois o deixa conectado com o passar do dia, garantindo que ele se relacione com o meio externo (GRAZZIOTTI; TIBIRIÇÁ, 2007).

Bem-estar e espaços criativos estão relacionados e caminham juntos. Os ambientes de trabalho que possuem maior conforto - seja térmico, acústico ou lumínico -, favorecem o bem-estar do usuário, permitindo que ele desenvolva suas funções com excelência. Quando um colaborador está em um ambiente confortável, que atende as suas necessidades e o estimula, ele tende a ser mais criativo e inovador (CASSANO; VIDAL, 2008).

As salas de trabalho dos escritórios devem apresentar-se como locais apropriados ao bem-estar físico e mental dos usuários, levando em conta que eles passam a maior parte do tempo nesse ambiente. Ter um escritório organizado e inspirador proporciona tanto ao usuário diário quanto ao visitante (cliente, fornecedor etc.), a sensação de conforto.

Igualmente cabe destacar que a existência de áreas de lazer no ambiente corporativo reflete a ideia de liberdade, proporcionando ao usuário um local de relaxamento e descontração. Essas áreas de descontração fazem parte dos espaços criativos, pois, em alguns casos, possuem infraestrutura para os usuários tomarem café, lancharem, cuidarem de si mesmos (corte de cabelo, manicure etc.), jogarem algum jogo (pebolim, ping-pong, videogames), tudo dependendo da relação que a empresa quer ter com seus funcionários.

São áreas importantes, pois, além de promoverem interação entre os funcionários, permitem que eles relaxem, permanecendo em um ambiente agradável por algum tempo, e depois voltem a suas atividades laborais. Nesses espaços o funcionário pode limpar a mente ou ainda buscar inspiração. Para que um espaço seja criativo, ele deve promover bem-estar e descontração, mas, acima de tudo, deve ser um local de inspiração para o usuário (PEREZ, 2018).

As áreas e atividades de lazer, denominadas *team building*, estão voltadas à busca de qualidade de vida no trabalho, pois contribuem, por diversos fatores, no bom funcionamento da empresa e na saúde dos indivíduos, além de favorecerem a comunicação interna e a produtividade. Promover o desenvolvimento pessoal, as capacidades cognitivas, a criatividade e a boa disposição permite que o funcionário se sinta constantemente motivado, com autoestima elevada, com sentimento de autorrealização e, como consequência, satisfeito com seu local de trabalho. Apresenta-se, como exemplo desse tipo de espaço, a sala de jogos Google Brasil, na Figura 11 (CAMPOS, 2008).

Figura 11 – Sala de jogos Google Brasil



Fonte: Google Blog (2020).

Disponível em: <https://brasil.googleblog.com/2016/04/do-brasil-para-o-mundo-novo-escritorio-bh.htm>.
Acesso em: 20 jun. 2020.

Na imagem acima, observa-se uma tendência para um novo ambiente corporativo, diferente do tradicional escritório com paredes brancas, salas fechadas, mesas e armários. Esse novo espaço propicia que o trabalho também seja realizado nas áreas de lazer, de diversão e possibilita autonomia ao colaborador. Nessa nova configuração, o trabalhador pode escolher onde deseja desenvolver suas atividades, podendo fazer o seu horário, relaxando e se divertindo. Todas essas ações buscam o seu bem-estar e, como consequência, o seu rendimento (PEREZ, 2018).

As áreas de lazer com enfoque nos trabalhos ligados à criação devem favorecer a mente e não somente a cultura do corpo, com atividades físicas, por exemplo. Devem ter a função de distração, recreação e favorecer a cultura, para que assim a saúde integral do indivíduo seja atingida. Essas áreas dentro das organizações também auxiliam na prevenção da saúde física e principalmente mental, valorizando cada vez mais a qualidade de vida no trabalho (BATISTA; RIBEIRO; JUNIOR, 2012).

Vale apontar, porém, que essas áreas dentro do ambiente corporativo criam uma dependência maior entre o trabalhador e o seu local de trabalho, pois fazem com que o indivíduo permaneça nele por mais horas. Por isso é importante entender o trabalho do indivíduo como autônomo e flexível, principalmente para as áreas ligadas à criatividade e inovação (SAVAL, 2014).

Essas estratégias abordadas visam à qualidade de vida no trabalho (QVT) e podem ser entendidas como ferramentas de gestão com potencial de impulsionar um ambiente de trabalho prazeroso e alegre, que resulte em satisfação diária dos colaboradores. Além disso, são capazes de despertar a intuição e facilitar a sociabilização e interação dos funcionários. Dessa forma, a empresa contará com indivíduos motivados e criativos, características fundamentais para o funcionamento e crescimento das empresas contemporâneas dentro da sua diversidade (VASCONCELOS, 2001).

Enfim, cabe ao arquiteto perceber as necessidades dos usuários e, a partir dessa compreensão, definir estratégias para atendê-las e traduzi-las por meio de um projeto de interiores. Para melhor compreensão acerca das dimensões impostas a um projeto de interiores, parte-se para a análise do seu conceito e da sua área de atuação.

2.6 Projeto de Interiores

Na arquitetura, segundo o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU), utilizam-se as seguintes nomenclaturas: projeto de interiores, projeto de arquitetura de interiores ou ainda projeto de reforma de interiores. Já o Ministério da Educação e Cultura (MEC) instituiu o termo design de interiores, com ênfase ao termo design, e, como consequência, designou o profissional como designer de interiores.

Em um panorama histórico, a profissionalização da atividade do arquiteto ocorreu no final do século XIX, na Inglaterra, a partir da criação de associações e clubes que tinham o intuito de fiscalizar e também valorizar os profissionais da época. Ao longo do século XX, na Europa e nos EUA, a tarefa de projetar edificações ou ambientes tornou-se mais complexa, o que levou à sua regulamentação, com a criação de regras, normas técnicas e parâmetros de projeto.

De acordo com a transição dos períodos, o projetista também alterou seu pensamento e, a partir da industrialização, a exigência sobre o profissional aumentou. Então aconteceu a distinção entre o profissional que realiza o projeto e o profissional

que o executa, pois, anteriormente, o próprio arquiteto executava suas criações. Dessa forma, o “desenho” do projetista é valorizado e ele ganha mais tempo para projetar e se qualificar (LAWSON, 2011).

O processo de um projeto inicia na relação entre cliente e arquiteto, momento em que este último deve ser capaz de observar e ouvir as necessidades do cliente, interpretando suas ideias e informando sobre as etapas de trabalho. Após esse primeiro contato, ainda na primeira fase, estabelece-se o programa de necessidades ou *briefing*, quando o arquiteto organiza, a partir das informações coletadas, qual o estilo e as necessidades do seu cliente.

Dentro de um projeto, tanto na escala de interiores quanto no arquitetônico, é importante considerar as necessidades do cliente, sendo relevante atender os princípios de ergonomia do ambiente construído, sempre objetivando o conforto, a segurança e o bem-estar do usuário do espaço (OLIVEIRA; ALVÃO, 2017).

Na segunda fase ocorre o diagnóstico e levantamento de dados que serão a base do processo criativo. É nessa etapa que se realiza o levantamento físico do local, considerando se a edificação será reformada ou se o terreno abrigará uma nova edificação. A partir das informações coletadas, inicia-se a primeira parte da criação, com desenhos de croquis, estudos de plantas e o desenvolvimento da ideia do projeto. Nessa etapa também se desenvolve a apresentação do projeto para o cliente, com todas as informações necessárias para que ele compreenda a ideia proposta (GIBBS, 2014).

A terceira fase consiste no projeto executivo, aprovado em croquis, perspectivas e plantas baixas. Deve-se desenvolvê-lo com as especificações necessárias para a execução, a fim de que fique de acordo com as expectativas da etapa anterior. São desenvolvidas plantas baixas, cortes, vistas, *layouts* etc. Nessa fase, após a realização do projeto executivo, ocorre a elaboração dos orçamentos dos produtos e itens contemplados no projeto. Apresentados os orçamentos, o cliente deve aprovar e estabelecer a equipe que irá executar seu projeto, ressaltando-se que o projeto executivo deve guiar os prestadores de serviço.

A quarta fase contempla o acompanhamento, feito pelo profissional responsável, o qual deverá cuidar para que sejam seguidas as etapas detalhadas no projeto executivo. Também é nesse momento que se realiza o cronograma de obra junto aos prestadores de serviço. O acompanhamento ocorre até a finalização total da obra, para que tudo saia conforme o desejado. Essas etapas de projeto são

fundamentais e norteiam qualquer projeto, seja arquitetônico ou de interiores, corporativo ou residencial (GIBBS, 2014).

A arquitetura de interiores consiste no planejamento, no *layout* dos espaços internos de uma edificação, os quais proporcionam o sentimento de abrigo e proteção do usuário. É nesse ambiente interno que passamos a maior parte de nossas vidas, assim, ele influencia diretamente nas nossas atividades e em nosso dia a dia. Esses espaços nutrem nossas aspirações e exprimem as ideias que acompanham nossas ações, influenciando no nosso humor e na nossa personalidade. A arquitetura de interiores deve ter como objetivo a funcionalidade com aprimoramento estético (CHING, 2019).

Dessa forma, a busca pela ergonomia é um dos requisitos da arquitetura de interiores uma vez que procura considerar as dimensões humanas e as suas características, adequando e adaptando o projeto às necessidades do indivíduo. Ao se projetar um ambiente ergonômico, é preciso avaliar quais serão os problemas futuros que poderão ocorrer naquele ambiente, seja residencial ou comercial. Assim, um bom projeto depende da relação cliente e projetista, pois, quanto maior for essa proximidade, mais fácil a percepção das necessidades. A ergonomia tangencia aspectos relacionados com conforto e usabilidade das edificações (FALCÃO; SOARES, 2011).

No passado, os ambientes internos eram organizados e decorados por artesãos, estofadores, marceneiros e, principalmente, pelo próprio usuário, que organizava o seu espaço à sua maneira, de acordo com seus ideais, sem muitas vezes conhecer questões ergométricas, estéticas ou de conforto. Nesse período, o projeto de interiores ocorria de forma espontânea, pois o usuário criava e incorporava novidades no ambiente de acordo com a sua experiência nesse espaço (BROOKER; STONE, 2014).

Atualmente, o projeto de interiores é resultado da elaboração, da criação intelectual da atividade exercida por diferentes profissionais - arquitetos, designers de interiores, designers industriais - ou ainda por profissionais sem formação acadêmica. Expressão essa empregada de forma unânime pelos profissionais, correspondendo com maior fidelidade ao entendimento do termo na prática (OLIVEIRA; ALVÃO, 2017).

O foco de um projeto de interiores deve ser compreender como o ambiente influencia o comportamento dos indivíduos, tendo em vista melhorar sua qualidade de

vida. É composto por estratégias, soluções, materiais e acabamentos que criam uma atmosfera para o espaço e promovem sensações. É dever da arquitetura de interiores aliar estética e funcionalidade, bem como promover a saúde, a segurança e o bem-estar do usuário durante a sua vivência no local (PILE; GURA, 2014).

É importante estabelecer um conceito ao projeto, pois ele norteará diversas decisões projetuais. A criação de um ambiente em qualquer segmento (residencial ou comercial) ocorre tendo como ponto de partida uma infinidade de soluções e possibilidades. Dessa forma, em diversos momentos, faz-se necessária a tomada de decisões, que deve se basear nesse conceito (ideia preestabelecida inicialmente, baseada em fatos), o que favorece e facilita a obtenção do resultado esperado (ABRAHÃO; DELGADO; PIMENTA, 2016).

Esse conceito é criado a partir de diversas considerações e aspectos, mas seu ponto de partida está na elaboração do programa de necessidades, também chamado de *briefing*. Nesse momento, o profissional conversa com o cliente para obter todas as informações necessárias para a realização do projeto, coletando informações referentes ao gosto, preferências, perfil etc. Ou seja, o arquiteto tenta definir conceitualmente o que se deseja obter como resultado final (ABRAHÃO; DELGADO; PIMENTA, 2016).

Essas decisões são tomadas para gerar e transmitir sensações, resgatar memórias, influenciar o humor e os sentimentos dos usuários. Esses sentidos são ativados com os estímulos visuais - cores, decoração, disposição do mobiliário -, mas podem ser ainda mais explorados quando são acrescentadas sensações táteis, olfativas, gustativas, criando-se um ambiente plenamente sensorial que busca gerar uma ligação entre os usuários e o local (ABRAHÃO; DELGADO; PIMENTA, 2016).

É importante que os profissionais que projetam interiores em obras maiores, com maior complexidade, reúnam-se com os futuros usuários do ambiente, tenham a vivência do cotidiano e entendam como o novo projeto poderá auxiliar questões problemáticas ainda despercebidas. Um aspecto importante em um projeto de interiores é a constante mudança, por isso, o ambiente deve ser flexível e favorecer rearranjos. Muitas vezes algumas soluções podem funcionar e perdurar por tempo, mas outras podem ser momentâneas (CHING, 2019).

Projetar é uma ação artificial e complexa que requer criatividade, acúmulo de informação e de conhecimento aliado com experiência. Durante o processo de projeto há diferentes desafios, entre os quais definir com precisão os problemas dos usuários

e buscar possíveis soluções para eles. Por outro lado, em alguns casos é necessário prever possíveis problemas, projetar sobre algo que pode ocorrer, ou seja, trabalhar com hipóteses.

Um projeto pode ser realizado por diferentes profissionais e áreas do conhecimento, mas aqui trata-se especialmente o projeto realizado por arquitetos e designers de interiores (OLIVEIRA; ALVÃO, 2017).

A Resolução Federal CAU/BR nº 64/2013, na NBR 13.531, estabelece os conteúdos mínimos do processo de projeto. Inicia-se com o estudo preliminar, que consiste na etapa de organização das primeiras ideias, de levantamento do local e organização do programa de necessidades. Assim, no Anteprojeto é feita a representação das informações técnicas, iniciam-se os primeiros detalhamentos e realizam-se estimativas de prazo e custo. No Projeto de Execução é feita a representação de todas as informações técnicas definitivas, ou seja, é quando se detalham todos os elementos e se especificam os itens que contemplam o projeto.

Entretanto, na prática existem diferentes métodos para elaborar o projeto de interiores, que variam de acordo com o processo de trabalho do profissional. Na arquitetura, elabora-se o projeto a partir de princípios e normas de ação estabelecidas, ou seja, o processo consiste em uma sequência de fases que inicia no levantamento do local, segue no programa de necessidades, no desenvolvimento de ideias, na criação e finaliza com o projeto executivo. No design, por ser uma atividade interdisciplinar, os métodos têm diferentes origens e variam de acordo com o problema que será enfrentado e a teoria a que se refere o projeto (OLIVEIRA; ALVÃO, 2017).

Observa-se uma tendência na arquitetura de interiores em mesclar espaços que relembram a arquitetura residencial com espaços comerciais e corporativos. Dessa forma, áreas confortáveis e aconchegantes podem ser vistas ao exterior, ambientes de copa e cozinha podem ser como a sala com lareira de uma casa, que promove a permanência, ambientes de refeitório podem ser transformados em espaços de trabalho (CHING, 2019).

Um ambiente deve espelhar a personalidade e o estilo pretendidos, de forma que a cultura no ambiente residencial reflita os aspectos relacionados ao usuário. Já o ambiente comercial deve refletir os princípios da empresa, sem desconsiderar o usuário que irá ocupar o espaço. Associar elementos de decoração ao ambiente

facilita a apropriação do usuário com o espaço, desde que esse tenha relação com a vida e as peculiaridades do cliente (ARAÚJO, 2018).

Aliar um projeto de iluminação ao projeto arquitetônico e ao de interiores tende a aumentar a qualidade dos ambientes. A arte da iluminação compreende o conforto e o bem-estar do usuário, conceitos de economia e legislação normativa. Um ambiente com iluminação inadequada pode causar incômodos visuais e até mesmo enfermidades (OLIVEIRA, 2017).

A NBR 5413 estabelece as medidas de iluminação artificial mínimas para os ambientes internos de uso de comércio, da indústria, de ensino, entre outros. Analisando-se a Norma, obtêm-se informações a respeito dos valores indicados para inúmeros ambientes de acordo com o tempo de permanência no local, com a atividade a ser exercida e as características dos usuários, entre outros aspectos.

No final do século XX ganhou força a ideia de que o projeto de interiores também deveria contribuir para o desenvolvimento sustentável. Isso devido ao fato de que qualquer projeto executado consome recursos naturais e ocasiona poluição e resíduos durante os processos de construção, assim como uso do ambiente e descarte. Com isso, o projeto de interiores também passou a ter o compromisso de minimizar os impactos negativos causados ao meio ambiente (BROOKER; STONE, 2014).

Assim, como em um projeto arquitetônico, no projeto de interiores deve-se utilizar materiais e elementos que tenham um longo ciclo de vida, visando a um projeto consciente (ARAÚJO, 2018). O termo *ecodesign* surgiu por volta de 1980 e, quando se refere ao mobiliário, busca trazer um sistema de produção adequado às questões ambientais. O processo construtivo leva em consideração o menor uso de matéria-prima e recursos naturais, a reutilização e descarte correto dos resíduos e, ainda, a criação de materiais com maior durabilidade, gerando, dessa forma, uma cadeia produtiva com plena consciência ecológica (VENZKE, 2002).

Com as dimensões do projeto de interiores compreendidas, enfoca-se o conceito do *home office*, pois essa modalidade de trabalho requer um projeto complexo, visto que precisa atender, de forma equilibrada, as necessidades de trabalhar e de morar do usuário, bem como as relações com os demais moradores da residência. Dessa forma, para entender a transição ao *home office*, é preciso, antes de tudo, compreender como se deu a evolução dos sistemas de trabalho.

2.7 Home Office

Até a chegada da Revolução Industrial, o trabalho artesanal e individual era realizado pela maioria dos trabalhadores. Com a criação da máquina a vapor, inúmeros maquinários surgiram, provocando a mecanização do trabalho. Com essa nova realidade, grande parte dos trabalhadores rurais passou a trabalhar nas fábricas, centralizando a realização das tarefas em um único lugar. Essa mudança acarretou em produtos padronizados, com menor custo de execução e, conseqüentemente, de venda. Assim, a popularização dos produtos industriais passou a prejudicar os artesãos e a venda dos produtos produzidos por eles.

A segunda fase da Revolução Industrial trouxe o *Fordismo*, um sistema de trabalho que funcionava como uma cadeia de montagem dos produtos, reduzindo o tempo de trabalho e a matéria-prima utilizada e aproveitando ao máximo a capacidade operacional dos trabalhadores. A implementação da linha de montagem implicava na realização de uma única atividade por pessoa, o que gerava maior conhecimento e especialização no trabalho realizado, mas, ao mesmo tempo, o desconhecimento do processo de produção total dos produtos.

As mudanças Pós-Revolução Industrial seguiram acontecendo, como quando os irmãos Schenelle, no período da Segunda Guerra, criaram o conceito de escritório panorâmico, ou quando, na década de 1970, surgiram os escritórios com planta livre e modelos de baias. Já por volta da década de 1990, com a crescente popularização dos computadores e uma maior possibilidade de flexibilização do trabalho, ganha popularidade o modelo de teletrabalho ou *home office* (SILVA, 1997).

Com a evolução das tecnologias, ocasionada pela inovação e por tendências globais, altera-se o jeito de viver, conviver, aprender e trabalhar. Os processos e a comunicação ocorrem cada vez mais de forma virtual, mudando a maneira de realizar negócios. A internet torna-se essencial e viabiliza diferentes formas de comunicação e busca por informação. Diante disso, as empresas começam a alterar o modo como se relacionam, realizam tarefas e se apresentam ao mercado. Preocupam-se cada vez mais com o bem-estar do colaborador, visando produtividade e lucro (GATTI et al., 2018).

O conceito inicial de *home office* referia-se a teletrabalho e foi concebido nas décadas de 1970 e 1980 por Jack Nilles e Alvin Toffler. Niles trabalhava na NASA e Toffler era escritor norte-americano. Ambos defendiam que o trabalho fosse deslocado

para a residência do colaborador, ou o mais próximo possível dela, e que essa alteração fosse realizada com o suporte de modernas tecnologias. A ideia era permitir movimentar o trabalho até os trabalhadores, ao contrário do sistema convencional em que os trabalhadores se moviam até o trabalho (SOUZA, 2005.).

Assim, uma das forças motrizes para a modalidade de *home office* foi a disseminação e a disponibilidade da tecnologia. As ferramentas de tecnologia presentes no nosso dia a dia é que viabilizam e agilizam a gestão do trabalho a distância. Entre elas, pode-se citar telefones, computadores, redes conectadas com a empresa, software de organização de tarefas, gerenciadores de projeto, vídeoconferências, entre outras tecnologias que permitem a interação entre pessoas que se encontram em diferentes e distantes lugares (BRYNJOLFSSON; MCAFEE, 2014).

A nomenclatura *home office*, traduzida, significa “escritório em casa” e é utilizada quando o trabalhador exerce sua jornada de trabalho, de forma integral ou não, em seu domicílio particular, ou seja, fora dos ambientes da empresa. Para isso, ele utiliza tecnologias e ferramentas que o conectam com a organização a que está vinculado. No Brasil, temos a SOBRATT, Sociedade Brasileira de Teletrabalho e Teleatividades que define:

O teletrabalho é a modalidade de trabalho, que utilizando as tecnologias da informação e das comunicações (TIC), pode ser realizada à distância, fora do âmbito onde se encontra o contratante, de maneira total ou parcial, podendo realizar-se em relação de dependência (empregado) ou de maneira autônoma (*freelance*), executando atividades que podem ser desenvolvidas pelos equipamentos móveis, tais como computadores, smartphones, tablets etc. (SOBRATT, 2015).

As pesquisas sobre o trabalho a distância trazem diversas nomenclaturas, como trabalho remoto, teletrabalho, trabalho virtual, *telework*, *telecommuting*, para abordar o também chamado trabalho em *home office*. Como esta pesquisa envolve ambientes, optou-se, preferencialmente, pelo termo *home office*, mesmo que em alguns momentos se faça uso de outras nomenclaturas, por serem sinônimos ou por exigência do texto.

Como já mencionado, o *home office* refere-se às atividades que são realizadas a partir de casa com o suporte de tecnologias informacionais. O trabalho nessa modalidade, na maioria dos casos, apresenta algumas vantagens e características específicas, pela flexibilidade nos horários, pela comunicação a distância e pelo uso de tecnologias. Também permite que o trabalhador não enfrente trânsito no

deslocamento até o trabalho, visto que ele desenvolve as atividades no conforto do lar (GATTI et al., 2018).

Em contrapartida, quanto aos discursos de sustentabilidade relacionados ao *home office*, no parecer de Oliveira (2017) são pouco fundamentados, pois abordam projeções e não necessariamente dados reais. A ideia de que trabalhar em *home office* reduz a circulação de carros é uma assertiva ingênua, pois não há garantias de que os trabalhadores não irão se deslocar, visto que a sociedade brasileira tem a lógica de deslocamento por automóveis. Além disso, o trabalhador pode se deslocar por compromissos pessoais em horários que, se trabalhasse na empresa, não seriam possíveis. Por fim, a autora não identificou pesquisas no panorama brasileiro que associem esse tipo de trabalho com a redução de poluição ou circulação de veículos particulares (OLIVEIRA, 2017).

Aos poucos, o *home office* deixou de ser entendido como sinônimo de isolamento ou como uma condição precária de trabalho. O mundo virtual está tão presente em nosso cotidiano, que ele passa a ser real, possibilitando um contato direto e constante entre o indivíduo e a empresa. Assim, o lugar que o indivíduo escolhe para trabalhar deixa de ser fundamental, pois o foco fica voltado para os objetivos e resultados, diferentemente de tempos atrás, quando havia uma exigência pela presença física, pelo cumprimento de horários preestabelecidos (FINCATO; ANDRADE, 2018).

Segundo Castells (1999), há três categorias de teletrabalhadores: os substituidores - que substituem o trabalho que seria realizado no ambiente tradicional pelo trabalho realizado em casa; os autônomos - que trabalham *online* em suas casas; e os complementadores - que levam para suas casas o trabalho complementar do escritório convencional. Além disso, há três possíveis configurações para o trabalho em *home office*: o trabalhador é funcionário de uma organização; o trabalhador executa seus trabalhos de forma independente; e o trabalhador é empresário e tem, em sua residência, a sede da empresa (BRIK, 2013).

Essa modalidade de trabalho caracteriza-se por ser polissêmica, de complexa classificação e envolver diferentes situações. Essas características são decorrentes de diferentes variáveis que se entrecruzam. Por exemplo, o trabalho pode ser executado por um empregado assalariado ou por um indivíduo na condição de autônomo, de pessoa jurídica ou *freelancer*. Outra variável é que o trabalho a distância pode ocorrer em tempo parcial - somente algumas horas do dia ou alguns dias - ou

em tempo integral. Além disso, quando se refere ao teletrabalho, pode ser desenvolvido fora da empresa, em ambientes de *coworking*, ou seja, em ambientes coletivos de trabalho e não em *home office*. Com isso, existem diferentes variáveis acerca do tema *home office*: local, espaço de trabalho, horário, tipo de contrato, atividades e competências requeridas (ROSENFELD; ALVES, 2011).

O trabalho em *home office* foi introduzido na legislação brasileira em 2011, pela Lei nº 12.551. Por meio dessa alteração da legislação, caracterizou-se como vínculo de emprego independente, em que o colaborador realiza suas atividades em seu domicílio ou na empresa. Entretanto, algumas empresas ainda temem essa sistemática por possíveis problemas legais, visto que a legislação ainda não estabelece regras claras a respeito (GATTI et al., 2018).

A seguir, no Quadro 1, apresenta-se uma síntese com cenários da modalidade do trabalho em *home office*.

Quadro 1 – Cenários da modalidade do trabalho em *home office*

Clusters	Possíveis Impactos	Cenários Possíveis	Relação Causal
Melhoria da utilização de recursos	Positivos	<ul style="list-style-type: none"> - Redução de custos operacionais. - Menor gerenciamento de terceiros que trabalham na área de <i>facilities</i>. - Melhoria na mobilidade urbana. - Redução do uso de recursos naturais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Menos veículos transitando pelas ruas. - Menos consumo de recursos naturais. - Menos emissão de gases. - Melhoria da sustentabilidade.
	Negativos	<ul style="list-style-type: none"> - Aumento de custo para implantação da infraestrutura inicial para o trabalho em <i>home office</i>. - Aumento de despesas, gastos, despesas por parte do funcionário como energia, telefonia, alimentação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Descontentamento com o novo sistema de trabalho. - Desmotivação. - Riscos de processos trabalhistas.
Maior Produtividade	Positivos	<ul style="list-style-type: none"> - Funcionários adaptados ao trabalho mais autônomo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Maior rapidez no cumprimento de metas. - Maior agilidade nas decisões.

		<ul style="list-style-type: none"> - Funcionários mais motivados. - Funcionários com mais qualidade de vida. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desempenho acima do esperado. - Desenvolvimento da carreira.
	Negativos	<ul style="list-style-type: none"> - Funcionários não se adaptam a trabalhar sem comando direto por baixa maturidade profissional. - Gestor não consegue acompanhar o desempenho das funções de seus subordinados. - Redução de interação pessoal entre chefias e funcionários. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desempenho abaixo do esperado. - Falta de comunicação e assertividade na interação chefia x funcionários. - Desenvolvimento da carreira prejudicada. - Queda na qualidade de vida. - Stress. - Risco de processos trabalhistas.
Melhoria da Gestão do Tempo	Positivos	<ul style="list-style-type: none"> - Redução significativa no tempo de deslocamento funcionário x empresa. - Trabalho mais focado, sem muitas interrupções. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mais qualidade de vida. - Mais tempo para convívio familiar. - Mais tempo para cuidar do seu próprio bem-estar. - Mais tempo para lazer.
	Negativos	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de controle do tempo na execução das atividades por baixa maturidade profissional. - Trabalho disperso por interrupções domésticas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desempenho abaixo do esperado. - Queda na qualidade de vida. - Stress. - Riscos de processos trabalhistas.

Fonte: Almeida (2019), apud Amigoni, M.; Curvis S. (2009); Patini (2012), Allen et al. (2015), SAP-CRH (2016), Bacater (2016) e Silva (2017).

Como se pode observar no quadro acima, o trabalho em modo *home office* traz uma série de pontos positivos, mas também pontos negativos, podendo ser benéfico para um colaborador da empresa, mas não para outro. A falta de relação diária entre os indivíduos da empresa pode ocasionar falta de interação da equipe e falta do sentimento de pertencimento com a empresa. Dessa maneira, quando essa modalidade é implementada, é importante conhecer os colaboradores e promover ações que proporcionem engajamento da equipe de trabalho. São fundamentais, para quem desempenha a modalidade de *home office*, cinco características: disciplina, organização, capacidade de autossupervisão, auto-organização de tempos de trabalho e descanso, capacidade comunicativa.

Sendo assim, é importante considerar algumas preocupações relacionadas ao trabalho remoto (OLIVEIRA, 2017). Primeiramente, a saúde do trabalhador pode ser afetada pela ausência de normas oriundas do controle do ambiente de trabalho. Também a dificuldade do trabalhador em separar momentos de lazer e trabalho devido à permanência no mesmo ambiente, ou seja, a residência. Como o indivíduo não sai mais para trabalhar, ele permanece no mesmo local tanto em momentos de lazer quanto em momentos do seu ofício (FINCATO; ANDRADE, 2018).

Construiu-se um discurso em defesa do trabalho em *home office* pela possibilidade de o indivíduo ganhar maior liberdade e autonomia. Porém, as pesquisas mostram que, além de ganhos de liberdade, o trabalho nessa modalidade também é intensificado, pois se trabalha mais em casa do que no escritório da empresa. Em contrapartida, observam-se ganhos de produtividade, comparando-se com as atividades desempenhadas apenas no escritório tradicional (OLIVEIRA, 2017).

Essa modalidade de trabalho também deve atender a questões de ergonomia para que se torne mais segura, confortável e produtiva. Como a ergonomia busca entender as relações entre a pessoa e outros elementos e sistemas, um projeto nesse sentido contribui para que o indivíduo desenvolva suas atividades sem ser influenciado negativamente pelo espaço ocupado. Devem ser levadas em conta todas as suas necessidades, habilidades e limitações para que o projeto, os sistemas empregados e o seu posto de trabalho sejam compatíveis com o seu perfil (ABERGO, 2016).

Portanto, o ambiente em que o trabalhador realiza suas atividades deve atender as suas necessidades de conforto para que haja uma vivência agradável. As dimensões corporais devem ser consideradas na hora de avaliar a altura, o tamanho das superfícies de trabalho tanto para cadeiras, balcões, prateleiras e circulações (PANERO; MARITIN, 2013).

Segundo pesquisas da SAP-CRH (2016), que avaliou 300 empresas, 37% dessas organizações já permitiam o trabalho remoto antes da pandemia. Ressalta-se que 65% das empresas tinham capital internacional e 35%, capital nacional. A pesquisa ainda destacou que 45% das empresas permitiam o trabalho em *home office* para todos os funcionários da empresa, com o colaborador podendo escolher os dias em que iria trabalhar a distância e os dias em que iria até a sede da empresa. Mesmo facultado a todos, a pesquisa mostrou que executivos (97%), coordenadores e supervisores (88%), liderança técnica (82%), profissionais administrativos (78%)

conseguiam se organizar de forma mais fácil para o trabalho nessa modalidade, enquanto, por exemplo, somente 49% dos entrevistados do suporte técnico conseguiam fazê-lo.

Devido à pandemia causada pelo coronavírus em 2020, foi possível observar um crescimento no número de pessoas que passaram a trabalhar em *home office*. Segundo pesquisa recente, que entrevistou 122 executivos de multinacionais que atuam no país, 73,8% das empresas têm intenção de instituir essa modalidade como prática definitiva no Brasil e isso que, antes da pandemia, o trabalho a distância não passava de uma possibilidade. Com o *home office* “forçado”, 25,4% dos entrevistados afirmaram que acham a experiência totalmente positiva, enquanto 59% analisaram que há mais pontos positivos do que negativos. Essa alteração da percepção de empresas gera uma série de consequências, entre as quais que as empresas podem diminuir seus espaços físicos e que as pessoas, que passaram a trabalhar em *home office*, podem tentar buscar mais conforto para o seu lar, que agora funciona também como ambiente de trabalho (FLACH, 2020).

Também devido à pandemia, a Lei Federal nº 13.979, de fevereiro de 2020, trouxe disposições sobre as medidas de prevenção e enfrentamento ao covid-19 em diferentes âmbitos, como comercialização de produtos e importações, ficando definido, como quarentena, a restrição e a separação de bens e pessoas que possam estar com suspeita de contaminação. Assim, conforme pesquisa do IBGE (2020), cerca de 9,7 milhões de trabalhadores brasileiros ficaram sem remuneração no mês de maio de 2020. Cerca de 19 milhões de trabalhadores estavam afastados de seus trabalhos e aproximadamente 15,7 milhões desses trabalhadores (18,6%) seguiam a recomendação de afastamento devido às medidas de distanciamento social. De um total de 65,4 milhões de trabalhadores que não estavam afastados de suas funções, uma parcela de 8,7 milhões (13,3%) estava realizando trabalho remoto.

Então, o grande crescimento do trabalho remoto durante a pandemia se deu por diversos fatores, entre eles: regras de distanciamento social, normas exigindo redução da ocupação dos estabelecimentos e implementação de normas restringindo a abertura de determinados segmentos do comércio.

Uma perspectiva de futuro para o trabalho em *home office* consiste na adesão por parte das empresas e dos trabalhadores, principalmente em fase inicial de lançamento e abertura do empreendimento. Essa possibilidade de trabalho permite que o mesmo ambiente de uso domiciliar abrigue as funções laborais, o que tende a

reduzir custos de deslocamento e aluguel, além de permitir que seja instalada apenas uma linha de internet, telefone, luz e água.

Para a realização de atividades remotas que necessitam de pouco espaço e mobiliários, como em trabalho de escritório, um ambiente pequeno ou compartilhado da residência pode suprir as necessidades. No entanto, para empresas com um nicho de mercado que demanda equipamentos, armazenagem e espaço de trabalho ou até mesmo de mostruário, é preciso destinar um cômodo específico para atender as funções empresariais.

Isso posto, os ambientes de *home office* podem ser introduzidos em diferentes cômodos da casa. Muitas vezes, os ambientes de trabalho/estudo ficam integrados aos dormitórios, mas também podem ser organizados em cômodos especialmente dedicados a eles ou integrados a outros. Como o ambiente residencial acaba sendo adaptado para virar um local de trabalho, é necessário conciliar as diversas tarefas diárias e atividades que acontecem na casa (FIGURA 12).

Figura 12 – Residencial integrada - melhoria da utilização



Fonte: Archdaily (2020).

Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/924410/home-office-23-solucoes-para-espacos-de-trabalho-flexiveis?ad_source=search&ad_medium=search_result_articles. Acesso em: 10 ago. 2020.

Já como exemplo de *home office* em espaço especial, apresenta-se a reforma realizada na residência JHouse em Madrid, na Espanha, pelo Zoco Estúdio, ilustrada na Figura 12. A estratégia utilizada foi criar níveis diferentes para cada uso. O *home office* dessa residência fica localizado na parte superior, que possui um guarda-corpo metálico, e possibilita a vista ao andar inferior, promovendo um ambiente integrado.

Para a composição desse espaço, foram inseridas duas mesas de trabalho e prateleiras em cores claras e melaminas amadeiradas.

Além da iluminação geral do ambiente, ainda foram utilizadas luminárias de mesa para exercer uma iluminação pontual nos locais de trabalho. Seguindo os conceitos observados no Quadro1, esse ambiente tem a melhoria da utilização de recursos, pois, além dos tópicos apresentados para esse *cluster*, integra o ambiente de residência com o *home office*, diminuindo gastos da duplicidade de ambientes.

Figura 13 – *Home Office* – Melhoria da Gestão do tempo



Fonte: Archdaily (2020).

Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/917217/apartamento-lr-unic-arquitetura>.

Acesso em: 10 ago. 2020.

O apartamento LR, ilustrado na Figura 13, está localizado em Curitiba e foi idealizado pelo escritório UNIC Arquitetura. Nesse projeto, o espaço de *home office* fica integrado às áreas sociais e é separado unicamente por duas portas de correr ripadas, que ora estão fechadas, isolando o ambiente de trabalho, e ora estão abertas, integrando o espaço. O mobiliário utilizado foi uma mesa de trabalho e um balcão de apoio na composição de cores em branco, preto e tons amadeirados, expressando com clareza o conceito minimalista utilizado.

Esse ambiente de trabalho pode ser observado sob a ótica do *cluster* 'Melhoria da gestão do tempo', levando em conta aspectos além dos apresentados na tabela, pois o ambiente da imagem pode ser integrado ou não, favorecendo o convívio familiar. Além disso, quando isolado, ele favorece um trabalho mais focado, sem as interrupções que podem ocorrer no ambiente domiciliar. Com isso, todos os itens

necessários para o trabalho são colocados em um único ambiente, favorecendo a gestão do tempo.

Figura 14 – Cozinha como ambiente de trabalho



Fonte: Archdaily (2020).

Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/917217/apartamento-ir-unic-arquitetura>. Acesso em: 10 ago. 2020.

Não se pode reduzir o conceito de *home office* apenas à ideia de um escritório e a trabalhos relacionados ao uso de computadores, pois muitas pessoas realizam diversas outras atividades em suas residências, seja de forma temporária ou não, e esse entendimento é extremamente importante para a continuidade desta pesquisa.

Como exemplo, pode-se citar a utilização da cozinha (FIGURA 14) como fonte de renda do lar, com a produção de doces e salgados, refeições congeladas, entre outros produtos. Em alguns casos, esse ambiente pode atender as demandas de alimentação dos moradores e ainda a atividade extra. Também é possível anexar uma segunda cozinha que possa servir somente ao uso de comercialização. Uma cozinha domiciliar utilizada como *home office* pode ser vista como o *cluster* de 'Maior produtividade', pois favorece a conciliação das atividades domésticas com as atividades de trabalho, permitindo que, enquanto se produz as refeições a serem vendidas, se cozinhe para a família, por exemplo.

Já algumas atividades que contam com a utilização de maquinários de maior porte e, conseqüentemente, necessitam de maior espaço, podem ser instaladas em cômodos como as garagens. É comum encontrar espaços comerciais, como mecânicas de pequeno porte ou oficinas de reparos em peças e maquinários, instalados em espaços residenciais. Geralmente, nesse segmento de *home office*,

todas as etapas do trabalho ocorrem no espaço utilizado, desde a confecção, armazenagem de peças e a realização dos reparos até o atendimento ao cliente e entrega do produto final.

Figura 15 – Sótão como ambiente de trabalho



Fonte: Archdaily (2020).

Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/288934132339569459/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

Espaços esquecidos, menos utilizados ou até que viraram depósito, como o sótão das casas (FIGURA 15), por exemplo, também podem virar espaços de trabalho. Muitos ateliês nascem e se desenvolvem em sótãos e são utilizados pelos artistas e artesãos para a confecção de suas peças e obras, as quais posteriormente são divulgadas e comercializadas, geralmente com o auxílio de ferramentas de mídias sociais.

Além disso, é comum a construção de salas anexas às casas, muitas vezes com vitrines, que são utilizadas como ateliê e permitem o atendimento ao público. Esse exemplo pode ser visto como “melhoria da utilização de recursos”, pois ocorre o reaproveitamento de um ambiente domiciliar que antes era pouco ou não explorado. Da mesma forma, em um ateliê, por exemplo, pode-se aproveitar e realocar móveis de outros cômodos da casa para esse novo ambiente, o que ainda pode favorecer a diminuição dos custos iniciais de implantação do espaço de *home office*.

2.8 Estímulos Projetuais

Para avançar na conceituação de *home office* e refletir sobre uma nova maneira de olhar para o trabalho em ambiente residencial, buscou-se conhecimento e inspiração em diferentes fontes. Dessa forma, foi possível identificar alguns exemplos que proporcionam uma revolução ao “trabalhar”. Apresentam-se, na sequência, alguns projetos que podem auxiliar na relação casa x trabalho.

2.8.1 Conceito *Anywhere Office*

Esse conceito resgatado aqui não é novo, pois existem diferentes estudos relacionados a essa temática. Destaca-se o artigo *Collaborative Design* (2000), que traz uma pesquisa realizada em duas empresas, buscando entender as experiências de quem trabalha fora dos seus locais de trabalho principal, a qual demonstrou que as adaptações no ambiente de trabalho ocorrem de forma lenta. Mesmo com as transformações envolvendo tecnologias, organização espacial e funcional dos ambientes de trabalho, a essência do local onde as pessoas realizam suas tarefas não entra nesse processo de evolução (DANDAVATE et al., 2000).

Por outro lado, é possível observar que a COVID-19 acelerou e transformou a visão sobre o ambiente de trabalho ideal ou possível, numa tentativa de conciliar as necessidades dos trabalhadores com as das empresas ou ainda dos autônomos com seus clientes e locais de trabalho.

Entende-se que esse conceito de *anywhere office* vai além dos limites de um *home office*, pois permite trabalhar a partir de qualquer lugar, ou seja, flexibiliza o local de trabalho. Para facilitar essa dinâmica, são criados pequenos escritórios que podem ser transportados para qualquer local ou podem ser posicionados nos jardins das residências.

Um exemplo é o projeto criado por Boano Prismontas, que desenvolveu um escritório de jardim modular, “mais fácil de montar do que móveis IKEA (grande empresa que vende móveis)”. O escritório, chamado de *My room in the Garden* (FIGURA 16), tem como materialidade principal a madeira e pode ser construído em um dia. O criador teve uma preocupação projetual em relação ao tamanho, baseado no tamanho dos corredores e das escadas das casas Vitorianas, para que pudesse

entrar em qualquer jardim, por menor que fosse. As peças que configuram os módulos também são limitadas.

Figura 16 – *My room in the Garden*



Fonte: Dezeen (2021).

Disponível em: <https://www.dezeen.com/2020/09/17/boano-prismontas-prefabricated-garden-office-modular/>. Acesso em: 08 mar. 2021.

Outro exemplo é o projeto *Zen Work Pod*, criado pela empresa *Autonomous*. Consiste em um cubículo que também tem a materialidade marcada pela madeira e é destinado a qualquer tipo de usuário que tenha como necessidade básica uma mesa, uma cadeira e um computador (FIGURA 17).

Figura 17 – *Zen Work Pod*



Fonte: Autonomous (2021).

Disponível em: <https://www.autonomous.ai/autonomous-work-pod>. Acesso em: 08 mar. 2021.

Mais um exemplo que pode ser aplicado a esse conceito de *anywhere work* é a Van fabricada pela Nissan em parceria com a oficina de design *Studio Hardie*. Essa Van é considerada o primeiro escritório do mundo dentro de um veículo elétrico. O ambiente de trabalho conta com uma mesa dobrável, computador, internet, *wireless*,

carregamento sem fio de telefone, *bluetooth*, mini frigobar, máquina de café e espaço para posicionar uma bicicleta (FIGURA 18).

Figura 18 – NV200 Escritório Móvel



Fonte: Nissan News (2021).

Disponível em: <https://brazil.nissannews.com/pt-BR/releases/o-futuro-do-trabalho-nissan-e-nv200-o-primeiro-escrit-rio-m-vel-totalmente-el-trico-do-mundo#>. Acesso em: 08 mar. 2021.

Dessa forma, verifica-se que o conceito de *anywhere work* está relacionado à flexibilidade, ao trabalho remoto, à ideia de “trabalhar em qualquer lugar”. Entretanto, vale ressaltar que essa modalidade de trabalho não se adapta a todos os profissionais e tende a se adequar mais facilmente a profissões que necessitam de um “padrão office” – assim chamado pela pesquisadora -, que consiste em uma estação de trabalho, com computador e cadeira.

2.8.2 Mobiliário Auxiliar Adaptável

Na temática de ambientes adaptáveis, pode-se incluir o mobiliário solto adaptável, pois ele vem para facilitar a dinâmica trabalho e residência, dentro de soluções propostas pelo design para “fundir a casa e o ambiente de trabalho”. Registra-se que a marca *Good Thing* lançou uma coleção de mobiliários para quem mora e trabalha no mesmo local.

O projeto ilustrado a seguir (FIGURA 19) mostra a mesa *The Lily Table*. Seu design permite que várias mesas sejam encaixadas, devido aos recortes nas bases circulares. Além disso, por causa da conexão diagonal do tampo e da base, é possível que o usuário acomode várias delas, formando uma estação de trabalho. Se utilizada separadamente, pode ser empregada como mesa de apoio ou de refeições. Segundo seus criadores, ainda pode ser acoplada a uma poltrona ou sofá e, devido à sua silhueta em balanço, possibilita transformar o local em um posto de trabalho.

Figura 19 – Mesa adaptável casa x trabalho



Fonte: Nissan News (2021).

Disponível em: <https://design-milk.com/new-furniture-lighting-good-thing/>. Acesso em: 08 mar. 2021.

Outro exemplo interessante é a luminária do artista Ferréol Babin, que permite a variação dos níveis de iluminação para atender os momentos de trabalho e de relaxamento. A luz fica no corpo da luminária e a parte superior é móvel, permitindo abrir a “tampa” na regulação necessária, de acordo com a quantidade de luz desejável. Além disso, devido à rotação permitida, é possível regular a direção da luz. Essa luminária pode ser utilizada em uma bancada e também pode ser colocada na parede (FIGURA 20).

Figura 20 – Luminária adaptável casa x trabalho



Fonte: Ferréol Babin (2021).

Disponível em: Luminária adaptável casa x trabalho - <https://www.ferreolbabin.fr/SHUTTER>. Acesso em: 08 mar. 2021.

Com a mesma linha de raciocínio projetual, apresenta-se um sofá criado pelos designers do *Jak Studio* e denominado de L20, o qual pode se transformar em um local reservado para práticas de *home office*. Esse sofá possui formato de L e, quando se deseja transformá-lo em uma cabine de trabalho, basta acionar um mecanismo de liberação rápido (FIGURA 21).

Figura 21 – Sofá adaptável casa x trabalho



Fonte: Dezzen (2021).

Disponível em: <https://www.dezeen.com/2020/06/09/jak-studio-l20-sofa-concept-design/>.

Acesso em: 08 mar. 2021.

Esses exemplos elencados demonstram a preocupação e a busca por “versatilizar” pequenos elementos, pequenos detalhes para atender as necessidades peculiares de quem precisa estabelecer relação entre trabalho e moradia, visando à qualidade do espaço e o conforto do usuário.

2.8.3 Espaços Adaptáveis

Por meio de um mobiliário sob medida projetado para um espaço, pode-se obter soluções que equilibram o morar e o trabalhar. Com proposta semelhante à observada no mobiliário solto apresentado, é possível promover a transformação de um espaço para trabalho em uma residência para morar, explorando o espaço interno e o mobiliário que ele comporta.

Um projeto em que se percebe essa transformação é a *Baitasi House of the Future*, projetada pelo *Dot Architects*, na China (FIGURA 22). Em um espaço compacto de 30,00m², o mobiliário e a residência transformam-se em um escritório. Como há fluidez entre o trabalho e a casa, o layout não é fixo. Através de dois módulos móveis e um fixo, a casa pode ter quatro opções de *layouts* distintos. A tecnologia é incorporada ao mobiliário móvel, sendo que esse é gerenciado através do controle de uma smart TV. Também a iluminação, as cortinas, os alarmes e outros eletrodomésticos são automatizados de forma integrada.

Figura 22 – *Baitasi House of the Future*

Fonte: Archdaily (2021).

Disponível em: <https://www.archdaily.com/881689/baitasi-house-of-the-future-dot-architects>. Acesso em: 08 mar. 2021.

O próximo projeto selecionado, o *All Own House*, foi criado pelo *PKMN Architectures* (FIGURA 23), que, com três módulos móveis, cria diferentes configurações no ambiente interno. Amplia-se a cozinha, cria-se um ambiente de dormir e propõe-se um local de estar ou escritório, sendo essas algumas das configurações mais usuais da casa deslizante. No entanto, diante de necessidades específicas e através dessa mesma solução e conceito, é possível obter diversos outros espaços. Acrescenta-se ainda que cada espaço pode ter facilmente diferentes elementos para atender a transformações diárias, de acordo com as necessidades específicas do usuário.

Figura 23 – *All Own House*

Fonte: Archdaily (2021).

Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/757237/escritorio-pkmn-architectures-cria-casa-flexivel-em-madri>. Acesso em: 03 mar. 2021.

O terceiro projeto escolhido trata-se do apartamento *Barbican Dancer's Studio*, criado pelo *Intervention Architecture*. Com pouco espaço e precisando ser versátil,

apresenta a proposta de um mobiliário que permite a transformação total do ambiente para diferentes fins: como local para jantar, como escritório, estar, dormitório e local para praticar coreografias. Segundo o escritório criador do cômodo, a proposta injeta movimento dentro do espaço através da solução de marcenaria mutável, que maximiza o armazenamento e cria usos e zonas alterativas dentro de uma área compacta (FIGURA 24).

Figura 24 – *Barbican Dancer's Studio*



Fonte: Dezeen (2021).

Disponível em: <https://www.dezeen.com/2020/03/23/barbican-flat-ballet-studio-intervention-architecture/>. Acesso em: 08 mar. 2021.

Nos projetos apresentados, pode-se observar a configuração de espaços transformáveis, que servem de estímulos projetuais para estudos sobre a qualificação do modelo *home office*. São espaços que se adaptam a rotinas e a pessoas diferentes, com estratégias que podem ser incorporadas em outros ambientes e que tornam os espaços internos ambientes híbridos.

2.8.4 Modelo de Trabalho Híbrido

A pandemia do covid-19 acarretou mudanças gerais na forma de viver, trabalhar e estudar. As medidas de distanciamento social, a suspensão de diferentes atividades, bem como o fechamento parcial ou total de estabelecimentos ligados ao trabalho e à educação, fizeram com que novas alternativas surgissem. Assim, para que o trabalho e os estudos pudessem seguir, mesmo diante de tal situação, foram implementadas aulas remotas, videoconferências, trabalhos em *home office*, entre outras medidas.

Desse modo, à medida que as normas de isolamento foram se flexibilizando, o modelo híbrido começou a ser testado, tanto em ambientes de trabalho, quanto nas instituições de ensino. Esse modelo tem por base a realização de atividades presenciais e a distância, com presença parcial proporcional às demandas exigidas e

a busca por um equilíbrio entre o tempo de permanência em casa e no ambiente de trabalho formal.

Segundo a 14^a edição do Índice de Confiança Robert Half, cerca de 91% dos entrevistados acreditam que o futuro do trabalho pós-pandemia está na forma híbrida. De um total de 1161 pessoas com mais de 25 anos e com formação em ensino superior, entrevistadas entre os dias 10 e 25 de novembro de 2020, 96,7% acreditam que a modalidade *home office* será um diferencial na escolha das vagas de emprego.

Essa parcela, que acredita no modelo híbrido como tendência, apresentou como justificativas mais citadas: a busca pela flexibilidade; o fato de a pandemia ainda não ter chegado ao fim; o fato de a produtividade ter se mantido ou aumentado com o modelo híbrido; e a melhora no engajamento dos funcionários. Quanto aos que acreditam que o trabalho voltará ao modelo pré-pandemia, as explicações citadas foram praticamente opostas às anteriores: dificuldade de disseminar a implementação permanente do modelo; piora no engajamento dos funcionários; piora na produtividade apresentada (G1, 2021).

Em pesquisas de âmbito internacional, a maioria dos entrevistados também mostrou preferência pelo trabalho em sistema híbrido. A empresa Gensler realizou uma pesquisa na França, Estados Unidos, Reino Unido e Austrália, com cerca de 10.000 funcionários de escritórios. Para os franceses, o trabalho em grupo e a socialização entre colegas é fundamental, enquanto os trabalhadores australianos não dependem tanto da colaboração interpessoal para a execução do trabalho, preferindo, na sua maioria, mesas individuais (MCLAURIN; PITTMAN, 2020).

Diante disso, é possível afirmar que a mudança relacionada ao local e à forma de trabalho já é um fato. Dessa forma, é preciso repensar os ambientes físicos de trabalho tanto nas empresas ou prédios comerciais, como nos lares, que precisam atender as necessidades impostas pelas atividades de morar e trabalhar. Isso levando em conta que o lar não será sempre local de trabalho, mas será local de moradia em tempo integral. Assim, a partir dessa temática discute-se o futuro do modelo de trabalho, observando-se que o sistema híbrido pode ser uma boa alternativa que renderá adaptações dos espaços físicos tanto do lar como do trabalho.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para Gil (2002), uma pesquisa científica é “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Dessa forma, quando um pesquisador se propõe a fazer uma pesquisa, ele está buscando conhecer com profundidade um determinado contexto, uma área de conhecimento, uma situação particular ou está tentando alcançar a elucidação de um problema existente.

No momento em que se tem o intuito de avançar no conhecimento científico já existente, deve-se priorizar mais as dúvidas e os questionamentos do que os caminhos que remetem à certeza e ao que já está estabelecido. Quando se questiona algo, é possível progredir, é possível pensar diferente e encontrar uma nova maneira de enxergar melhor aquilo que antes não era percebido ou compreendido. A partir de sinais que emergem do contexto observado, pode-se encontrar diferentes desdobramentos. Por meio da sensibilidade, da observação, da interpretação e do método buscam-se tendências socioculturais que permitem descobrir convergências em relação ao futuro próximo (CALDAS, 2004).

Para Caldas (2004), é importante buscar diferentes formas de observação que viabilizem a análise e a interpretação de fatores que envolvem a construção de uma cultura predominante. Também a prática de *home office* pode ser vista sob a ótica cultural, já que, com o passar do tempo, vem-se percebendo uma maior adesão a essa modalidade de trabalho, que tem se mostrado como uma tendência cultural deste século.

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa porque nesse tipo de estudo não há predomínio de técnicas estatísticas para a resolução do problema apresentado. Numa pesquisa qualitativa, os dados coletados são descritivos, pois busca-se apresentar a maior quantidade de informações e elementos percebidos sobre o tema em pauta. Nesse tipo de pesquisa, o ambiente natural é posto como fonte direta para a coleta de dados, com o pesquisador desenvolvendo um papel de destaque, já que se mantém em contato direto e constante com o ambiente observado (PRODANOV; FREITAS, 2013).

De acordo com Richardson (2015), a ideia central de uma pesquisa qualitativa baseia-se em explorar o conjunto complexo de aspectos e fatores que envolvem o assunto principal e, com isso, apresentar diferentes perspectivas e significados.

Sendo assim, a pesquisa proposta aqui também se caracteriza como um estudo exploratório e descritivo com o intuito de obter informações e apresentar características e situações encontradas na rotina dos ambientes de trabalho em *home office* e de profissionais que não se enquadram em formatos administrativos.

Com essas premissas, o primeiro passo realizado neste trabalho, após a definição do problema, foi o levantamento e a leitura de materiais bibliográficos conexos. Buscaram-se tópicos relacionados com a temática do modelo *home office*, bem como discussões que o influenciam e áreas que já utilizam essa modalidade de trabalho. Assim, com a revisão bibliográfica apresentada no Capítulo 2, pretendeu-se, como ponto de partida, coletar temas complementares relacionados ao assunto central, aproximados propriamente ao *home office*.

A partir de levantamento em diferentes trabalhos, procurou-se encontrar um método adequado, que já tivesse sido utilizado e testado, e que ajudasse a responder aos anseios desta pesquisa. Chegou-se, assim, aos procedimentos experimentados por Massimo Canevacci, descritos no seu livro *A Cidade Polifônica* (1997). Esse pesquisador, nascido em Roma, iniciou sua investigação no ano de 1986, quando esteve pela primeira vez na cidade de São Paulo - SP, considerada, por ele, sua segunda terra natal. De acordo com o autor, o que mais chamou sua atenção na capital paulista foram os tantos ritmos que permeiam a cidade. Ritmos esses que seguem pelo espaço urbano, como espelhos comportamentais e psicológicos das pessoas que o frequentam ou que lá vivem.

Em sua pesquisa, o autor aborda as temáticas que envolvem a grande Metrópole, buscando compreendê-las e observá-las com o viés comunicacional. Ele inicia a exposição do seu método, contextualizando sua chegada à cidade e descrevendo o que encontrou. Além de comentar sobre a sua primeira dificuldade em relação à moeda estrangeira, cita que a primeira coisa que comprou, e ainda conserva, foi o mapa da cidade de São Paulo - SP. Expõe ainda que se sentiu confuso olhando o mapa, pois nunca imaginara que a cidade fosse tão grande.

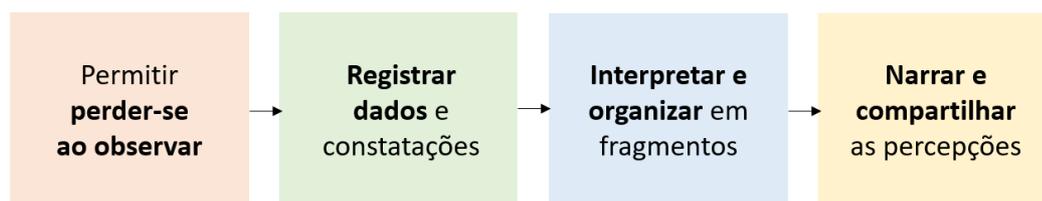
Essa primeira confusão acerca da dimensão de São Paulo fez com que ele se perdesse no território que adentrava. A partir desse “perder-se” literal, o autor dá início à segunda etapa do método que propõe, quando resolve percorrer os caminhos a pé, sem pretensão de tentar dominar integralmente o território paulistano. Assim, foi mediante seus erros, seus acertos e sua percepção ao perder-se que ele se

convenceu de que era possível elaborar, como consequência, uma metodologia de comunicação urbana precisa.

Cada capítulo ou parágrafo desenvolve um tema próprio, como se fosse um solista que segue uma partitura musical, articula-se segundo regras próprias e, simultaneamente, é condicionado pelos desenvolvimentos melódicos de todos os demais. Do conjunto pragmático das várias vozes solistas que selecionamos deveria resultar o “estro harmônico” da cidade, a sua capacidade de cantar simultaneamente com tantas vozes ou instrumentos diversos (CANEVACCI, 2004, p.18).

Em síntese, o método executado por Canevacci (1997) estrutura-se em quatro momentos distintos: 1. O pesquisador se permite perder-se no processo de observação, sem rumo preestabelecido; 2. Registra tudo o que vai percebendo e constatando; 3. Interpreta e organiza as informações em forma de fragmentos (recortes temáticos); e 4. Faz uso de um fictício personagem ‘narrador’ para descrever e compartilhar o que constatou (FIGURA 25).

Figura 25 - Etapas metodológicas propostas por Canevacci (1997)



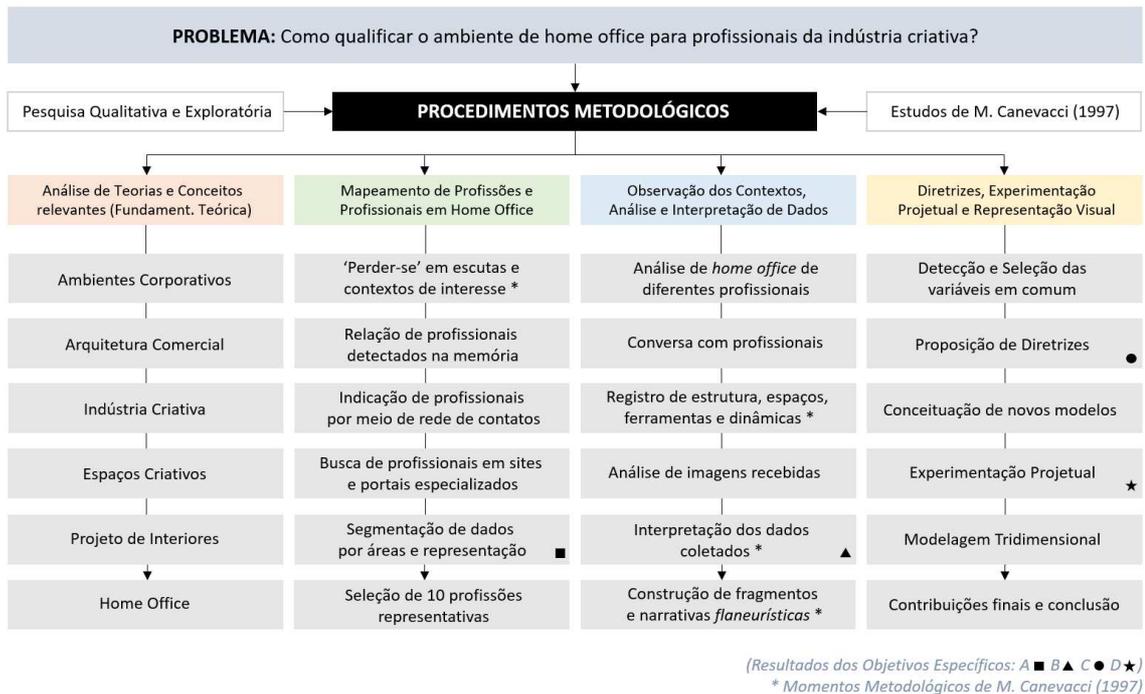
Fonte: Autora (2021).

Durante a análise da obra referenciada e enquanto ainda se refletia sobre os procedimentos utilizados pelo pesquisador citado, percebeu-se a possibilidade de estabelecer uma relação entre o que estava sendo apresentado e o estudo proposto sobre novos modelos de *home office*. Dessa forma, pensou-se que, sob a ótica de Canevacci (1997), era possível compreender e interpretar diversos ângulos da prática de *home office*, visto que ela também segue limites impostos por um espaço, articula-se seguindo dinâmicas e estruturas e, simultaneamente, é condicionada às necessidades individuais dos seus usuários, devendo resultar numa harmonia projetual, com equilíbrio de elementos, necessidades e tempos.

Da visão de Canevacci (1997) faz-se necessário destacar ainda a apropriação que o autor faz da teoria de Walter Benjamin (1994) - apresentada na obra *O Narrador – antropólogo urbano espontâneo* –, segundo a qual, para o desenvolvimento de novas pesquisas é importante que se desenvolvam novos métodos. Com base nessa percepção, assumiu-se uma liberdade metodológica coerente para encontrar a forma

mais eficiente de compreender e estudar a temática de *home office*. Sendo assim e levando em consideração os quatro ‘momentos’ metodológicos de Máximo Canevacci, a pesquisa desenvolvida e descrita nesta dissertação estrutura-se, em síntese, como mostra a Figura 26.

Figura 26 - Fluxograma com a estrutura metodológica da pesquisa



Fonte: Autora (2021).

Com o intuito de aprofundar os conhecimentos pertinentes, alcançar os objetivos gerais e específicos propostos e buscar também responder ao problema desta pesquisa, desenvolveu-se a investigação através de três etapas principais: Mapeamento de Profissões e Profissionais; Observação, Análise e Interpretação; Diretrizes, Experimentação e Representação.

3.1 Mapeamento de Profissões e Profissionais

A primeira etapa da pesquisa empírica consistiu em uma fase de mapeamento para identificar o maior número de profissões ou profissionais que atuam na modalidade de trabalho *home office* e que não se enquadram em um formato administrativo ‘tradicional’ (com mesa e computador).

Para a realização dessa etapa, assumiu-se o princípio de Canevacci (1997), qual seja, “o de querer perder-se, de ter prazer nisso, de aceitar ser estrangeiro num

contexto, desenraizado e isolado”. Segundo o autor, esse desenraizamento e o estranhamento inicial marcam momentos fundamentais, pois a partir deles pode-se atingir novas possibilidades cognitivas através de um resultado que o autor denomina “sujo”, ou seja, mediante a combinação de misturas imprevisíveis e causais entre níveis racionais, perceptivos e emotivos. Sendo assim, nessa etapa do trabalho ‘o perder-se’ caracterizou-se pela diversidade de possibilidades de pesquisa e rede de contatos para detectar as mais diferentes profissões que trabalham em *home office*.

Com isso, desenvolveu-se a investigação de três maneiras distintas e complementares:

A) Pelo mapeamento de profissionais conhecidos da autora da pesquisa, os quais atuam no trabalho em *home office*;

B) Pela aproximação com um número maior de pessoas, com o intuito de alcançar as mais distintas profissões que trabalham em modelo *home office*. Essa etapa ocorreu a partir de uma busca na rede de contatos, via mídias digitais. Realizou-se uma série de perguntas iniciais que visavam identificar se os contatados conheciam profissionais que atuavam em *home office*; em qual segmento atuavam; quais os ambientes mais utilizados para o trabalho *home office*; se as pessoas utilizavam somente um ou mais ambientes residenciais para trabalhar; e, por fim, se o *home office* era adequado para as necessidades do usuário ou se precisava ser melhorado.

C) Mediante um levantamento minucioso na internet (em virtude das restrições provocadas pela COVID-19). Pesquisou-se nos mais variados portais e de maneiras diferentes, em sites de jornais, em portais acadêmicos, especializados ou de assuntos gerais, em blogs, entre outros.

Todas as informações coletadas foram organizadas em um fluxograma síntese com as profissões mapeadas, as quais foram separadas de acordo com segmentos que as relacionavam. Como encerramento dessa etapa de pesquisa, foram definidas as dez profissões mais representativas, que serão analisadas na continuidade deste trabalho.

3.2 Observação, Análise e Interpretação

A etapa seguinte consistiu em buscar um aprofundamento sobre cada uma das profissões priorizadas, caracterizando-as de acordo com suas particularidades em relação ao seu desempenho em *home office*. Para isso, conversou-se com os

diferentes profissionais selecionados. Essa etapa também foi baseada nos princípios de Canevacci (1997), visto que o autor destaca a importância de se definir algumas premissas antes de realizar a observação de fato.

A conversa com os profissionais consistiu em diálogos semiestruturados abertos. Os seguintes questionamentos serviram como norteadores da conversa, sendo que outras perguntas derivadas surgiram nas interações realizadas:

- Quais as atividades que você desenvolve?
- Quais são as etapas e desdobramentos envolvidos nesta atividade profissional?
- Quais os elementos que considera essenciais para trabalhar?
- Há outros elementos importantes e que favorecem o conforto e o bem-estar para você desenvolver suas atividades?
- Qual o espaço principal da residência que você utiliza para trabalhar?
- Quais os outros cômodos do lar que utiliza para trabalhar, imaginando toda a rotina de seu trabalho?
- Como é a configuração básica da sua residência, casa ou apartamento: área, número de quartos e banheiros?
- Qual a área do espaço principal do seu *home office*?
- Trabalha sozinho ou com mais pessoas?
- Recebe clientes ou fornecedores em seu *home office*?
- Como avalia o fato de trabalhar no mesmo local onde mora? Há alguma coisa que pode ser feita para melhorar essa relação?
- O local de trabalho atual atende todas as suas necessidades? Caso não atenda, o que poderia ser feito para melhorar?
- Qual a preferência para o ambiente de trabalho residencial em relação a ele ocorrer de forma integrada, separada ou parcialmente integrada com a residência?
- Quais são os problemas que você enfrenta em suas atividades de *home office*?
- Poderia descrever o *home office* dos seus sonhos?

As interações foram norteadas por esses tópicos que foram preestabelecidos para que se obtivesse qualidade e padronização nas informações levantadas, permitindo comparações e conexões entre elas.

Optou-se pelo diálogo com os profissionais, ao invés de entrevistas estruturadas, para que se pudesse coletar mais informações inesperadas, seguindo a lógica do ‘perder-se’. Isso porque, muitas vezes, em questionários mais rígidos, o profissional pode não se dedicar em oferecer respostas mais completas, deixando de compartilhar informações importantes.

As conversas, em virtude da COVID-19, aconteceram de forma online, mediante ligações, chamadas de vídeos, troca de mensagens, áudios, vídeos e fotos entre a pesquisadora e o profissional. A dinâmica para coleta de dados aconteceu dessa maneira para se adequar às preferências de cada um dos profissionais e tendo em vista a facilitação para obtenção de mais informação. Como outro detalhe importante, buscou-se, dessa forma, gerar empatia nos profissionais participantes para que se engajassem na pesquisa.

Walter Benjamin (1994), autor citado por Canevacci, destaca dois elementos fundamentais na metodologia: um observador (*flâneur*) e um narrador (que compartilhe as informações observadas). O conceito de *flâner* – do verbo francês *flâner* – foi desenvolvido por Benjamin (1994) e refere-se ao “observador treinado da vida urbana”, o qual, em alguns momentos, movido pela curiosidade, assume o papel de detetive, de crítico ou de antropólogo. Essa curiosidade, então, de desbravar um novo conhecimento, foi o ponto de partida para a observação dos contextos desta pesquisa.

Já o outro importante personagem, o narrador, é aquele que conta as histórias, descreve as cenas e interpreta todos os detalhes daquilo que está sendo observado. Benjamin destaca a importância da narração baseada nos elementos visuais percebidos e esse viés tem sequência no desenvolvimento desta pesquisa. Ambos os personagens fictícios descritos ajudaram a idealizar os *Fragments de home office*, apresentados no subcapítulo 4.2 deste trabalho.

Ainda devido ao distanciamento social imposto pela COVID-19, para completar essa etapa foram solicitadas também algumas fotografias dos ambientes de trabalho dos profissionais, para que se pudesse complementar as informações repassadas por eles, mostrando como realmente o ambiente de *home office* está estruturado. Realizou-se, então, a análise das imagens recebidas, novamente com base na metodologia de Canevacci (1997), ou seja, utilizando critérios preestabelecidos.

Os critérios de análise basearam-se nos três *clusters* apresentados na tabela do subcapítulo 2.7, com referência aos benefícios e malefícios provindos do trabalho

em *home office*. Tais *clusters* foram relacionados com o ambiente de trabalho de cada profissional ouvido, sendo que posteriormente também foram utilizados como critérios de análise das fotos dos profissionais. Resgata-se, a seguir, os *clusters* de análise utilizados:

- Maior produtividade: envolve a análise da funcionalidade do espaço de *home office*, tendo em vista facilitar o dia a dia do profissional, considerando rapidez e agilidade no cumprimento das tarefas.

- Melhoria da gestão do tempo: aqui são analisadas estratégias para diminuir o tempo de trabalho em uma mesma atividade, melhorando a disposição dos elementos prioritários e diminuindo o tempo perdido em ações desnecessárias.

- Melhoria da utilização de recursos: aqui é avaliada a adaptabilidade do ambiente para a relação casa x trabalho, priorizando um espaço que atenda as demandas residenciais e de trabalho e reduzindo a utilização de recursos.

Os dados coletados nessa etapa e as análises realizadas serão apresentadas em formato de fragmentos e narrativas *flaneurísticas*, conforme já explicado e referenciado.

3.3 Diretrizes, Experimentação e Representação

A partir das informações coletadas, desenvolver-se-á, no capítulo que segue, a análise e a aproximação das informações coletadas. Assim, no subcapítulo 4.1, serão analisados os seguintes tópicos: média de pessoas que residem no lar; média de pessoas que residem em casa ou apartamento; localização da residência; média e configuração espacial dos lares dos profissionais; elementos essenciais nos espaços e outros elementos necessários para os profissionais, como tamanho de cada *home office*; utilização ou não de outros ambientes da residência; número de ambientes do lar utilizados para trabalhar; atendimento ou não a todas as necessidades do profissional; atendimento a clientes e fornecedores; profissionais que trabalham sozinhos ou com mais pessoas; preferências referentes a tonalidades; constatações específicas dos profissionais; ambientes organizados ou bagunçados; ambientes improvisados ou projetados; ambiente integrado total/parcialmente ou não integrado; e constatações gerais.

Com a análise dessas informações, busca-se encontrar parâmetros e relações para o desenvolvimento das etapas posteriores, ou seja, o mapeamento, a partir de

um infográfico, de todas as variáveis acerca de *home office*, tendo em vista a identificação dos elementos relatados pelos profissionais. Dessa forma, a análise e essas variáveis servirão de base para a construção de diretrizes projetuais para um novo conceito de *home office* pensado para profissionais da indústria criativa.

As diretrizes projetuais serão construídas e apresentadas a partir de um fluxograma, o qual vai expressar a ideia e a palavra-chave de cada diretriz. Na sequência, serão explicadas as diretrizes e sua relação com a segmentação das cores - primárias, secundárias e terciárias -, bem como será detalhada a diretriz complementar.

Tendo como fundamento as diretrizes projetuais e as variáveis identificadas nas etapas anteriores, se dará início à etapa de experimentação projetual, na qual se testará a aplicabilidade dos conhecimentos obtidos nesta pesquisa, visando reconfigurar a compreensão do *home office* no segmento escolhido. A experimentação acontecerá com a identificação de um ponto espacial de destaque que conecte todos os dez profissionais da indústria criativa investigados. Assim, considerando esse ponto de aproximação, o local de trabalho e os lares, vai se propor uma nova compreensão, ou seja, uma nova nomenclatura e conceituação do modelo *home office*.

A partir desse novo olhar proposto, será desenvolvida a experimentação projetual e a representação gráfica em três modelos de configuração espacial, conectando-se, assim, os dez profissionais, com base em suas necessidades específicas. A experimentação será estruturada em três etapas:

A. Busca de soluções para reformular a concepção do ambiente de *home office*, baseadas nas diretrizes;

B. Possibilidade de conexão entre as profissões, associando mais de uma profissão no mesmo ambiente;

C. Desdobramentos considerando todas as necessidades de cada profissional e a adição das particularidades.

Ressalta-se que a experimentação projetual consiste em uma testagem e em uma prática do que foi estudado, a partir da aplicação das diretrizes e da construção do conhecimento obtido. Assim, ela não tem um caráter técnico de apresentação.

Ainda na sequência, o modelo base 01 será apresentado e, posteriormente, será realizada a conexão dos *home office* dos profissionais a esse modelo, com a

adição de suas particularidades ao projeto, dentro do contexto da indústria criativa. E assim sucessivamente para os modelos base 02 e 03.

Por fim, serão apresentadas as considerações finais da pesquisa, quando serão discutidas ideias construídas a partir do processo implementado, organizando-se uma breve síntese do que foi obtido com este trabalho, o qual visou à desconstrução do *home office* padrão e à construção de um novo conceito para essa modalidade de trabalho ou estilo de vida.

4 ANÁLISE E EXPERIMENTAÇÃO

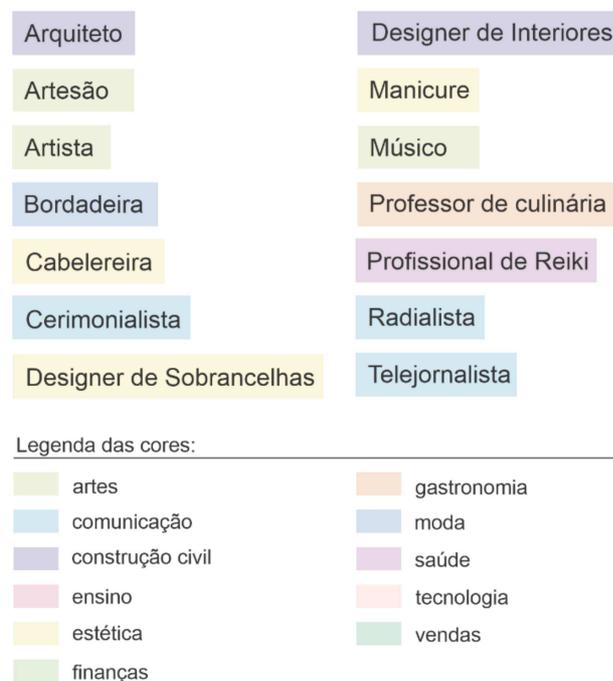
Esta etapa consistiu na identificação de profissionais que utilizam o espaço de *home office*, para assim dar continuidade aos estudos propostos para esta pesquisa. A partir dessa identificação, realizou-se o estudo acerca dos usos dos ambientes de *home office* e de como são organizados para atender as necessidades dos usuários.

4.1 Profissionais em *Home Office*

Para poder contemplar o maior número possível de profissões que trabalham em *home office* e fogem de um formato mais administrativo (mesa e computador), foi necessária uma investigação ampla, em diversas frentes de pesquisa.

Assim, elencaram-se, como ponto de partida, profissionais já conhecidos da pesquisadora e que sua memória conseguiu buscar, quais sejam: arquiteto, artesão, artista, bordadeira, cabelereira, cerimonialista, designer de sobrancelhas, designer de interiores, manicure, músico, professor de culinária, profissional de reiki (terapias), radialista e telejornalista, conforme ilustrado na Figura 27.

Figura 27 – Profissionais elencados pela memória



Fonte: Autora (2021).

A partir disso, buscou-se uma aproximação com esses profissionais para conhecer um número maior e variado de profissões que trabalham no ambiente de *home office*, configurando a segunda estratégia metodológica de pesquisa.

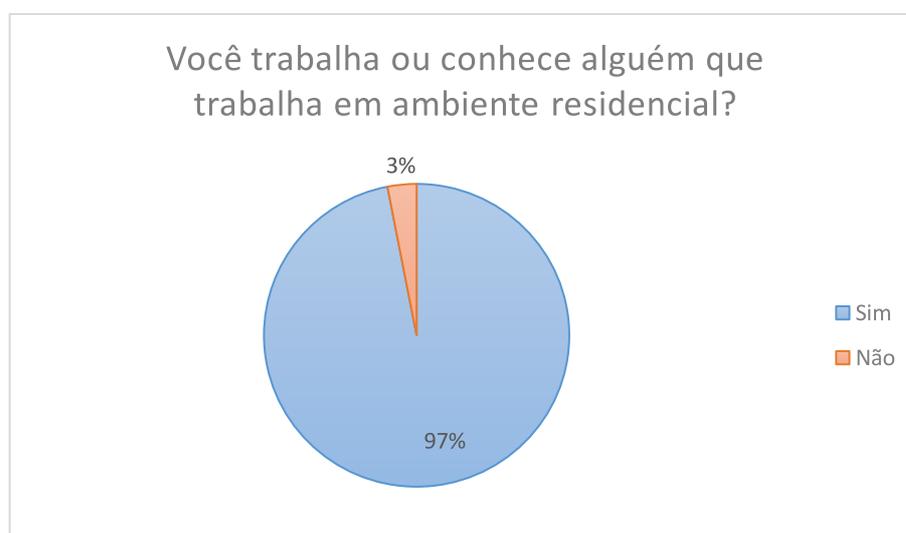
Dessa forma, neste trabalho as pessoas que foram questionadas nessa etapa são denominadas como rede de contatos. Essa diferenciação é fundamental para que posteriormente não haja confusão entre os profissionais da rede de contatos e os profissionais contatados para produção de dados acerca das necessidades específicas do *home office*.

No primeiro contato realizado, repetiu-se a questão feita para identificar algumas profissões relacionadas à pesquisa, qual seja:

Pergunta 1: Trabalha ou conhece alguém que trabalha em ambiente residencial?

Diante desse questionamento, 97% dos consultados responderam afirmativamente (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Trabalha ou conhece alguém que trabalha em ambiente residencial



Fonte: Autora (2021).

Por meio da segunda questão, buscou-se efetivamente determinar a profissão ou área em que a pessoa consultada trabalhava ou a profissão ou área da pessoa conhecida pelo entrevistado e que atuava em modelo *home office*. Foram obtidas 59 respostas para esta pergunta, como mostra a Figura 28:

Pergunta 2: Em que área você, ou quem você conhece, trabalha em modelo *home office*?

Figura 28 – Profissionais elencados por redes de contato



Fonte: Autora (2021).

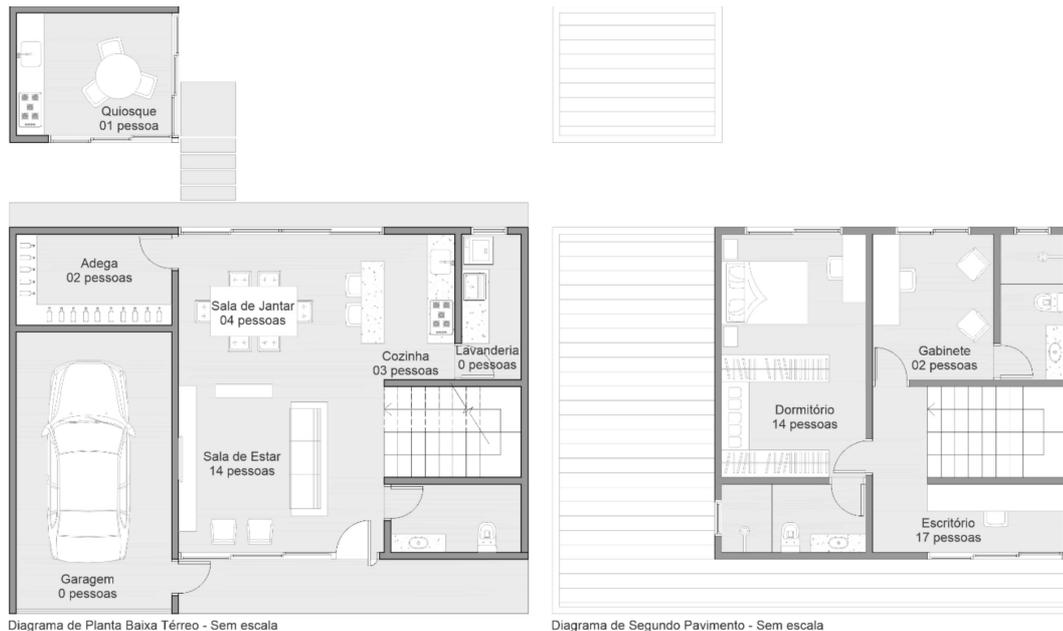
Nas colunas ilustradas acima, as diferentes cores indicam segmentos e grupos de profissões que se relacionam ou estão na mesma área de atuação. O número após o profissional ou profissão indica quantas pessoas responderam e indicaram essa profissão como uma possibilidade de trabalho em *home office*.

Mediante a terceira pergunta realizada, foi possível observar quais os ambientes são utilizados quando se trata de um modelo *home office*. Os espaços citados demonstram a diferenciação da dinâmica utilizada em cada profissão, assim

como já indicam que cada profissional possui necessidades básicas, mas principalmente específicas. No total, foram obtidas 40 respostas, sintetizadas na Figura 29, a seguir.

Pergunta 3: Quais os ambientes residenciais que o profissional utiliza para trabalhar em *home office*?

Figura 29 – Planta Baixa com indicação de usos dos ambientes *home office*

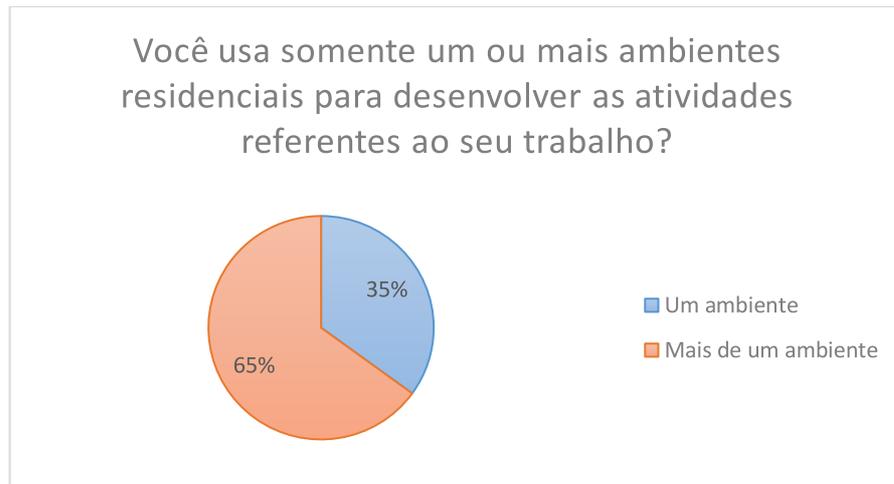


Fonte: Autora (2021).

A quarta questão teve como objetivo identificar se o trabalho em ambiente residencial limitava-se a um único espaço ou se ele se estendia a outros ambientes. Com isso, buscou-se promover uma reflexão referente à dinâmica de usos, bem como mapear a integração dos dois segmentos 'casa e trabalho', identificando o quanto eles se unem quando o foco é *home office*. Como mostra o Gráfico 2, 65% dos profissionais ouvidos responderam que usam mais de um ambiente da residência.

Pergunta 4: Você usa somente um ou mais ambientes residenciais para desenvolver as atividades referentes ao seu trabalho?

Gráfico 2 – Uso do ambiente residencial para atividades de trabalho

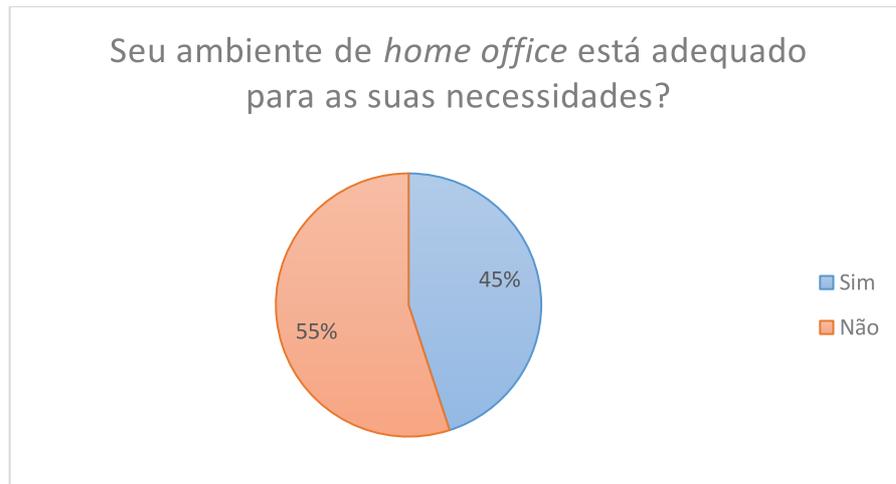


Fonte: Autora (2021).

Com a quinta pergunta, buscou-se investigar se o ambiente de trabalho em casa atendia as necessidades dos profissionais

Pergunta 5: Seu ambiente de *home office* está adequado para as suas necessidades?

Uma reflexão que surgiu a partir dessa pergunta refere-se ao entendimento das pessoas quanto a um ambiente que atende as suas necessidades, ou seja, se está relacionado a aspectos de conforto, de qualidade e ergonomia. Muitas vezes o usuário detecta elementos que o atrapalham no desenvolvimento de suas tarefas, entretanto não consegue identificar o que está gerando esse desconforto. Para aproximadamente 55% dos consultados, o ambiente de *home office* não está adequado para as atividades profissionais, conforme apresentado no Gráfico 3.

Gráfico 3 – *Home office* adequado às necessidades

Fonte: Autora (2021).

Seguindo a terceira estratégia de busca de informações nas diferentes frentes de pesquisa, fez-se o mapeamento das profissões selecionadas a partir de pesquisa espontânea na internet, conforme demonstrado na Figura 30.

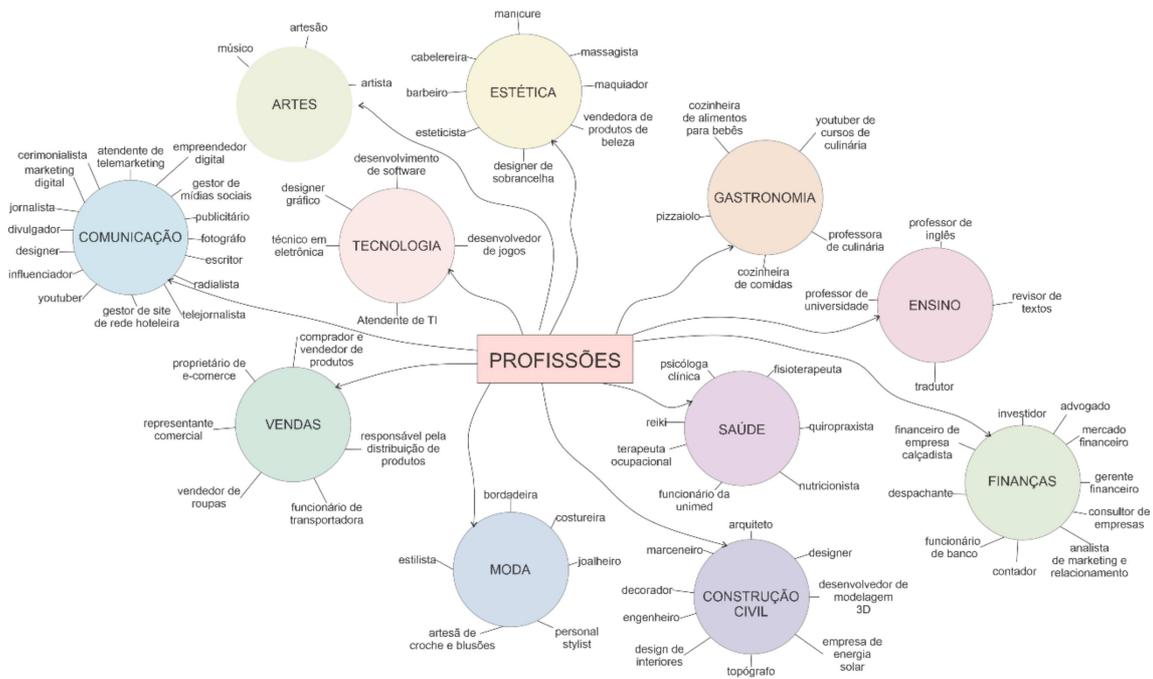
Figura 30 – Profissionais elencados por busca na internet



Fonte: Autora (2021).

O fluxograma abaixo (FIGURA 31) sintetiza todas as profissões encontradas nessa etapa da pesquisa, segundo o método de “perder-se” de Canevacci (1997), complementando as já apresentadas anteriormente. As profissões foram organizadas e estão agrupadas por áreas que também são identificadas por diferentes cores.

Figura 31 – Todos os profissionais elencados e agrupados por áreas



Fonte: Autora (2021).

Finalizando essa etapa da pesquisa, identificou-se um universo de 78 profissões que conseguem desenvolver suas atividades em ambiente domiciliar. A partir dessa identificação, foram selecionadas 10 profissões, com diversidade de entregas, estrutura e dinâmicas, com o objetivo de promover um aprofundamento no estudo. Essas profissões ou profissionais foram escolhidos por pertencerem ao segmento ‘não administrativas’, por necessitarem de diferentes configurações no que se refere a espaço físico e por terem conexão com a área da indústria criativa, segmento em crescimento. Dessa maneira, é possível estender a análise para mais ambientes residenciais, com particularidades e com programas de necessidades diferentes.

Assim, na sequência, serão apresentadas e analisadas, por ordem alfabética, as condições de trabalho domiciliar dos seguintes profissionais: três arquitetas, duas artesãs, três artistas, dois comunicadores, três costureiras, três culinárias, dois designers, dois influenciadores digitais, três fotógrafos e dois músicos.

4.2 Fragmentos de *Home Offices*

Nesse momento da pesquisa buscou-se identificar e observar as necessidades dos sujeitos da pesquisa, de acordo com as características de funcionamento do modelo de trabalho *home office* de cada profissional elencado na etapa anterior.

4.2.1 *Home office* do Arquiteto

A arquitetura é uma profissão de nível superior cujo estudo abrange diversas áreas como história da arte e das construções, cálculos e conhecimento dos materiais empregados, desenhos e representação de elementos e estudo do urbanismo. Todos esses conhecimentos estão vinculados à forma de viver e às necessidades do ser humano, pois moldam a rotina da população e determinam pontos de melhoria em meio à realidade das pessoas (COLIN, 2020).

Com o intuito de conhecer as diversidades que envolvem um ambiente destinado à arquitetura, conversou-se com três arquitetas. A arquiteta A trabalha, em seu *home office*, nos segmentos da arquitetura em projetos de edificações e de interiores e, além disso, trabalha outras 20 horas em uma loja de revestimento, com atendimento a arquitetos. A arquiteta B trabalha com o desenvolvimento de quadros decorativos, bem como realiza projetos de interiores e arquitetônicos. Por último, a arquiteta C trabalha com projetos de arquitetura e de interiores, tanto para edificações residenciais quanto para edificações comerciais.

O *home office* da arquiteta A ocorre na sua sala de jantar (de aproximadamente 20,00m²); a arquiteta B trabalha no seu quarto (de aproximadamente 18,00m²); e a arquiteta C utiliza um dormitório desocupado (de aproximadamente 12,00m²), onde montou o seu escritório de trabalho.

Como elementos essenciais para seu trabalho, ou seja, sem os quais considera impossível trabalhar, a arquiteta A destacou a organização, uma boa iluminação e uma mesa ampla. As arquitetas B e C destacaram uma mesa com uma cadeira confortável e um bom computador. Além disso, a arquiteta C incluiu uma copa para preparar um chimarrão e um espaço para armazenar todos os materiais de papelaria.

As três arquitetas ainda elencaram outros elementos necessários para o seu trabalho e para o atendimento ao cliente: mesa ampla, computador, impressora, local

para armazenar catálogos, mesa para reuniões. A arquiteta B ainda citou um local de recepção e a arquiteta C, um espaço de arquivos e uma iluminação pontual.

As três arquitetas destacaram que precisam organizar no seu ambiente diversos materiais de papelaria, como grampeador, perfurador, carimbos, folhas, entre outros elementos. As arquitetas A e C acrescentaram que sentem falta de um local para armazenar suas placas de obra, tanto as menores quanto as maiores e que atualmente elas as armazenam atrás de uma porta.

A arquiteta A citou como fundamental, além do seu computador, ter em sua mesa um calendário, um *planner* semanal, blocos para anotação, folhas e canetas para desenhos e rascunhos de projetos. Em relação à estação de trabalho da arquiteta B, ela mencionou que seria importante se tivesse um móvel gaveteiro com rodízio, próximo à mesa de trabalho.

A arquiteta B contou que precisa de um local para armazenar diversos tamanhos de quadros, sendo que nesse local ela precisaria de dois setores que incluíssem os quadros já vendidos e os que ainda estão disponíveis para venda. Além disso, precisa de uma mesa ampla para embalar os quadros com plástico bolha, assim como um local para armazenar esse plástico junto com fitas e tesoura. Ela ainda destacou que, atualmente, o *home office* acontece em dois ambientes, o dormitório e a garagem, e que seria importante se ela tivesse, em um único ambiente, todos os elementos de que necessita para trabalhar.

As arquitetas A e C comentaram que armazenam todos os seus catálogos de amostras de melaminas, lacas, tecidos, rodapés, entre outros, em um móvel gaveteiro, porém, para elas, isso não é funcional. No seu entender, as amostras deveriam ficar em um local de fácil visualização, para que, ao realizarem a concepção de materialidade de um projeto, elas pudessem olhar de maneira geral todas as possibilidades que possuem e selecionar a ideal, para compor o *moodboard* de um projeto.

A arquiteta C comentou que ela organiza os materiais impressos que serão levados para as obras sobre o móvel gaveteiro. Além disso, ela tem um local específico para armazenar as pastas dos clientes, tendo desenvolvido um porta-pastas fixado na parede, cuja organização é feita por etapas do projeto: projetos para desenvolver, em desenvolvimento, em execução, projetos que estão aguardando, em orçamentos e projetos na prefeitura. Atualmente armazena os documentos impressos dos clientes, após a conclusão do projeto, em pastas de arquivos de plástico, porém

o ideal seria ter gavetas de arquivos que fossem separadas por ano do projeto e tipo (projeto arquitetônico e projeto de interiores).

A arquiteta A possui um quadro, onde ela organiza os nomes dos clientes e os projetos que estão em andamento. Nesse quadro há papéis com o nome do cliente, o tipo de projeto e o que é necessário realizar. Ela descreve ainda que, conforme o projeto vai avançando, o papel do cliente vai andando pelas divisões do seu quadro.

Segundo a arquiteta C, quando vai receber um cliente para uma apresentação de projeto, ela transforma a sala de jantar numa sala de reuniões, onde separa as amostras presentes no projeto, organiza as impressões técnicas e instala a tela do seu computador, conectado ao notebook, para apresentação das imagens. Para ela, seria importante ter um móvel de apoio para armazenar as impressões e as amostras nesse momento, assim como uma televisão ou tela de projeção.

Na busca por compreender a relação entre o trabalho e a moradia, questionou-se se preferiam o ambiente de trabalho integrado à residência ou separado dela. A arquiteta A afirmou que prefere um ambiente integrado com o restante da casa, enquanto a arquiteta B prefere um ambiente separado do restante da casa. Para a arquiteta C, o ideal seria um ambiente que possibilitasse conectar-se com a casa em alguns momentos e em outros ficar isolada.

A arquiteta A, além de utilizar a sala de estar, faz uso também da sala de jantar e da cozinha, tanto para se alimentar durante o período de trabalho quanto para desenvolver suas atividades profissionais. Para ela, a relação casa e trabalho é sinônimo de praticidade, de acolhimento, entretanto ela sente que é mais difícil se “desligar” do trabalho e relaxar. Além disso, sente dificuldade em cumprir horários no ambiente residencial, quando o assunto é trabalho. Também acrescentou que seu espaço de *home office* ainda é muito improvisado, pois somente incorporou no lar a atividade de trabalhar e ainda não possui um local que atenda todas as suas necessidades de trabalho, que basicamente são um local para armazenar seus mostruários, pastas e documentos dos clientes, uma escrivaninha (para não usar sempre a mesa de reunião ou sofá) e um local para receber os clientes.

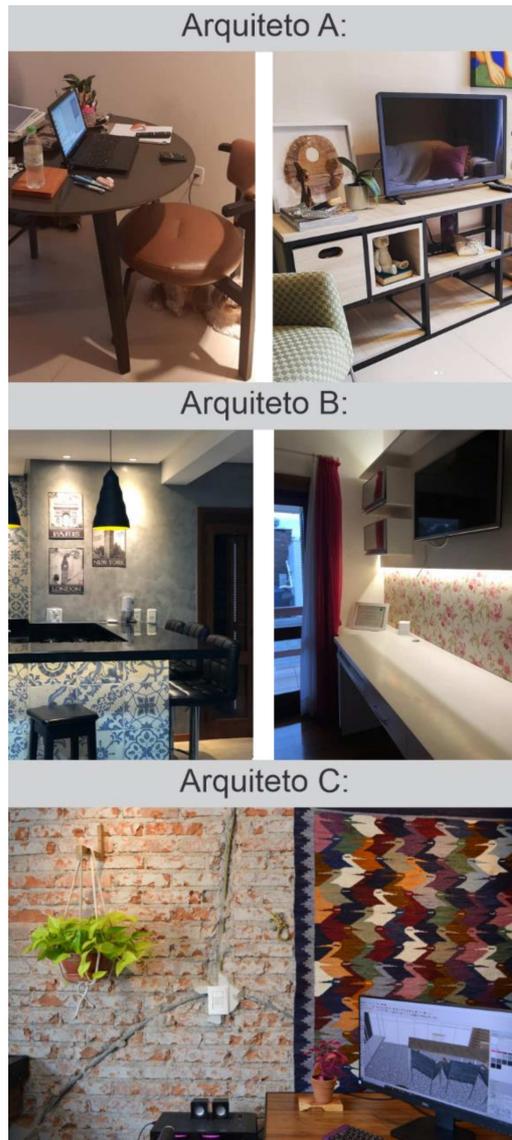
A arquiteta B utiliza como ambiente de trabalho, além do seu dormitório, a sala de estar, o espaço *gourmet*, o banheiro e a cozinha. Compartilhou que atualmente trabalha com mais pessoas de forma remota, sendo que sente falta de ter em seu local de trabalho um lugar em que possa trabalhar com sua sócia e sua estagiária. Ela atende clientes de forma presencial, excepcionalmente. Para ela, a relação casa e

trabalho é uma solução possível, porém, como reside com seus familiares, sente que em alguns momentos atrapalha a rotina dos demais, assim como a família não compreende que durante o dia ela está em horário de trabalho, causando distrações. Mencionou também que, como produz quadros, enfrenta grande dificuldade, pois, para embalar e armazenar produtos, utiliza, de maneira improvisada, o espaço *gourmet*.

A arquiteta C, além do escritório, utiliza a sala de estar e jantar, a cozinha e o banheiro. Contou que trabalha em *home office* sozinha na maior parte do tempo, porém, às vezes compartilha seu espaço com uma pessoa que trabalha como *freelance*. Quanto à relação casa e trabalho, tem dificuldade de conciliar os trabalhos domésticos com a rotina profissional. Isso ainda está sendo um desafio, mas está se organizando e a cada dia tentando separar as atividades de cada segmento. Ela usa a sala de estar como recepção, a sala de jantar para reuniões e o seu escritório como local de produção. Entretanto, quando atende clientes, vive um conflito, pois, apesar de achar interessante propiciar a eles o sentimento de “sentir-se em casa”, também sente que, de certa forma, está tendo sua privacidade invadida.

Desafiada a imaginar o *home office* dos sonhos, a arquiteta A disse que gostaria de um ambiente amplo que favorecesse a conciliação dos ambientes residencial e de trabalho, de modo que ela conseguisse relaxar em sua residência e focar em seu *home office*. A arquiteta B gostaria de um anexo à casa, devido ao fato de morar com a família. Segundo ela, o seu rendimento seria maior se estivesse em um local à parte da casa da família.

Para a arquiteta C, o *home office* dos sonhos seria em uma casa enorme, com grandes aberturas e uma vista de tirar o fôlego. Ela gostaria de um *home office* com cerca de 50m² que pudesse ser integrado com a casa, mas que fosse isolado e com um ambiente de respiro que poderia ser um pátio. Concluiu, afirmando que, atualmente, seu apartamento de 80m², em alguns momentos, fica apertado, mas que pretende construir a sua residência em breve e nela haverá o espaço descrito anteriormente e desejado para o *home office*.

Figura 32 – *Home office* das arquitetas

Fonte: Autora (2021).

Apresentadas as imagens fornecidas pelas profissionais (FIGURA 32), realizou-se a análise seguindo os três critérios preestabelecidos. Quanto a aspetos que favorecem a produtividade do espaço, constata-se que todos os ambientes das arquitetas A e B são locais improvisados, que contemplam, com a funcionalidade mínima, o dia a dia de um arquiteto.

Seria importante que houvesse, no home office, um local onde as profissionais pudessem organizar suas amostras, deixando-as com fácil acesso para que, ao criarem um projeto, elas pudessem dispor dos materiais (relato de uma profissional). Também é possível observar, nas imagens fornecidas, que os espaços não possuem um ambiente preparado para atender os clientes. Isso leva a profissional a improvisar

ou então a fazer uso de um espaço comercial fora do ambiente residencial para realizar esse atendimento.

Com relação a elementos que favoreçam a gestão do tempo das profissionais, verifica-se, nas imagens, que os espaços de *home office* atendem facilmente o desenvolvimento dos projetos em um computador, mas se limitam a isso. Dessa forma, outras atividades como organização de impressões, catálogos, reuniões, não são favorecidas com o ganho de tempo. Além disso, o espaço da profissional B, que recebe, embala e despacha quadros, não contribui para esse processo. Se ela utilizasse os locais setorizados - etapa de projeto, organização de arquivo, materiais a serem entregues para clientes, local de embalo dos quadros, entre outros – isso favoreceria a gestão do seu tempo.

Quanto à utilização de recursos, é possível verificar que os espaços são adaptáveis, ou seja, já atendem as duas funções - residência e trabalho. Entretanto, analisando os ambientes da profissional B, eles atendem melhor a necessidade doméstica do que a profissional.

Sendo assim, a partir da conversa com as profissionais e visualizando as imagens dos ambientes, pode-se afirmar que essa profissão possibilita a utilização de variados ambientes da casa, porém, considerando as profissionais consultadas, nenhum dos espaços apresentados relaciona por completo o ambiente de trabalho com o ambiente residencial.

4.2.2 *Home office* do Artesão

A palavra artesanato é definida, em dicionário, como “arte e técnica do trabalho manual não industrializado, realizado por artesão, e que escapa à produção em série; tem finalidade utilitária e artística” ou como “conjunto das peças de produção artesanal” (BORGES, 2011).

Já Borges (2011) menciona que, para a UNESCO (1997):

“Produtos artesanais são aqueles confeccionados por artesões, seja totalmente à mão, com o uso de ferramentas e até mesmo por meios mecânicos, desde que a contribuição direta manual do artesão permaneça como o componente mais substancial do produto acabado. Essas peças são produzidas sem restrição em termos de quantidade e com o uso de matérias-primas de recursos sustentáveis. A natureza especial dos produtos artesanais deriva de suas características distintas, que podem ser utilitárias, estéticas, artísticas, criativas, de caráter cultural e simbólicas e significativas do ponto de vista social.”

Para entender as diferentes necessidades que envolvem o espaço de um artesão, conversou-se com duas profissionais disponíveis. A artesã A, além de fazer peças de cerâmicas à mão, trabalhando sozinha, dá cursos em seu espaço para pessoas que tenham interesse nessa técnica. A artesã B faz bolsas de palha com adornos e bolsas de crochê. Ela é gestora de uma empresa e conta que, inicialmente, as suas criações eram um hobby, mas, como começaram a surgir pessoas interessadas querendo adquirir suas peças, decidiu dedicar-se 20 horas para desenvolver seus produtos.

O *home office* da artesã A ocorre em um dormitório (de aproximadamente 18,00m²) que agora é sua oficina de cerâmica, enquanto o da artista B ocorre em um avarandado da residência (com aproximadamente 30,00m²). Com o crescimento da demanda, a profissional B optou em fechar a varanda com vidro. Ambas profissionais trabalham sozinhas.

Com relação aos elementos essenciais para trabalhar, a artesã A destacou o seu torno e o forno para queima das peças. A profissional B destacou agulha de crochê, linha, palha, máquina de costura, mesa ampla, tecidos, botões, fitas e afins.

Quando solicitada a elencar outros elementos necessários, a profissional A citou uma mesa ampla com seis cadeiras, um kit de iluminação, bem como máquina fotográfica, fundo infinito, computador, estação de trabalho, iluminação natural e cenários para fotografar suas peças, enquanto a profissional B disse necessitar de amplo armário para armazenar tecidos, linhas e agulhas de crochê, mesa e poltrona confortável.

Para a artesã A, é fundamental ter um ambiente de fotografia para registrar as fotos das peças que cria. Esse local pode ser simples, com um fundo infinito branco, uma pequena mesa de apoio e *softbox*. Ela dispõe de prateleiras abertas para armazenar as tintas e os pincéis que usa para pintar suas peças. Além disso, para armazenar notas e documentos, colocou uma caixa com tampa sobre a sua estação de trabalho, onde, posteriormente, ela arquiva os documentos. Mas esse local, segundo ela, está ficando pequeno.

Outro aspecto levantado pela artesã A é que, quando trabalha sozinha na produção de suas peças, sente falta de mesa/banco para posicionar o torno e para poder sentar-se no mesmo nível da ferramenta. De acordo com a artista, seria fundamental ter, ao lado do banco com o torno, uma mesa ampla para dispor os equipamentos necessários (como esponja e outras ferramentas), pois nessa mesma

mesa ela posiciona a peça trabalhada e realiza a parte de pintura. Outro elemento essencial para ela seria um tanque grande para fazer a limpeza dos materiais. Em relação ao forno da artesã A, é importante que ele fique em um local mais longe da sua estação de trabalho principal, pois ele aquece o entorno do ambiente.

Essa profissional ainda mencionou que seu espaço fica apertado quando ministra cursos. Também referiu a falta de um espaço para dispor as argilas e para posicionar os tornos, além de uma pia próxima para, sempre que possível, pegar água ou limpar as mãos. Acrescentou que, para as dinâmicas e cursos, seria importante uma solução para forrar o piso e a mesa de trabalho, pois atualmente ela só forra a mesa com papel pardo, mas acontece com frequência de sujar o chão.

A artesã de cerâmica tem uma oficina de relaxamento, por isso ela precisa dispor grandes almofadas no chão de maneira a formar uma roda, pois, na frente de cada um dos alunos, ela posiciona o torno, a argila e uma vasilha com água para a atividade. Nessa dinâmica, ela liga uma fonte de água, com um som ambiente e abajures para reduzir a iluminação.

Já a artesã B armazena os enfeites de pedraria, botões e afins em caixas plásticas, porém observa que seria melhor se esse material estivesse em gavetas com divisórias e um tampo de vidro, similar a uma gaveta de joias. Ela organiza os seus tecidos e linhas em caixas plásticas agrupadas por cor e tipos de materiais. A artesã B também fotografa suas peças para a venda, porém utiliza seu próprio celular em qualquer ambiente da casa que possa ser plano de fundo.

Segundo a artesã B, para a confecção das suas bolsas de crochê, não há muitas necessidades envolvidas, somente o local para armazenar suas linhas e agulhas. Na etapa de realizar o crochê, ela utiliza vários espaços da casa, pois apenas se senta em uma poltrona ou cadeira, e inicia a atividade. Após a conclusão da estrutura externa de crochê, ela vai até a sua varanda e inicia a etapa de finalização da peça, onde ela corta sobre a sua mesa de madeira o tecido para o forro, escolhe o zíper e as pedrarias ou botões e inicia a sua costura nesse mesmo local.

As duas profissionais contaram que necessitam de um espaço para armazenar e embalar os produtos que serão entregues. A artesã A necessita de plástico bolha e caixas, enquanto a artesã B precisa de uma bancada com os papéis celofane para embrulhar e um local para armazenar as sacolas e os adesivos.

Buscando compreender como relacionam o ambiente de trabalho e a casa, questionou-se se preferiam um ambiente de atividades profissionais integrado ou

separado da residência. As duas profissionais afirmaram que preferem um ambiente conectado com a residência. A artista A destacou ainda que necessita conectar as funções de morar e trabalhar, pois mora em um apartamento compacto.

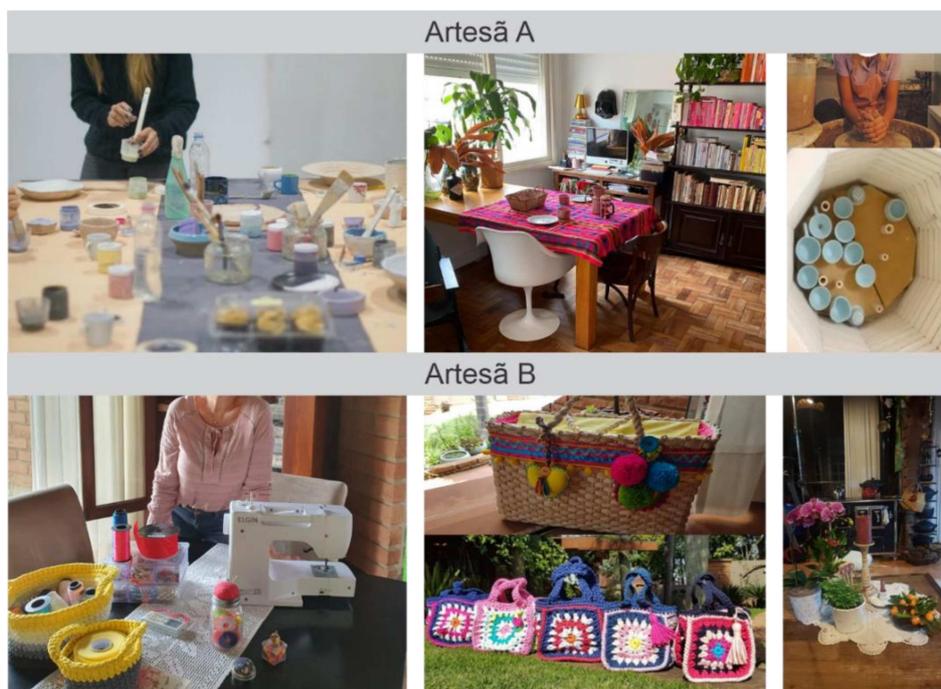
A artesã A, além da sua oficina organizada em um dormitório, utiliza a sala de estar e a sala de jantar para realizar os cursos, bem como a cozinha, para os momentos em que precisa utilizar o notebook. Para a artesã A, a relação casa e trabalho é um estilo de vida, pois ela ama o que faz e encontrou na cerâmica a sua paixão. Trabalhar em casa permite que realize imediatamente sua expressão artística quando o sentimento aflora, sem estar atrelada a uma jornada de trabalho rígida. Outra característica que torna essa dinâmica prazerosa é o fato de morar sozinha, assim não sofre interrupções. Seu único problema atual é referente a seu espaço físico que é compacto. Mesmo que atenda suas necessidades básicas, nos momentos das oficinas ele fica compacto demais.

A artesã B, além da sua varanda, utiliza todos os ambientes da casa que tenham um bom local confortável para sentar-se, como um sofá ou uma poltrona, visto que passa muitas horas numa mesma posição. Ela comenta que as suas linhas vão caminhando pela casa, mas que a sua varanda é um dos locais preferidos, pois possui uma iluminação natural e um fogão à lenha para aquecê-la nos meses de inverno. Ela comenta que seu espaço poderia ser ainda maior e que em alguns momentos sofre com as interrupções constantes dos filhos.

Questionada sobre o *home office* dos sonhos, a artesã A destacou que está satisfeita com seu local de trabalho e de moradia, entretanto o ambiente dos sonhos seria uma grande galeria de exposição das suas peças, em um local amplo, com muito verde e iluminação natural, o que já fugiria do conceito de *home*.

A artesã B gostaria de um ambiente maior, com prateleiras sob medida, ao invés de um móvel pronto como ela tem. Com prateleiras sob medida, ela poderia construir o espaço de acordo com a quantidade de material que necessita guardar, não armazenando tudo em um móvel adaptado. Além disso, segundo ela, seria importante separar o armazenamento de cada item, ou seja, dispor de um local exclusivo para as linhas, outro para os rolos de fitas, outros para os tecidos, e assim por diante.

Figura 33 – Home office das artesãs



Fonte: Autora (2021).

Analisando as imagens fornecidas pelos profissionais (FIGURA 33) a partir dos três critérios preestabelecidos, quanto à produtividade, os ambientes atendem as necessidades das usuárias e são funcionais. Verifica-se, também, que os ambientes possuem a maioria dos aspectos necessários para o trabalho das duas artesãs, no entanto ambas sentem falta de espaços maiores. De fato, é possível notar que, se os espaços fossem maiores, elas poderiam ter locais ainda mais funcionais.

No que se refere à gestão do tempo, sabe-se que, quando um ambiente é funcional, ele tende a favorecer a gestão do tempo do profissional. No caso da profissional A, ela tem à disposição tudo do que necessita, entretanto, como a própria artesã B comentou, se seus materiais de trabalho fossem organizados separadamente, seria mais fácil de ela encontrar os itens, o que favoreceria a sua gestão e o ganho de tempo para desenvolver os seus produtos.

Em relação à utilização de recursos, no que se refere à adaptabilidade, os espaços das profissionais são extremamente flexíveis e se adaptam facilmente ao morar e ao trabalhar. As imagens mostram, também, que as duas profissionais utilizam diversos ambientes residenciais para desenvolver suas atividades de trabalho.

4.2.3 *Home office* do Artista

A arte é uma forma de expressão, com registros desde a pré-história. Nesse período a arte era rupestre, com desenhos em pedras e sem a presença de textos ou explicações que ajudassem a compreendê-la. Na Antiguidade, já com a invenção da escrita, a arte passou a simbolizar principalmente as crenças da população. Nessa época, com a utilização de ferramentas e algumas tecnologias, novos materiais começaram a ser utilizados e a arte tornou-se monumental. Como exemplo, citam-se as pirâmides do Egito, a Esfinge de Gizé e a mumificação dos corpos dos faraós. Atualmente, a arte é expressa de diversas formas e em diversos estilos, contando com novas tecnologias e com uma nova visão do mundo por parte dos artistas e observadores (DIUANA *et al.*, 2016).

Para se apropriar das particularidades do ambiente de trabalho de um artista, foram consultados três profissionais. O artista A trabalha com painéis, paredes, telas e malharias, ou seja, seu trabalho está relacionado com as artes visuais. Ele possui um grafismo registrado como sua marca e característica de originalidade e é a partir desse grafismo que desenvolve seu trabalho.

A artista B trabalha com artes plásticas e é responsável pelas atividades complementares que envolvem seu ateliê. Ela destaca que cuida do administrativo, do marketing, do controle de estoque e do atendimento ao cliente. Por fim, a artista C trabalha principalmente com bordados feitos à mão, mas como é apaixonada por arte, faz diferentes trabalhos, chamados por ela de “artes aleatórias”.

O *home office* do artista A está organizado em um dormitório (de aproximadamente 18,00m²) que antes pertencia à sua irmã, mas agora funciona como seu ateliê. A artista B utiliza também um dormitório (de aproximadamente 12,00m²) para desempenhar as suas atividades e a artista C faz uso do ambiente da sala de estar (com aproximadamente 20,00m²), porém em breve irá montar o seu ateliê em outro cômodo da casa. Os profissionais A e C trabalham sozinhos, já a profissional B trabalha com o seu marido. Nenhum deles atende clientes em seu *home office*.

Referente a elementos essenciais para trabalhar, o artista A destacou seu computador (onde ele diagrama sua arte), lápis e papel (para desenhar o projeto imaginado), caneta, régua e tinta (para execução do trabalho), pincéis e escadas. A artista B acrescentou cavalete e telas para pinturas e a artista C destacou que, para

ela, os seguintes elementos são essenciais: mesa, cadeira, bancada para cortar tecidos, tecidos, linhas, tesouras, máquina de costura, pincéis, agulhas e tintas.

Os três artistas também elencaram como elementos necessários para o seu trabalho, computador ou notebook, estação de trabalho, poltrona, telas de pintura, tintas e pincéis e uma mesa ampla. Os artistas A e C acrescentaram a necessidade de uma iluminação pontual, enquanto a artista B lembrou da importância de uma luz controlada e de máquina fotográfica.

O artista A destacou que precisa de um espaço para armazenar opções de molduras de quadros, como uma espécie de gavetas com material estofado e as molduras embutidas, sendo que as molduras devem poder ser tiradas, quando necessário. Além disso, ele armazena materiais com texturas diferentes como placas metálicas, painéis de diferentes madeiras, painéis de acrílico, entre outros. Esses painéis são armazenados atualmente no chão, encostados na parede, mas ele comenta que seria interessante organizá-los em um móvel expositor para facilitar a visualização e o uso.

Para esse profissional, é fundamental ter, em sua mesa, muitos papéis de diferentes gramaturas, organizados em uma caixa organizadora (separados por tipos, em muitas divisórias). Ele também necessita de uma variedade de régua e esquadros. Tem as suas canetas em uma caixa metálica com tampa, sobre um suporte inclinado para facilitar a localização no momento em que desenvolve suas peças. Também é importante para ele dispor de espaços amplos, vazios, para que, conforme a demanda de trabalho, ele possa ir ocupando o espaço. O artista possui um armário em que organiza alguns materiais como fitas, papel contact colorido e tintas. Atualmente esse armário é fechado e distante da sua mesa de criação, então ele destaca que seria importante que estivesse próximo à sua mesa, que fosse menos profundo e aberto para facilitar o acesso e a visualização do que tem dentro.

Esse profissional ainda comentou que realizou um trabalho de uma tela de 4,00 metros de altura. Dessa forma, teve de se organizar para trabalhar no pátio, pois dentro da sua casa não tinha um local com pé direito duplo que possibilitasse pinturas maiores. Nesse caso, foi fundamental para o artista a utilização de escadas e andaimes.

A artista B contou que, quando inicia um trabalho, ela seleciona uma série de imagens de referência que promovam inspiração. Então as imprime e monta, através de colagens, aspectos que serão utilizados na pintura. Nesse mesmo painel cola

testes de texturas e materiais diferentes que podem ser aproveitados. Dessa forma, seria importante para ela ter uma parede livre, onde pudesse fixar as referências e observá-las, iniciando o trabalho em uma tela sobre um cavalete de pintura.

Ela ainda acrescentou que é importante ter mesas reclináveis, próprias para desenho, pois também realiza a base para pintura através de desenhos. Destacou que precisa que todas as opções de pincéis e cerca de cinco potes fiquem à mostra, com fácil acesso e que suas opções de tintas estejam próximas ao local onde ela irá realizar a pintura. Para ela, seria importante ter um móvel que pudesse deslocar pelo espaço que tem, pois, dessa forma, poderia posicionar ali os pincéis e as tintas escolhidas.

Os profissionais A e B ressaltaram a importância de ter um local para armazenar as telas em branco, para elas não fiquem encostadas contra a parede. Assim como um local onde pudessem embalar a tela com plástico bolha, cantoneira de papel nos cantos e fitas, quando a obra estivesse finalizada.

De acordo com a artista C, seu local de trabalho atualmente é improvisado, por isso sente falta de vários elementos, como um móvel maior com rodízio e divisórias para armazenar as linhas de bordado. Esse móvel para armazenar seria importante que fosse de acrílico para que tivesse transparência. Ela necessita também de um local para armazenar os seus bastidores, peça circular que prende o tecido a ser bordado. No seu espaço de trabalho também precisa de um local para armazenar tintas e pincéis para pintar o bastidor (quando ela entrega junto), bem como tintas para tecido. A artista C falou que fixa os *post its*, separando o “fazer” e o “fazendo”, em uma parede, para organizar as demandas dos clientes.

Buscando compreender como relacionam os ambientes de trabalho e casa, questionou-se se preferiam um ambiente de trabalho integrado ou separado da residência. Os três profissionais afirmaram que preferem um ambiente separado do restante da residência.

O artista A, além do seu ateliê, utiliza o banheiro da residência e a garagem quando desenvolve trabalhos em uma escala maior ou então quando realiza a pintura de telas e painéis que tendem a sujar mais. Para ele, a relação casa e trabalho varia conforme o dia, pois, para o processo de criação, é muito bom estar em casa, visto que isso permite fazer experiências com materiais e técnicas, sem incomodar ninguém. Entretanto, em outros momentos, é importante sair do *home office* para sentir, analisar e “virar a chave”, dando o *start* de uma inspiração.

A artista B, além do dormitório, faz uso da sala de estar (onde faz o marketing e o financeiro), da cozinha e do banheiro para desenvolver seu trabalho. Segundo essa profissional, o trabalho em *home office* é essencial, pois, desde o momento em que iniciou o desenvolvimento das suas peças artísticas, ela trabalha em casa e não se imagina trabalhando em um local comercial. Entretanto, ela sente dificuldade de organizar todos os elementos que possui em seu espaço, pois ele é pequeno e, da maneira como está, fica com o aspecto de bagunçado.

A artista C disse que utiliza, no momento, somente a sala de estar, porém no futuro irá desenvolver o seu ateliê em um dormitório desocupado, onde irá guardar todos os seus materiais, transformando esse local em base para desenvolver suas atividades. Também comentou que quando morava com seus pais, utilizava a casa inteira (sala, jardim, quiosque), alternando os cômodos da casa para se inspirar e para fazer companhia para eles.

Assim, nessa época, essa relação casa e trabalho não era uma boa alternativa, pois, além de levar sua arte para os demais cômodos, ela tinha uma bancada em seu quarto. Dessa forma, era difícil separar as atividades, pois quando se sentava para trabalhar, a cama estava ali do lado e quando se deitava para relaxar, não conseguia porque o trabalho estava diante dela, esperando. Agora morando sozinha e tendo mais espaço, está aproveitando para trabalhar em casa.

A artista ainda comentou da sua necessidade de ter marcos para separar casa e trabalho. Como exemplo, citou que, para melhorar o local de trabalho no seu antigo quarto, ela poderia ter criado uma pintura em cor diferente para demarcar essa transição.

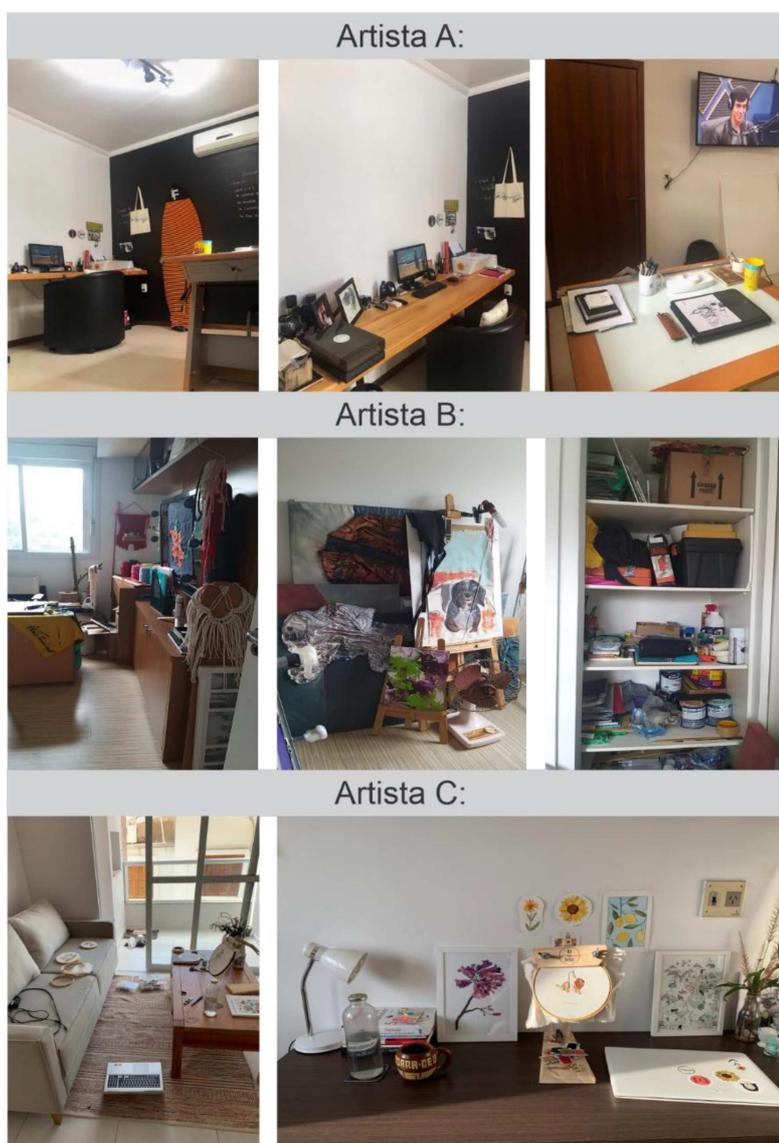
Questionado sobre o *home office* dos sonhos, o artista A disse que imagina um espaço mais conectado com a área externa e o pátio da residência. Um local com acesso exclusivo para ele poder receber clientes e fornecedores - um ambiente inspirador, repleto de natureza, com uma mesa grande para a criação e realização dos trabalhos.

Para a artista B, o *home office* dos sonhos seria uma casa - para poder sair da porta e pôr os pés no chão (atualmente ela mora e trabalha em um apartamento). Ela complementou que gostaria de um ambiente amplo para montar o seu ateliê e que tivesse uma conexão restrita com a residência. Ainda destacou que, em momentos de inspiração, necessita de concentração e quando está no desenvolvimento, precisa de

um local animado; portanto, gostaria de um espaço que contemplasse esses dois aspectos.

A artista C gostaria de ter seu ateliê em cômodo único da residência, um local em que pudesse organizar todos os seus materiais e equipamentos, com uma mesa de centro com cadeiras para dar aulas e oficinas. Afirmou que o ambiente ideal seria um cômodo que lhe possibilitasse fechar a porta e, assim, compreender que o horário de trabalho havia encerrado. No entanto, também gostaria de ter uma relação com a casa quando estivesse trabalhando, para poder utilizar os outros cômodos como inspiração ou descanso.

Figura 34 – *Home office* dos artistas



Fonte: Autora (2021).

Considerando as imagens fornecidas pelos profissionais (FIGURA 34), é possível afirmar, quanto a aspectos que favorecem a produtividade do espaço, que o fato de o artista A precisar usar o seu ateliê e também a garagem da residência para desenvolver sua arte desfavorece a funcionalidade do espaço. Como os ambientes não possuem uma conexão entre si, ele precisa transitar pela casa com os materiais necessários para o desenvolvimento do projeto.

Referente ao espaço da artista B, percebe-se que o ambiente está extremamente compacto para todas as suas necessidades, impedindo uma setorização do seu trabalho. Já o ateliê da artista C, mesmo que esteja integrado com a sala, atende todas as necessidades da usuária.

No que se refere à gestão do tempo, os ambientes dos artistas A e C são espaços extremamente organizados, que equilibram bem as funções de morar e trabalhar, assim favorecendo o ganho de tempo. Por outro lado, no ambiente da artista B, a aglomeração de elementos, devido à falta de setorização, pode favorecer a menor agilidade do espaço, levando a artista a precisar de mais tempo para desenvolver uma obra.

Referente à melhoria da utilização de recursos, os ambientes A e C possuem uma grande adaptabilidade em seus espaços, pois, por exemplo, a sala de estar facilmente se transforma em um ateliê e vice-versa. Da mesma forma, o ateliê do artista A pode se transformar em um ambiente de estar ou outro cômodo da residência. Por outro lado, o espaço da artista C, por ser compacto e por ela produzir uma arte em maior escala, indica dificuldade de adaptação em outro uso.

Dessa forma, a partir da conversa com os profissionais e das imagens dos ambientes dos artistas, pode-se concluir que essa profissão permite a utilização de variados ambientes da casa, porém nenhum dos espaços dos profissionais integra o ambiente de trabalho com o ambiente residencial por completo.

4.2.4 *Home office* do Comunicador

A comunicação é um fenômeno natural do ser humano, manifestado desde a pintura rupestre até o desenvolvimento da escrita e das linguagens, abrangendo a cultura e a tecnologia. A linguagem envolve a utilização de um idioma, a expressão por meio de palavras ou gravuras e o emprego formal ou informal da fala. A cultura engloba a forma como as pessoas de determinado local ou em determinado tempo

veem e entendem os fatos. E a tecnologia, por fim, compreende basicamente os equipamentos e meios que propagarão as informações.

O surgimento e o crescimento dos jornais, como os conhecemos hoje, por exemplo, tem como marco a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. Nessa época foram produzidos maquinários capazes de imprimir grandes quantidades de cópias, o que tornou possível a circulação em massa desse meio de comunicação (PERLES, 2019).

Assim, para se apropriar das questões que envolvem um ambiente destinado a profissionais da comunicação, conversou-se com dois profissionais que aceitaram participar deste estudo. O profissional A é jornalista de formação e atua com reportagens para televisão, com auxílio para sites na criação de reportagens, e para rádio, complementando o grupo de comunicação. Quando está em *home office*, normalmente trabalha sozinho ou então com a presença de um câmera para realizar as gravações.

A profissional B atua como radialista nas funções de comunicadora e produtora. Com a pandemia, passou a trabalhar em formato *home office* de duas maneiras: primeiramente gravando áudios por WhatsApp e encaminhando para o profissional presente na sede da rádio; posteriormente montou um pequeno estúdio de gravação e produção.

O *home office* do telejornalista ocorre em um espaço de escritório (de aproximadamente 18,00m²), num dormitório que não estava sendo utilizado. Já o *home office* do radialista ocorre na sala de estar (com aproximadamente 45,00m²).

Como elementos essenciais no trabalho, o telejornalista destacou os equipamentos de captação de imagem, enquanto o radialista destacou fones de ouvido, computador e celular. Os dois profissionais também elencaram como elementos necessários para o seu trabalho, o computador, uma estação de trabalho, um microfone e controle de ruído. O profissional A ainda citou máquina fotográfica com opção de filmagem, kit de iluminação, estação de trabalho e poltrona. Para o profissional B, são ainda necessários equipamentos de som.

Para o telejornalista, é fundamental uma estação de trabalho confortável, que seja ampla e permita organizar as impressões de cada matéria que irá gravar. Ele contou que posiciona as matérias sobre a bancada, separadas por dias da semana, e que, após a gravação ser realizada, ele descarta a versão impressa. Na estação de trabalho, ele desenvolve as matérias no computador, dispondo também de um

gravador e de um bloco de anotações. Em relação aos outros espaços, ele necessita que o local esteja sempre organizado e sem muitos elementos de decoração, pois esses desviam a atenção do expectador. Outro detalhe é que ele precisa de pelo menos três planos de fundo para diversificar as gravações - atualmente um é na sala de estar, outro na varanda (vista da cidade) e o terceiro em uma parede neutra.

A radialista conta que é importante ter um plano de fundo, atrás da sua cadeira, onde é desejável que não transitem pessoas, pois em alguns momentos realiza *lives*. Comentou sobre a importância de esse fundo ser trocado com o passar do tempo ou de acordo com as necessidades específicas das *lives*. Por exemplo, programas mais descontraídos pedem um fundo mais divertido e programas mais sérios, um fundo mais sóbrio.

A sua mesa de trabalho contém duas telas de computador, mais a mesa de som e o microfone no centro, com gravador, fones de ouvido, transmissor de áudio via celular e um bloco de anotações. Comentou que a mesa deveria ter um local mais alto, pois em vários momentos prefere realizar gravações em pé, pois se sente mais confortável. Para isso também seria necessário um microfone com cabo flexível. Em outros momentos, porém, precisa sentar-se para fazer as matérias e a maior parte da programação. Sua estação de trabalho localiza-se dentro de uma “caixa” de vidro, na sala de estar, que possui três portas de correr e, quando necessário, pode fechá-las ou então abri-las.

Também se questionou sobre a preferência dos profissionais quanto ao ambiente de trabalho ser integrado ou separado da residência. O telejornalista afirmou que prefere um ambiente integrado com o restante da casa e a radialista, por sua vez, um ambiente que pode se conectar com a casa em alguns momentos e em outros precisa ser isolado.

O telejornalista utiliza como ambiente principal de trabalho o seu escritório, onde escreve reportagens e faz gravações em que ele aparece. Quando precisa gravar boletins, ele usa a sacada e a sala de estar, pois são ambientes mais amplos e com melhor iluminação. Para ele, compartilhar um ambiente para casa e trabalho tornou-se necessário em tempo de pandemia, mas gera prejuízos no produto final, pois o contato com os entrevistados é algo muito importante no jornalismo porque promove uma relação de confiança.

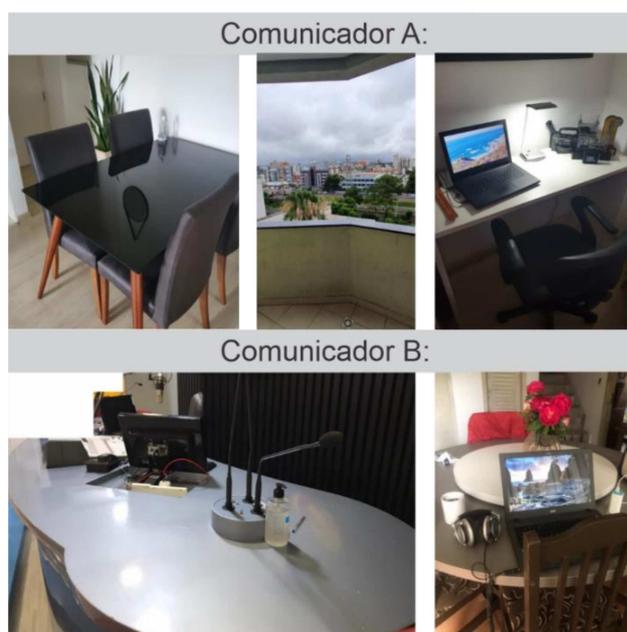
Segundo esse profissional, na dinâmica atual de trabalho, o *home office* é uma solução que irá perdurar por tempos, pois facilita tanto para o profissional como para

a empresa. O telejornalista ainda acrescentou que acredita em um sistema híbrido no futuro, ou seja, em determinados momentos pode atuar em *home office* e, quando necessário, pode sair a campo para produzir reportagem e ir à sede da empresa em que trabalha.

A radialista, além da sala de estar, utiliza a cozinha, o banheiro e o pátio da residência para momentos em que produz matérias em que não é necessário um silêncio absoluto. Afirmou que, no momento, trabalhar em casa é muito tranquilo, mas foi difícil se adaptar inicialmente devido à falta de estrutura no *home office*, se comparada a do estúdio. Ressaltou que todo o período de transição é cheio de desafios e que atualmente consegue observar os benefícios do trabalho nessa modalidade. Outra dificuldade são as constantes interrupções da família, para as quais precisa estar preparada, porque “do nada”, seu filho pode entrar falando e muitas vezes causar danos à programação.

Interrogado sobre o *home office* dos sonhos, o telejornalista disse imaginar um escritório integrado à sala de estar e à varanda, onde ele poderia centralizar todas as gravações com cenário adequado e com controle de ruídos externos. Para a radialista, o ambiente dos sonhos seria um espaço arejado, com iluminação natural, uma cadeira confortável, internet e computador rápidos que evitassem pausas indesejadas no fluxo de trabalho. Ainda acrescentou, como fundamental, um ambiente silencioso para os momentos de gravação.

Figura 35 – *Home office* dos comunicadores



Fonte: Autora (2021).

Analisando as imagens (FIGURA 35) a partir dos três critérios preestabelecidos, pode-se afirmar que, quanto a aspectos que favorecem a produtividade do espaço, os dois ambientes são extremamente funcionais para as necessidades dos profissionais. Eles estão separados por setores, ou seja, há um local para produção de matérias e outros locais para gravações. No entanto, o espaço do telejornalista poderia incluir um local com tratamento acústico para redução de ruído para matérias e momentos do dia a dia em que houver necessidade.

Referente à gestão do tempo, os ambientes são funcionais e, dessa forma, tendem a não desperdiçar o tempo do profissional. Por outro lado, como os ambientes de produção da radialista e os ambientes de filmagem do telejornalista são em área comum da casa, se eles morarem com outras pessoas, podem ocorrer interrupções desagradáveis que provocarão retrabalho.

Relativo à utilização de recursos, verifica-se que os ambientes são facilmente adaptáveis para contemplar moradia e trabalho. O local das gravações da radialista, porém, pode apresentar mais dificuldade de conexão com o restante da casa.

Portanto, com base na conversa com os comunicadores e visualizando as imagens dos seus locais de *home office*, percebe-se que utilizam variados ambientes da casa, os quais possibilitam uma boa integração entre o morar e o trabalhar. No entanto, ambos poderiam associar ainda mais os dois aspectos.

4.2.5 *Home office* da Costureira

A profissão de costureira envolve uma atividade manual e está diretamente ligada à indústria da moda. Essas profissionais podem trabalhar como modelistas (costureira que desenvolve peças sob encomenda); fazer reformas (profissional que desenvolve reparos e reformas); ser costureira de facção (que presta serviços a distância para uma empresa) ou ainda de confecção em série (profissional que possui um vínculo empregatício com alguma empresa) (BORDIN, 2019).

Com o objetivo de conhecer diferentes aspectos que envolvem um ambiente destinado à costura, conversou-se com três costureiras. A costureira A realiza confecções de peças sob medida e faz reformas. Ela atende seus clientes, recebe os tecidos ou as peças de roupas que serão ajustadas, faz medições, cortes e executa o trabalho. Quando necessário, realiza a prova das vestimentas nos clientes que as retiram, assim que são finalizadas.

A costureira B realiza atividades de *patchwork*, isto é, desenvolve produtos de tecidos em seu ateliê de costura e depois os vende em feiras ou na internet. Já a costureira C desenvolve vestuário feminino em couro e depois revende as peças em lojas. Também executa a recepção de pedidos, distribui as tarefas para as suas funcionárias, realiza a modelagem, o corte, a costura e os acabamentos das peças.

O *home office* da costureira A ocorre em um espaço que antes era uma sala de estar (com aproximadamente 10,00m²), mas que agora é seu ateliê de costura, enquanto a costureira B utiliza o sótão da residência (com aproximadamente 70,00m²) para seu ateliê de *patchwork* e a costureira C utiliza a garagem (com aproximadamente 30,00m²).

Como elementos sem os quais seria impossível trabalhar, a costureira A destacou uma boa máquina de costura, tesoura afiada e boa iluminação. A costureira B acrescentou como essenciais uma base para corte emborrachada, esquadros, régua, cortador circular manual. Por fim, a costureira C acrescentou uma impressora *ploter* para confecção dos seus moldes e uma máquina específica para couro.

As três costureiras elencaram ainda outros elementos necessários para o desenvolvimento de seu trabalho e para o atendimento ao cliente, que foram: arara de roupas, local de corte, local para armazenar tecidos, local para armazenar utensílios e linhas, provador, espelho, manequim, área de recepção. A costureira A necessita de todos os elementos citados, enquanto a costureira B não precisa de arara de roupas, manequim, provador, área de recepção. Ressaltou, porém, que precisa de uma grande área para armazenar tecidos. A costureira C observou que precisa de uma área com espelho e iluminação adequada para fotografar as peças.

Para a costureira A, também é importante uma estação de trabalho em formato de L, ou seja, com máquina de costura na sua frente e na lateral uma segunda máquina de costura (overloque). Depois da máquina de overloque deve haver um local onde ela possa passar a ferro as peças de roupas. Assim, o ideal seria ter uma cadeira com rodízio.

O seu processo de trabalho tem início ao tirar as medidas da cliente, momento em que utiliza uma fita métrica e um caderno de anotações. Depois ela realiza a confecção dos moldes na mesma bancada em que atende os clientes. Ela desenha o molde com caneta em folhas de jornais ou revistas, recortando e usando fita durex para emendar as folhas, sempre respeitando as medidas da cliente. Com o molde finalizado, prende-o com alfinete no tecido e realiza o corte do tecido na mesma

bancada. E então ela vai para a etapa de costura. Após a costura inicial, a cliente retorna ao ateliê e prova a roupa confeccionada e, com alfinetes próximos ao, são feitas marcações de ajustes. A última etapa é a correção dos ajustes demarcados na prova e a finalização da peça.

Além disso, segundo a costureira A, seria importante ter um local para armazenar sacolas, além de prateleiras que separassem as roupas entre peças finalizadas e peças para fazer. Tais prateleiras deveriam ficar próximas da arara de roupas, pois há algumas peças que não devem ser armazenadas em prateleiras para não amassarem.

Para as costureiras A e C, é importante que a área de corte seja mais alta para que elas possam trabalhar de pé. Já a costureira B explicou que, como ela envia peças e vende pela internet, ela precisa de uma área para embalar os produtos, pois utiliza plástico bolha, papel pardo, fitas adesivas e fitas mimosas. Parte da bancada de corte é utilizada para embalar as peças, sendo fundamental que os itens citados fiquem bem à mão para uso.

A costureira B possui um grande espaço de armazenamento de tecidos e utiliza um cesto para armazenar feltro e enchimentos, assim como um gaveteiro retrô para organizar suas linhas. Esse móvel possui divisórias internas, assim, ela separa as linhas por cores e tipos. Ela também utiliza uma tábua de passar doméstica para realizar as marcações nos tecidos. Sua máquina de costura principal fica em uma mesa separada e as máquinas auxiliares, de costuras específicas, ficam agrupadas em uma outra mesa.

Por sua vez, a costureira C comentou que necessita de uma área ampla para armazenar as peças de couro, assim, o ideal seria dispor de um armário que fosse uma estante aberta com prateleiras de madeira estofadas, de veludo, para proteger o couro. Ela utiliza também uma mesa alta para realizar os cortes das peças. Como ela desenvolve a criação dos vestuários, precisa de um computador e de um painel que permita imprimir e fixar imagens de referência para suas peças. Desenha o molde da peça seguindo sua grade de tamanho no computador e, após isso, realiza a impressão em sua *plotter*. Sobre a sua mesa, realiza o corte com tesoura da plotagem. A costureira possui um móvel gaveteiro para armazenar zíperes e botões. Nos seus momentos de criação, seleciona o zíper a ser utilizado, os botões, um recorte da peça de couro, a imagem de referência e testa o tipo de costura que irá realizar na peça - essa composição irá nortear o desenvolvimento da vestimenta.

Para compreender a relação trabalho e casa, questionou-se se preferiam um ambiente de trabalho integrado ou separado da residência. A costureira A disse preferir um ambiente integrado com o restante da sua moradia; já as costureiras B e C afirmaram que preferiam ambientes separados para a casa e o trabalho.

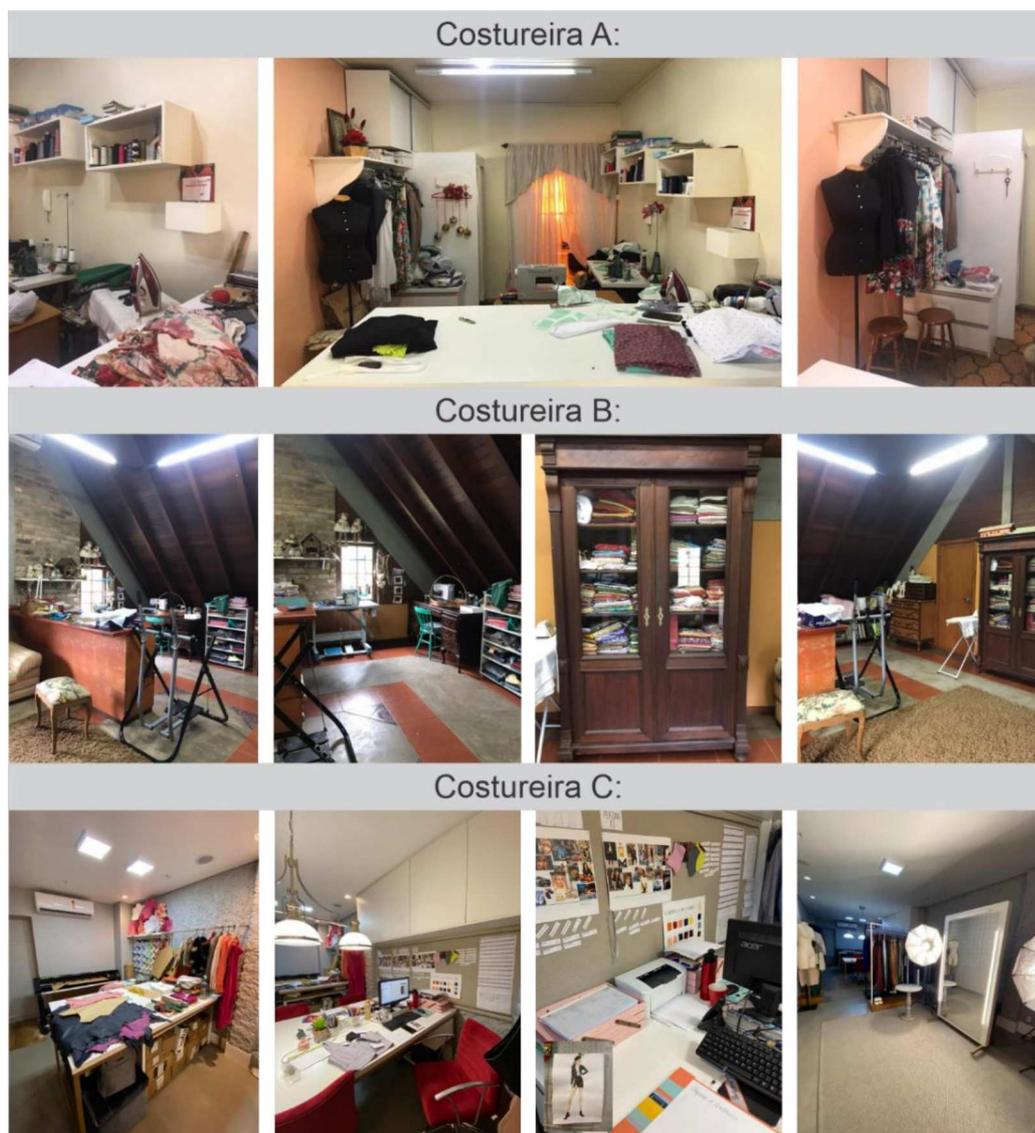
A costureira A utiliza para seu trabalho o seu ateliê de costura, o seu banheiro residencial, a cozinha (para lanches), quarto e sala de estar para armazenar peças já finalizadas. Para ela, a relação casa e trabalho no início foi perturbada pela falta de privacidade, pois os clientes chegavam fora do horário estabelecido, sem compreender que após o seu horário de trabalho ela estava no seu momento doméstico e de lazer. Entretanto, atualmente ela instituiu para seus clientes os horários disponíveis de trabalho e está conseguindo se organizar. No momento, a profissional valoriza muito a liberdade de poder trabalhar a qualquer hora e descansar em qualquer momento.

Para a costureira B, a relação casa e trabalho é indispensável, pois se não trabalhasse em sua residência, ela optaria por não trabalhar mais, visto que seu trabalho ocorre somente como uma renda extra e por amor à profissão. Ela utiliza o seu ateliê de *patchwork* e um banheiro exclusivo para as atividades de trabalho, sempre defendendo que o sinônimo de *home office* é bem-estar e flexibilidade, pois pode realizar simultaneamente as tarefas do lar, bem como sua paixão por costurar.

A costureira C utiliza, na casa, o ateliê de couro, o banheiro e a cozinha, ressaltando que seria melhor ter ambientes sem integração, independentes, onde pudesse iniciar sua jornada de trabalho ao adentrar na porta do ateliê e, ao final do dia, pudesse encerrar, fechando a porta. Por isso, aborda a importância de ter marcos para iniciar e finalizar os seus momentos de trabalho.

Como *home office* dos sonhos, a costureira A disse que gostaria de um espaço maior, porém não mudaria em nada o seu local de trabalho atual. A costureira B gostaria de um ambiente de trabalho mais fácil de acessar, com menos escadas, pois seu local de trabalho situa-se no sótão, que é o terceiro andar da residência. A costureira C gostaria de um local amplo, com prateleiras e armários para armazenar todos os seus utensílios, sendo um espaço que setorizasse cada etapa do trabalho (modelagem, corte, costura e acabamento), assim como um local adequado para atender os seus clientes, quando necessário.

Figura 36 – Home office das costureiras



Fonte: Autora (2021).

De acordo com as imagens fornecidas pelas profissionais (FIGURA 36) e considerando os três critérios preestabelecidos, no tocante a aspectos que favorecem a produtividade do espaço, observa-se que as costureiras A e C trabalham em espaços compactos. Dessa forma, diversas funções ocorrem no mesmo local, não havendo uma setorização para cada etapa do trabalho, o que favorece a aglomeração de elementos. Por exemplo, para executar o corte de uma peça de roupa, a costureira A utiliza a mesma bancada em que passa as roupas, armazena tecidos e recebe os clientes. Desse modo, para realizar cada etapa, ela precisa retirar os elementos que não irá utilizar, o que desfavorece a agilidade no seu dia a dia.

Já no ambiente da costureira B, verifica-se um espaço amplo, assim, com alterações no mobiliário, seria possível adaptá-lo para torná-lo setorizado,

favorecendo a produtividade. Além disso, na conversa com as profissionais A e B, foi relatado que seus ambientes no turno da noite ficam escuros devido à falta de iluminação pontual nas estações de trabalho, outro aspecto que influencia na produtividade.

Aumentar a funcionalidade do espaço favorece a gestão do tempo, especialmente quando se realiza a setorização das etapas. Assim, se as costureiras qualificarem seus espaços, reduzindo o desperdício de tempo causado pela duplicidade de tarefas em cada local, poderiam escolher o que fazer com o tempo ganho. Poderiam produzir mais, ter maior lucratividade ou então mais momentos de lazer e descontração no ambiente domiciliar.

Em relação à utilização de recursos, nenhum dos três ambientes de trabalho possui adaptabilidade, assim, eles não se transformam facilmente em ambiente residencial. Com isso, constata-se que, mesmo tendo um ambiente de trabalho na residência, as duas funções não se conectam. Se o ambiente das costureiras A e C se conectassem com o restante da residência, equilibrando as funções de trabalho e moradia, seria possível obter um espaço adicional para o local de trabalho e também para a residência.

Em síntese, essas profissionais utilizam variados ambientes da casa, porém nenhum dos espaços de trabalho relaciona-se com o ambiente residencial por completo, ocasionando uma ruptura com as premissas de *home office*.

4.2.6 *Home office* do Culinarista

A história da alimentação, culinária e gastronomia acompanha a história da evolução do ser humano. A descoberta do fogo, ainda na pré-história, possibilitou, ao ser humano, o cozimento das primeiras refeições. A invenção de artefatos de cerâmica e ferro, que passaram a ser utilizados como panelas, facilitaram a preparação dos alimentos (BRAUNE; FRANCO, 2007).

Há diversas formas de explorar a culinária profissionalmente e todas elas podem acontecer em formato *home office*, seja produzindo marmitas, viandas ou papinhas para bebês; dando aulas de culinária; como *youtubers*; preparando alimentos frescos para eventos; dando cursos online, entre outras.

Assim, para se inteirar das especificidades de um ambiente destinado ao preparo de alimentos, conversou-se com três profissionais da cozinha. A profissional

A, que se identifica como cozinheira, trabalha sozinha na produção de pratos frescos ou congelados, sobremesas e viandas. O profissional B denomina-se chefe de cozinha e, com sua equipe, trabalha com a prestação de serviço de *buffet* para eventos e com a produção de pratos frescos. A profissional C, que se identifica como *youtuber* da cozinha, produz vídeos de receitas e fornece cursos online.

Quanto ao espaço de trabalho, a cozinheira A montou seu *home office* na garagem (de aproximadamente 40,00m²), o profissional B construiu um anexo à residência (com aproximadamente 70,00m²) e a *youtuber* da culinária (C) utiliza a própria cozinha da casa (que tem aproximadamente 30,00m²).

Questionada sobre elementos indispensáveis para trabalhar, a cozinheira A destacou que em uma cozinha todos os elementos que lá estão são essenciais; portanto, fica impossível elencar somente alguns. O profissional B destacou fogão, água e geladeira e a profissional C disse necessitar de uma boa bancada, de utensílios que estejam bem à mão e uma boa iluminação, além dos alimentos.

Como elementos necessários para o trabalho, a profissional A destacou uma geladeira exclusiva, freezer, batedeira, liquidificadores, mixer, formas e louças, panelas, bancada de trabalho, forno industrial, forno convencional, fogão industrial com coifa, talheres diversos, despensa para utensílios descartáveis, lixo, pia, quadro para anotações, armários para alimentos, caixa de música e máquina de lavar louças. O profissional B ainda acrescentou uma área para servir, com mesa e cadeiras, além de uma área para entrega das comidas prontas e uma câmara fria. Já a profissional C acrescentou uma área para filmagem das receitas, não precisando de equipamentos industriais.

A profissional A explicou que ela precisa de dois freezers lado a lado, assim como uma pia grande que esteja conectada com uma área de trabalho também grande, ao lado de um fogão com coifa de exaustão. Atualmente ela tem, próximo ao fogão e sobre a área de trabalho, forno e micro-ondas, porém isso não é funcional, pois o espaço embaixo fica de difícil utilização e os equipamentos acabam sujando muito. Além disso, ela considera importante ter grandes bancadas de inox e que os utensílios estejam sempre à mostra. Destacou que, antes de embalar e organizar as marmitas, é necessário esfriar os alimentos para depois posicionar todas as embalagens plásticas sobre a bancada de ilha, começando as separações, com uma produção em série.

Outro aspecto que destacou é que precisava ter, à disposição, batedeira e liquidificador já conectados e posicionados sobre a bancada, pois atualmente ela não tem isso, o que dificulta significativamente seu trabalho. Todos os mantimentos, estoques e embalagens ficam em um armário composto por vários nichos, ora com portas e ora sem.

O profissional B afirmou que necessita de uma grande área para armazenar travessas de porcelana e vidro, cumbucas, talheres, formas e tábuas, pois prefere armazenar esses itens em prateleiras que permitam a regulagem de altura. Também precisa de uma área grande para armazenar caixas plásticas e esse local deve estar conectado com a cozinha e próximo a uma mesa grande, pois quando ele organiza os pratos preparados para levar a um evento, ele dispõe as caixas sobre a mesa e inicia a colocação das travessas prontas e embaladas. Nesse mesmo ambiente devem ficar as caixas térmicas, com as quais ele realiza o mesmo processo, porém, ao final, complementando com gelo.

Ainda segundo esse profissional, sua cozinha deve ter uma área central com os equipamentos, bem como espaços associados para armazenar os itens secundários. Por exemplo, um local para armazenar as travessas, outro para a câmara fria, um local final de armazenamento das comidas finalizadas e outro ainda para a fase de embalagem.

Para ele, é importante que todos os equipamentos de uso exclusivo em seu ambiente de trabalho sejam facilmente alcançáveis, por isso sua cozinha principal é organizada por duas bancadas nas extremidades e uma ilha central. Na bancada, próximo à janela, a distribuição começa com forno e micro-ondas sobrepostos, seguindo pela pia, uma área de bancada livre e, ao final, um fogão industrial com coifa. Próximo à área do fogão, encontram-se fixadas todas as suas facas e, próximo ao forno, ele tem organizado todas as suas opções de colheres e assessórios para mexer os alimentos, assim como duas prateleiras para guardar temperos, azeite e sal. Abaixo da bancada estão armazenados os alimentos perecíveis como frutas e verduras. Abaixo da pia ele armazena potes e travessas plásticas que utiliza nessa etapa. Atrás da porta estão pendurados os aventais e em outra parede livre penduram-se as panelas e pranchetas com os menus que serão preparados. Próximo às pranchetas há um quadro branco, dividido pelos dias da semana, onde o profissional anota os clientes que irá atender. Panelas adicionais e estoque de alimentos ficam junto com o ambiente de embalagem dos alimentos.

Em sua fala, a profissional C esclareceu que, como o foco do seu canal no *youtube* é inspirar qualquer pessoa a cozinhar em casa, sua cozinha pode ser normal (não industrial), com os equipamentos básicos de uma cozinha residencial. Sua única necessidade especial é um espaço com um bom ângulo de filmagem, para que a filmagem consiga cobrir todos os locais do ambiente, e com uma iluminação bem clara, com muita luz natural. Comentou que antes de preparar uma receita ela vai até o mercado e compra os ingredientes, assim não precisa de uma área adicional para estoque - somente os armários onde armazena os alimentos da família.

Esses profissionais também foram questionados quanto à preferência do ambiente de trabalho ser integrado ou separado da residência. A cozinheira A disse preferir uma cozinha para o trabalho e outra para a residência, porém destacou que várias vezes utiliza a cozinha do trabalho para o lar. Já o profissional B destacou que é imprescindível separar o ambiente de trabalho do restante da residência, para não gerar desordem. A profissional C prefere uma única cozinha para atender a residência e seu trabalho.

De acordo com a cozinheira A, no início ela trabalhava em um ambiente improvisado no espaço gourmet da piscina, o que era “contramão”, pois sendo um local da família, lá também recebiam visitas, o que limitava o uso. Atualmente, além da sua cozinha industrial, ela utiliza a sala de jantar, onde realiza a parte administrativa e armazena pratos que serão retirados no dia; o banheiro, onde responde mensagens; e o dormitório, onde faz anotações e contas enquanto descansa. Mencionou ainda que sente falta de uma dispensa consolidada e separada do local de cocção, assim como de alguns equipamentos, como mais um freezer, e a disposição da batedeira e do liquidificador sobre a bancada.

O chefe de cozinha B construiu em seu terreno um anexo à residência, destinado especificamente para o seu trabalho, local em que também construiu um banheiro exclusivo. Dessa forma, ele compartilha somente a sala de estar para a parte administrativa, na relação casa e trabalho. Comentou que um problema enfrentado no seu *home office* é a falta de um local para receber os clientes que retiram os pratos.

Por sua vez, a *youtuber* da cozinha (C) compartilhou que já teve duas cozinhas (uma para casa e outra para trabalho), porém, atualmente, tem utilizado somente uma e o espaço ficou melhor, pois não há mais duplicidade de utensílios. Além da sua cozinha, ela utiliza uma área de servir anexa para realizar as tarefas de escritório. Um problema enfrentado pela profissional é a interrupção durante as gravações, pois,

como ela utiliza a mesma cozinha da residência, em alguns momentos é interrompida por algum integrante da família adentrando no espaço.

Diante da pergunta sobre o *home office* dos sonhos, a profissional A destacou que gostaria de um espaço maior, pois não gosta de trabalhar apertada. Além disso, gostaria de um ambiente colorido, com aparelhos práticos, com parte dos utensílios à mostra e grandes espaços para armazenar os mais variados materiais. O profissional B destacou que o ideal seria que o trabalho fosse separado do lar, porém que os dois ocupassem o mesmo espaço. Para a profissional C, o seu espaço dos sonhos já é o atual, pois ela conseguiu instalar uma boa iluminação, uma bancada central móvel e tem seus utensílios à mão.

Figura 37 – *Home office* dos culinharistas



Fonte: Autora (2021).

Com base nas imagens fornecidas pelos profissionais, quanto a aspectos que favorecem a produtividade, pode-se afirmar que os três ambientes são extremamente funcionais. Devido à produção em maior escala, observa-se que os profissionais A e B possuem cozinhas denominadas como industriais, com bancadas de inox, armários expostos e equipamentos especializados e potentes. Por outro lado, a profissional C dispõe de um ambiente mais direcionado para o objetivo de seu canal na plataforma *youtube*, com uma cozinha na escala familiar.

Referente à gestão do tempo e considerando a boa funcionalidade dos ambientes, os profissionais tendem a ter uma boa gestão do tempo no desenvolvimento de suas atividades. Um aspecto que poderia ser incorporado ao ambiente da profissional C seriam os equipamentos necessários para os momentos em que ela realiza os vídeos para o seu canal. Se esses elementos pudessem ser incorporados ao ambiente de forma rápida, a cozinha não precisaria de uma grande transformação para atender as necessidades familiares e profissionais.

Em relação à utilização de recursos, os profissionais A e B criaram duas cozinhas, uma para o trabalho e outra para a família. Já no caso da profissional C, ela conseguiu organizar sua cozinha para atender as duas situações, o que favorece a redução de recursos.

Assim, com base na conversa com os profissionais e nas imagens dos ambientes dos “cozinheiros”, verificou-se que esses profissionais utilizam mais de um ambiente da casa para trabalhar e que esses locais nem sempre estão associados com o morar, para o que se poderia buscar estratégias.

4.2.7 *Home office* do Designer

O designer tem amplo espaço no mercado de trabalho devido a diferentes categorias de atuação e segmentação. O design gráfico, mais voltado para a parte visual e impressa, com geração de imagens, disposição dos elementos, espaçamentos e organização, é um dos segmentos que surgiu por volta da metade do século XIX. Por meio dele, cria-se a identidade visual de uma marca, por exemplo, e, a partir dessa criação, ela pode tornar-se referência visual para os usuários.

Há, ainda, o design de produto, que visa alterar ou criar a concepção estética e funcional de produtos. Esse segmento também cria uma identidade visual, com enfoque na adequação da materialidade, na ergonomia, na questão ambiental, na

praticidade e estética de um produto (WILLIAMS, 2013). Citam-se também os segmentos de Design de Serviços, Design Digital, Design de Moda, Design de Superfícies, entre outras ramificações menos consolidadas.

Para conhecer as diversidades que envolvem um ambiente destinado a esses profissionais, conversou-se com duas designers. A designer A trabalha com a parte gráfica, desenvolvendo marcas, sites, blogs, banners, gerenciamento de mídias sociais, entre outros materiais que uma marca costuma necessitar. Além da parte gráfica, faz fotos de alguns produtos para seus clientes, as quais serão utilizadas na divulgação. A designer B atua no desenvolvimento de marcas e de produtos.

O *home office* da designer A ocorre em um dormitório (de aproximadamente 15,00m²) que ela transformou em seu escritório de trabalho. A designer B trabalha em um ambiente que antes pertencia à sala de estar (com aproximadamente 8,00m²) e que agora é denominado de escritório.

Como elementos essenciais para trabalhar, a designer A destacou uma estação de trabalho com mesa, cadeira, computador e internet; a designer B mencionou um computador e um mouse. Além desses elementos, elas elencaram outras ferramentas que precisam para desenvolver suas atividades. A designer A destacou máquina fotográfica, kit de iluminação, cartela de cores, lápis, canetas coloridas, réguas e blocos de desenho. Já a designer B relacionou máquina fotográfica, kit de iluminação, luz controlada, poltrona, equipamentos de som e uma impressora 3D.

Segundo a designer A, o seu trabalho ocorre principalmente no computador, porém ela necessita de algumas particularidades. Como ela gerencia as redes sociais dos clientes, necessita de um grande quadro (2,00m por 2,00m) branco com linhas de chamada, tendo colunas divididas pelos sete dias da semana e linhas que registram as empresas demandantes. Nesse quadro anota o tipo de post (*feed, reels, igtv, story*) e o conteúdo principal ou a campanha que está em desenvolvimento.

Também relatou a necessidade de um local para armazenar diferentes tipos de folhas, sendo possível visualizá-las e sentir a textura e gramatura do papel, uma vez que, atualmente, as armazena em uma pasta. Outro elemento fundamental é um catálogo de cores, que deve estar sempre presente na mesa de trabalho, assim como um bloco de anotações. A profissional ainda quer desenvolver um mural com todas as marcas que já criou, pois esse material poderia servir como inspiração.

Para a designer B é fundamental ter, na sua estação de trabalho, um computador de mesa central, mais um notebook para uso eventual e um *tablet* com

suporte inclinável que permita fazer desenhos gráficos à mão. Como ela desenvolve impressões dos protótipos que confecciona, precisa também de um móvel para armazenar a impressora 3D, com uma gaveta e duas portas de abrir para armazenar os suprimentos da máquina. Atualmente, a impressora 3D fica posicionada longe da estação de trabalho e sobre um *pallet* que dificulta a utilização e o funcionamento pleno da máquina. O ideal seria que estivesse situada na lateral da estação de trabalho, próxima ao computador. Segundo a designer, quando vai desenvolver uma nova marca, busca no computador uma série de imagens de referência e monta um painel virtual de inspiração com auxílio de canetas coloridas, régua e folhas quadriculadas em frente à tela de trabalho. Então realiza sua criação à mão livre e depois no *tablet*, fazendo o desenho virtual.

Questionou-se também sobre a preferência de ambas entre um ambiente de trabalho integrado ou separado da residência. A profissional A disse preferir um espaço separado do restante da casa, enquanto a profissional B prefere um ambiente que lhe possibilite se conectar com a residência em alguns momentos e em outros se separar.

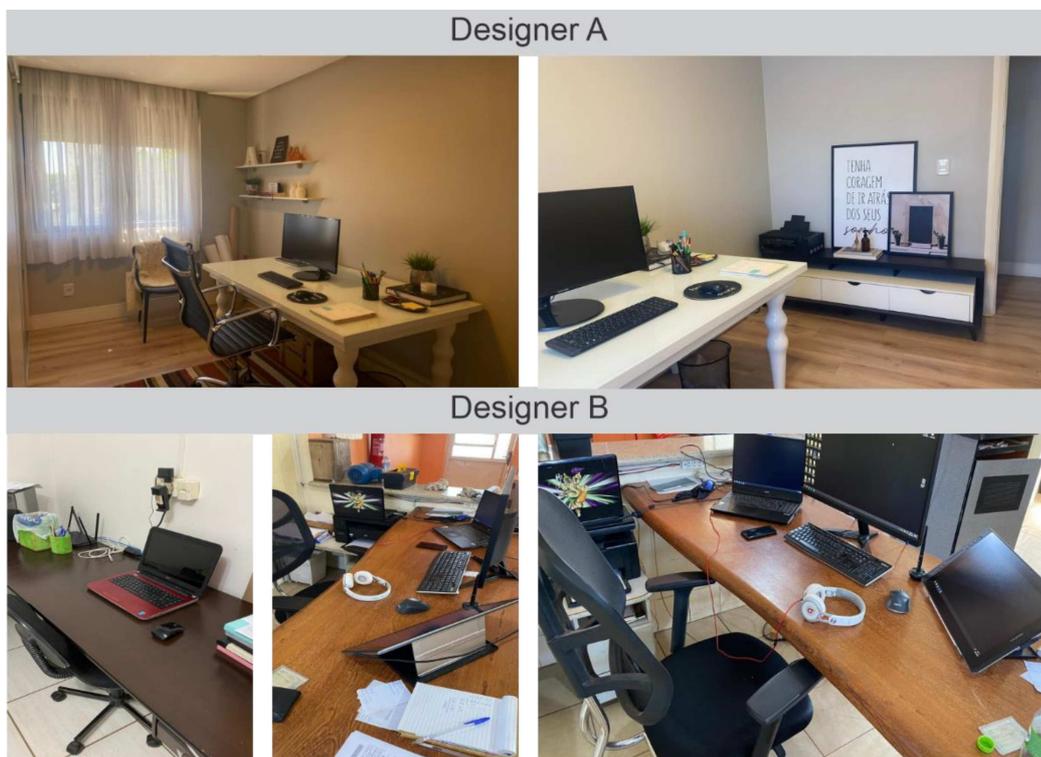
A designer A, além do seu escritório, utiliza a sala de estar, a cozinha e o banheiro, pois gosta de “circular” pela residência durante a sua rotina de trabalho para se inspirar e trocar de ares. Na sua avaliação, a única deficiência do seu espaço de trabalho é a dificuldade de atendimento ao cliente, pois não possui um espaço destinado para isso. Assim, acredita que a relação casa e trabalho é muito boa, pois, como tem uma longa jornada de trabalho, o fato de estar no seu lar permite que integre momentos de relaxamento e permaneça trabalhando mais horas do que se tivesse um escritório comercial.

A designer B faz uso somente do seu escritório e da cozinha nos momentos de criação, passando longas horas entre esses dois ambientes. Ela vê muitas vantagens no trabalho em modelo *home office*, porém explica que ainda precisa organizar melhor um local para atender clientes. Atualmente ela utiliza um café da cidade para realizar os atendimentos, porém isso não é positivo, já que exige deslocamentos. Ainda na sua avaliação, precisaria de uma mesa maior e de um local para fotografar os produtos que desenvolve, acrescentando que seu local de trabalho ainda é muito improvisado.

Desafiada a imaginar o *home office* dos sonhos, a designer A descreveu um ambiente *clean*, com uma área de atendimento ao cliente, um pequeno estúdio para fotografar e uma mesa de trabalho ampla. A designer B, por sua vez, imagina um

ambiente com bastante iluminação natural, um local arejado, com ampla área para armazenar livros e estocar os protótipos dos produtos, além de um espaço pequeno para receber os clientes. A Figura 38 apresenta os locais de trabalho dessas profissionais.

Figura 38 – *Home office* das designers



Fonte: Autora (2021).

Analisando as imagens fornecidas pelos profissionais a partir dos critérios preestabelecidos, quanto a aspectos que favorecem a produtividade, verifica-se que os dois ambientes são funcionais. Os locais de trabalho possuem os elementos necessários para elas desenvolverem suas atividades. No entanto, em nenhum dos ambientes é possível receber os clientes (aspecto já destacado pelas profissionais ouvidas).

Referente à gestão do tempo, considerando a boa funcionalidade dos ambientes, elas tendem a ter uma boa gestão do tempo no desenvolvimento de suas atividades. Entretanto, como as duas profissionais não possuem um espaço para receber seus clientes, acabam perdendo tempo de deslocamento até um café mais calmo ou outro local receptivo, o que exige também esforços para levar os equipamentos necessários (como computador, protótipos, pranchas e papelaria, cartela de cores entre outros).

Em relação à utilização de recursos, os ambientes são locais adaptáveis, que podem integrar as funções de morar e trabalhar com normalidade, entretanto, no caso da designer A, ela utiliza o espaço somente como local de trabalho. Juntamente com isso, destaca-se que as duas profissionais já utilizam mais de um cômodo para suas atividades laborais, conectando, dessa forma, as funções de morar e trabalhar na sua rotina.

4.2.8 *Home office* do Influenciador Digital e *Tiktoker*

Um influenciador digital utiliza os meios de comunicação, geralmente as redes sociais, para divulgar, opinar e avaliar produtos e marcas. Esse tipo de profissional é classificado, pelas agências de comunicação, como nano influenciador quando seu público vai até 10 mil seguidores; como microinfluenciador - com 10 a 100 mil seguidores; intermediário - de 100 a 500 mil; macroinfluenciador - de 500 mil a 1 milhão; e megainfluenciador, quando possui acima de 1 milhão de seguidores. Assim, a influência de uma pessoa em redes sociais é medida pelo alcance que ela atinge quando divulga alguma informação ou produto.

O *TikTok* é um aplicativo de origem chinesa que surgiu no ano de 2014 e teve um grande crescimento em 2019. Ele possibilita a criação e edição de vídeos, como a dublagem de músicas, a recriação de falas e cenas, entre outros recursos. Um *tiktoker*, então é aquele que utiliza o aplicativo *TikTok* para criação de vídeos e entretenimento. Para conseguir remuneração, os *Tiktokers* com número significativo de seguidores geralmente divulgam marcas de produtos e de lojas, recebendo comissão ou parte dos lucros sobre as vendas.

Para conhecer mais sobre um ambiente destinado a um influenciador digital, *instagramer* ou *tiktoker*, conversou-se com dois profissionais. O profissional A é influenciador digital e *tiktoker*, tendo como principal segmento o humor e o desenvolvimento de conteúdos relacionados ao Rio Grande do Sul. Ele produz vídeos e conteúdo em seu espaço residencial, mas também realiza viagens desbravando as cidades do estado. A profissional B é maquiadora, influenciadora digital e *tiktoker*. Seu nicho principal como influenciadora é o segmento da maquiagem, entretanto atualmente ela desenvolve trabalhos diversos na área da beleza, moda e *lifestyle*, com dicas e sugestões de produtos e serviços de parceiros.

O *home office* do profissional A ocorre mais na sala de estar (com aproximadamente 18,00m²) e o da profissional B ocorre principalmente num quarto (de aproximadamente 15,00m²) e na sala, porém ela possui um espaço comercial onde funciona o seu ateliê de maquiagem para cursos profissionais.

Como elementos essenciais no ambiente, os profissionais A e B destacaram a internet, o computador e o aparelho celular. A profissional B citou também a necessidade de um espelho e de iluminação.

Os dois profissionais elencaram outros elementos necessários para o seu trabalho, como kit de iluminação, computador, ambientes com elementos de criatividade e espaços do lar que funcionem como cenário para gravações. A profissional B ainda precisa de máquina fotográfica, filmadora, luz controlada, iluminação pontual e poltrona.

O profissional A contou que os seus vídeos são gravados de forma muito espontânea, de maneira que ele não realiza pré-produções ou organização de conteúdo. Pode estar sentado no sofá e decidir gravar um vídeo sobre determinado assunto, ou então ir preparar um alimento e, de maneira muito informal, filmar o processo. Sua única necessidade específica é um mapa do estado do Rio Grande do Sul e alfinetes com “cabeça” colorida, pois, como um dos seus assuntos é o estado, ele demarca com o alfinete o local já visitado. Esse mapa fica posicionado na sala de estar, encostado na parede. Além disso, utiliza seu notebook para realizar pesquisas sobre outros influenciadores, buscando referências na área e realizando edições do conteúdo. Em seu depoimento, acrescentou ainda que todos os cômodos da casa acabam se tornando cenário para suas gravações.

Outro aspecto específico da sua atividade é quando realiza gravações para o aplicativo *Tiktok* e necessita de um espaço maior para ação. Nesses momentos precisa arredar os móveis da sala de estar e de jantar para realizar as danças características do aplicativo, utilizando uma iluminação auxiliar para a gravação dos vídeos de dança.

A profissional B compartilhou que sente falta de uma bancada de maquiagem ampla, sobre a qual pudesse posicionar todos os produtos que irá utilizar na gravação de um vídeo. Ela disse que possui vários produtos para pele e maquiagem e os armazena em um armário no seu dormitório, deixando sobre a bancada os de uso diário ou aqueles que serão utilizados na gravação. Para ela, é essencial ter uma iluminação boa, que esteja embutida no espelho e seja frontal. Atualmente tem, no

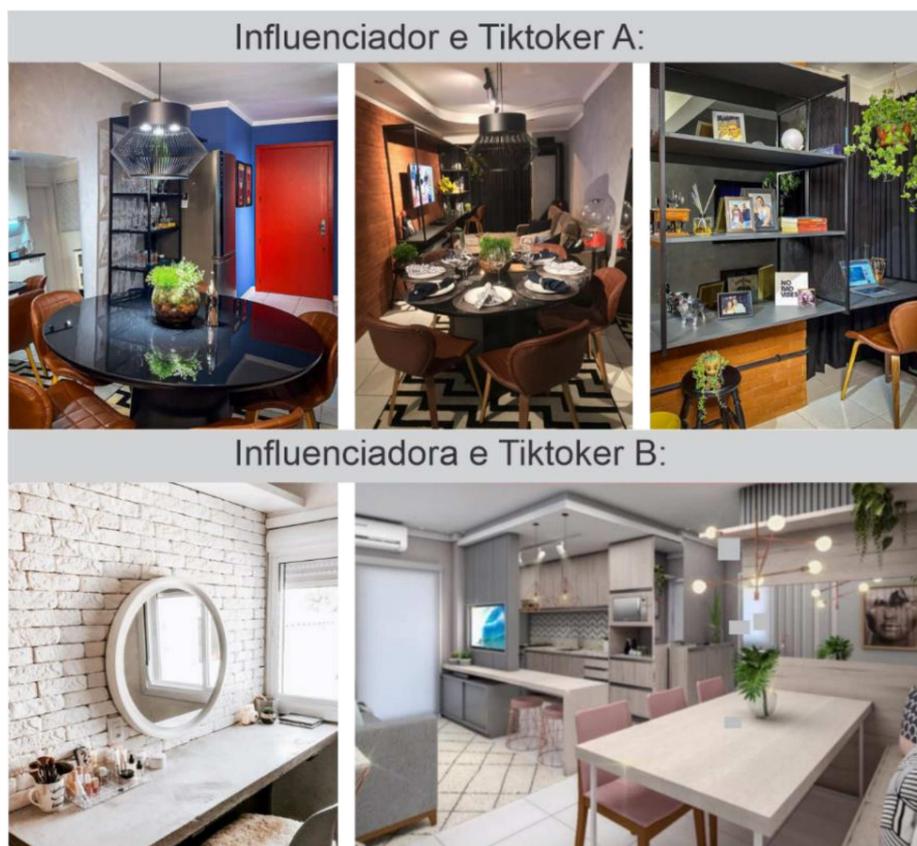
entorno do seu espelho, uma fita de *led*, porém ainda utiliza uma *ring light* no centro do espelho e com ela também percorre diversos espaços da sua residência, conforme vai gravando os vídeos.

A influenciadora acrescentou que considera fundamental que, abaixo da bancada de maquiagem, haja um móvel gaveteiro com rodízio, onde possa armazenar lenços demaquilantes, cotonetes, algodão e faixas para cabelo (específicas para maquiagem). A profissional organiza todos os seus “recebidos”, como são chamados os itens que ela recebe de lojas para testar e divulgar sobre a cama do segundo quarto do seu apartamento (que está sem utilização). Para realizar essa divulgação, normalmente necessita de um espelho amplo, que mostre o corpo inteiro, por isso é imprescindível que esse local também tenha uma boa iluminação. Atualmente utiliza um espelho que fica entre a sala de estar e os dormitórios ou um espelho que é a porta do seu guarda-roupa.

Para compreender como acontece a relação entre o trabalho e a casa, questionou-se a preferência por ambiente de trabalho integrado ou separado da residência. O profissional A disse que prefere um ambiente integrado com o restante da casa, enquanto a profissional B prefere um ambiente conectado, mas também isolado, quando necessário.

Embora o profissional A utilize o seu apartamento inteiro para as gravações de vídeo, desenvolve a maior parte na sala de estar, principalmente as edições dos conteúdos que ele gera. Na sua opinião, a relação casa e trabalho ocorre de maneira tranquila, visto que seu apartamento foi projetado em um estilo que o estimula criativamente e que está de acordo com suas necessidades. Porém, como é um ambiente compacto, seria ideal, para a sua rotina de gravações, um espaço maior, com um cômodo neutro para ele criar cenários “rotativos”. Também sente necessidade de um espaço de pátio, ou seja, de uma área externa para realizar as gravações.

A profissional B utiliza principalmente o seu quarto e sua sala: no quarto realiza suas maquiagens e testa os novos produtos e na sala ela produz vídeos da sua rotina. Entretanto, assim como o profissional A, ela utiliza o apartamento inteiro. A relação casa e trabalho é extremamente positiva, pois a sua profissão não tem uma limitação de horários como um trabalho comercial. Dessa forma, o fato de poder realizá-lo dentro da sua casa facilita em diversos momentos. Por fim, afirmou que, se seu espaço fosse maior, poderia desenvolver conteúdos diferentes, sem precisar sair de casa, como acontece atualmente.

Figura 39 – Home office do influenciador digital e *Tiktoker*

Fonte: Autora (2021).

A partir da análise das imagens fornecidas pelos profissionais (FIGURA 39), em relação à produtividade do espaço, observa-se que o ambiente de trabalho de um influenciador digital tem demandas muito próximas das necessidades residenciais.

Os ambientes devem servir como plano de fundo para as gravações, assim, se tiverem uma iluminação adequada, apresentarão uma boa funcionalidade, atendendo as necessidades do usuário. É possível notar que os espaços dos profissionais possuem certa limitação para gravar vídeos no aplicativo *tiktoker*, pois são compactos, o que, porém, não inviabiliza as gravações.

Referente à gestão do tempo, essa é uma profissão ainda nova no mercado de trabalho atual, então, a melhora na utilização do tempo dos influenciadores digitais e *tiktokers* ocorre com a redução de tempo para gravar um vídeo para postar no *instagram*, por exemplo. Dessa forma, se o ambiente for funcional, tiver uma boa iluminação e for um bom cenário, ele contribuirá para a gestão do tempo.

Em relação à utilização de recursos, os profissionais necessitam de poucos elementos e os ambientes residenciais e de trabalho se unem e atendem facilmente

as duas necessidades. Assim, verifica-se que os dois ambientes são extremamente adaptáveis.

A partir da conversa com os profissionais e das imagens dos ambientes dos influenciadores digitais e *tiktokers*, pode-se resumir que esses profissionais utilizam todos os ambientes da casa, associando espaço profissional e familiar.

4.2.9 *Home office* do Fotógrafo

A fotografia surgiu por volta do século XIX e é compreendida como complemento das demais artes visuais. Além de registrar a história, o cotidiano das pessoas, a fotografia também precisa ser lida e interpretada, o que abre margem a diferentes visões e faz dela um sinônimo de arte, de expressão e de sensibilidade.

A profissão de fotógrafo pode abranger ensaios com modelos fotográficos, em estúdio fechado ou em ambientes ao ar livre; fotografias de eventos, fotografias jornalísticas e artísticas. O fotógrafo ainda pode se dedicar ao ramo da moda e de produtos (DALCIN, 2018).

Seguindo o roteiro traçado, conversou-se com três profissionais para conhecer as diversas questões que envolvem um ambiente destinado à fotografia. A fotógrafa A realiza retratos femininos e fotografia publicitária. O fotógrafo B trabalha com fotografia corporativa e institucional, ou seja, retrata ambientes, produtos e eventos corporativos e, além disso, realiza toda a gestão da sua empresa. A fotógrafa C trabalha com fotos infantis e de família, além de atuar no atendimento ao público, com marketing, no financeiro e na produção, edição e diagramação de álbuns.

Com relação ao ambiente de trabalho, o *home office* das fotógrafas A e C ocorrem em seus dormitórios (de aproximadamente 12,00m² e 15,00m² respectivamente), enquanto o fotógrafo B utiliza como ambiente principal o escritório (com aproximadamente 20,00m²).

Como elementos essenciais para trabalhar, a fotógrafa A destacou uma boa mesa, cadeira confortável e uma grande tela do computador. O fotógrafo B priorizou um espaço amplo para organizar todas suas necessidades e a fotógrafa C também destacou um ambiente ergonômico, com um bom computador, um aparelho celular, uma cadeira confortável e ar condicionado.

Os três profissionais ainda elencaram outros elementos básicos para o seu trabalho: as fotógrafas A e C destacaram máquina fotográfica, kit de iluminação,

estação de trabalho; o fotógrafo B citou mais alguns itens, como luz controlada, mesa para fotografar, fundo infinito e poltrona.

A fotógrafa A disse que, para a edição de fotos, ela necessita de seu computador. Então, para esse trabalho, ela utiliza principalmente seu dormitório, onde organiza a sua agenda de trabalhos e recarrega as baterias, precisando, assim, de diversas tomadas.

Como ela também realiza fotos publicitárias, para isso utiliza diversos cômodos da sua residência. De posse do produto em questão, que é fornecido pelo seu cliente, percorre os ambientes residenciais para realizar a produção. A profissional transita dentro de casa com câmera fotográfica, baterias auxiliares, cartão de memória, *softbox* e cabos de conexão. Segundo ela, esse fluxo dentro da residência seria facilitado se ela tivesse um móvel que funcionasse como um carrinho, no qual ela poderia por esses elementos, transitando pelos ambientes. Como exemplo, mencionou que, quando faz fotos de comidas e drinks, ela utiliza como cenário a sua própria cozinha.

Outro aspecto destacado pela profissional A foi a necessidade de dispor de um pequeno estúdio para fotografar produtos, com um fundo infinito branco, preto e verde e iluminação. O ideal é que ele seja disposto sobre uma mesa e encostado em uma parede, onde o painel esteja fixado à parede.

A rotina do profissional B em seu *home office* inicia com a gestão empresarial e, para isso, ele necessita de pastas organizadoras de arquivo, que ficam atrás da sua escrivaninha. Nesta, tem um computador de mesa, blocos de anotações, agenda e filtro de linha com 4 tomadas para recarregar as baterias das máquinas.

O profissional comentou que, de acordo com a sua demanda, quando é necessário, devido a algum trabalho maior, ele transforma a casa inteira em um grande estúdio - tira móveis da posição e adapta outros para que atendam as necessidades das fotos. Como seu apartamento não é um local com lugares livres, ele precisa tirar a mesa de centro, arredar as poltronas ou empurrar a mesa de jantar, com certa frequência. De acordo com ele, ter o controle da luz natural e artificial é um dos fatores mais importantes que permitem essa flexibilidade do *home office*. Por isso, há persianas nas esquadrias dos dormitórios e *blackout* nas janelas da sala de estar, jantar e cozinha.

Na maioria das vezes, realiza fotos de produtos. Em um trabalho que realizou para uma empresa de máquinas de cartão de crédito, como não possui um estúdio

pronto e as fotos necessitavam ter fundo branco em alguns momentos e em outros estar sobre bancadas para remeter ao uso, ele montou o cenário sobre dois cavaletes que tem armazenado para esse uso. Então, montou um estúdio, com cartolinas de alta gramatura brancas, *softbox* e a máquina fotográfica sobre um pedestal. Para a segunda necessidade, utilizou a sala de estar e o espaço da churrasqueira como cenário para a realização das fotos.

O profissional acrescentou que nesses trabalhos maiores, muitas vezes, ele tem de receber o cliente, por isso sente falta de um espaço para servir café e algumas guloseimas, o que tem organizado sobre a bancada da churrasqueira. Lembrou que outro elemento importante, quando se recebe clientes, é que a residência esteja organizada, sem as bagunças de um lar, motivo pelo qual seu espaço não possui muitos nichos e prateleiras, para não acumular coisas desnecessárias. Ele ressaltou ainda a importância de ter um lugar para guardar cada elemento, tanto de cunho residencial quanto de trabalho.

Os cavaletes são armazenados fechados e escorados em uma parede e seus dois *softbox* ficam armazenados montados no seu escritório. Ele também armazena sua mochila fotográfica em um armário e a máquina fotográfica, com flashes, cartões de memória, em um cofre dentro do armário.

Em seu depoimento, a profissional C contou que a sua rotina de *home office* só envolve edições de fotos. Dessa forma, ela só necessita de um notebook que esteja sobre um suporte inclinável, com mouse e blocos de anotações. As baterias das máquinas fotográficas ela acaba carregando em tomadas espalhadas pela residência.

Quanto ao ambiente de trabalho ser integrado ou separado da residência, os três profissionais disseram preferir um ambiente separado, específico para o local de trabalho dentro da residência. Entretanto, dois profissionais destacaram que se referiam às estações de trabalho e não quando há utilização dos demais espaços para fotografar.

A fotógrafa A ressaltou que, quando realiza fotografias publicitárias, além da sua estação de trabalho em seu dormitório, necessita utilizar o restante da residência. Além disso, um problema atual é a sua estação de trabalho estar no dormitório, já que ela gostaria de um local exclusivo, com todos os seus equipamentos organizados num estúdio montado de forma fixa. Assim, preferia que o seu atual *home office* fosse para um cômodo único da residência. Para essa profissional, o melhor do trabalho em *home*

office é a liberdade e a disponibilidade de trabalhar com mais de uma profissão, pois, além de fotografar, ela realiza alguns *freelances*.

O fotógrafo B, além do escritório, utiliza a sala de estar, a área da churrasqueira, o banheiro, a cozinha e, dependendo da necessidade, faz uso de todos ou de algum outro ambiente específico da sua residência. Entretanto, na sua realidade há limitações que fazem com que, em alguns momentos, seja necessário um estúdio externo profissional. Outro problema são os momentos em que ele realiza trabalhos maiores, pois sua mulher e seu filho precisam ficar “trancados” no quarto ou passeando, para não causarem interrupções.

A fotógrafa C, além da sua escrivaninha em seu dormitório, utiliza a sala de estar e a sala de jantar, mas, conforme vai se “cansando” de permanecer em um ambiente residencial, ela migra para outro. Sente que seria importante ter um cômodo específico de trabalho como referência para utilizar o restante da casa somente quando ela “cansasse” ou em seu tempo livre. Por fim, comentou que seu espaço só contempla o trabalho com edições de fotos - ela ainda não conseguiu estruturar o seu *home office* para captação de imagens ou para receber clientes.

Quando questionada sobre o *home office* dos sonhos, a fotógrafa A disse que gostaria de um espaço claro, com uma grande bancada de trabalho e móveis amplos nas laterais do ambiente para servir de acervo. Também necessitaria de um espaço com tamanho suficiente para um fundo infinito, com uma mesa de fotografia móvel. Para o fotógrafo B, o ambiente dos sonhos seria um local em que pudesse se conectar com o ambiente residencial quando necessário, porém, quando houvesse necessidade de mais concentração, pudesse se desconectar. Ele ainda pontuou que o ambiente deveria ter em torno de 50m².

Para a fotógrafa C, o ambiente ideal seria um cômodo da casa dedicado especialmente para o trabalho, pois assim ela conseguiria fugir de algumas distrações. Esse ambiente seria confortável e inspirador, com tons neutros, vegetação interna, mesa ampla e espaçosa (para colocar o computador e poder embalar álbuns lado a lado) e uma estante aberta para organizar seus materiais.

Figura 40 – *Home office* dos fotógrafos

Fonte: Autora (2021).

Com base nas imagens fornecidas pelos profissionais (FIGURA 40), quanto a aspectos que influenciam na produtividade do ambiente, observa-se que os profissionais A e B têm uma restrição ao seu desempenho, pois não possuem um ambiente adequado no seu *home office* para atender clientes e para realizar fotos. Já o profissional B possui um estúdio montado em sua residência, o que possibilita que ele desempenhe sua principal função (que é tirar fotos) em seu ambiente de *home office*. Sendo assim, o ambiente de trabalho do profissional B possui aspectos melhores para a produtividade.

Referente à melhoria na gestão do tempo, constata-se que os profissionais A e C ainda perdem tempo no deslocamento até o local onde irão realizar as fotos. Já o espaço de trabalho do profissional B favorece a sua gestão do tempo. Compreende-se que um fotógrafo não pode restringir a captação das imagens somente ao ambiente residencial e que em alguns momentos ele terá de se deslocar, porém, ter um estúdio e um local propício para a captação de imagens em seu espaço residencial pode ser um diferencial.

No que se refere à utilização de recursos, os ambientes das fotografias A e C são locais com grande adaptabilidade, embora atendam mais as funções residenciais do que de trabalho. Diferente do espaço do fotógrafo B, que possui um local extremamente adaptado para o seu trabalho, porém com necessidade de uma estratégia projetual maior para adaptá-lo para um ambiente residencial.

Em síntese, essa profissão permite a utilização de diferentes cômodos da residência, porém os profissionais não realizam o uso de todos os ambientes devido à especialidade que focaram. Assim, trabalho e moradia ocorrem no mesmo local, porém ainda de forma desconectada em sua plenitude.

4.2.10 *Home office* do Músico

As profissões relacionadas à música exigem conhecimento e habilidade no manejo de instrumentos musicais e possibilitam atuação em diferentes áreas. Os profissionais ligados à música, que nem sempre precisam de formação universitária, podem ser regentes, artistas e professores e podem usar a sonoridade como a habilidade principal na execução das tarefas - como o musicólogo, o administrador musical, o musicoterapeuta, o engenheiro e o editor de som. Podem ainda exercer atividades em que as habilidades musicais são secundárias em relação à tarefa principal, como é o caso de críticos musicais, fabricantes de instrumentos e gestores da área.

Agora buscando conhecer as características de um ambiente destinado à música, conversou-se com dois profissionais da área. O músico A é produtor musical, compositor, responsável por um estúdio de gravações e ensaios de outras bandas e, também, toca baixo. O músico B é produtor musical, professor de música em uma escola da rede privada, toca guitarra e possui uma banda.

O *home office* do músico A ocorre em toda a garagem da residência da casa dos pais (de aproximadamente 100,00m²) e o *home office* do músico B ocorre em seu dormitório (com aproximadamente 12,00m²).

Com relação aos elementos essenciais para trabalhar, o músico A destacou o seu baixo e o seu estúdio de gravações, complementando que é necessário estar em constante atualização. O músico B disse que precisa do seu celular para as gravações das aulas e dos seus instrumentos de música.

Os dois músicos também elencaram elementos básicos para o seu trabalho. O profissional A, para atendimento ao cliente, precisa de máquina fotográfica, filmadora,

computador e uma poltrona. Ainda necessita de uma mesa ampla, de iluminação pontual, local para recepção, ambiente com controle de ruído, violão, teclado, baixo, microfone, mesa de som. Já o profissional B citou apenas uma estação de trabalho.

A relação casa e trabalho para o profissional A ocorreu para ele de uma maneira inversa: ele e seu sócio decidiram montar um estúdio de gravação, entretanto, ao observarem que passavam dias e noites no espaço e que muitas vezes acabavam dormindo na sala do estúdio, decidiram transformar o espaço também em residência. Dessa forma, anexaram, à construção do estúdio, dois dormitórios e assim conseguiram conciliar melhor a sua vida no âmbito de trabalho e de moradia. Como a sala de estar se transforma em cenário de gravação das bandas, eles construíram um ambiente com controle de ruído para gravar e realizar as edições.

De acordo com o profissional A, para o estúdio funcionar e para atender diversas bandas da região, eles necessitam que o espaço de gravação ou sala de estar se transforme em múltiplos cenários. Assim, o sofá é empurrado para uma parede e o espaço é liberado. Ele relatou como exemplo o atendimento a uma banda gauchesca, quando eles transformaram o cenário para que tivesse um ar gaúcho. Para isso, utilizaram duas rodas de carroça e a bandeira do estado do Rio Grande do Sul de plano de fundo. Além disso, se a banda possui patrocinadores, eles organizam para que o patrocinador apareça. Houve um caso em que um cliente recebeu um patrocínio de uma cervejaria - então eles posicionaram um tonel e, sobre ele, as cervejas da marca.

Para o profissional A, o espaço destinado para gravações precisa ter diversas tomadas, tapete com a bateria, dois microfones, várias caixas de som (cerca de 5) e os equipamentos musicais da banda que estará em gravação, juntamente com o suporte dos instrumentos.

O conceito do espaço do profissional A é um ambiente bem descontraído, onde há uma cozinha que em determinadas gravações é utilizada como bar, além de uma mesa de sinuca e a sala de gravações. Segundo ele, é estratégico a sala de estar (local de gravações) estar posicionada de frente para o cômodo de controle das gravações. Entre esses espaços há um vidro para que haja contato visual entre a produção e os artistas. Ele ainda destacou que todos os elementos presentes no interior foram desenvolvidos por ele e seu sócio.

Também explicou que a mesa de som é formada por dois tonéis com um tampo e uma prateleira extraível na parte inferior, onde há dois teclados (um musical e outro

do computador). Para ele, no momento das gravações é fundamental ter, na estação de trabalho, duas telas de computador (para poder ver ângulos diferentes de gravações), caixas de som para poder separar grave, voz e os instrumentos musicais, teclado musical, teclado do computador de mesa e fone de ouvido.

Quando a banda chega no estúdio, eles preparam um momento inicial de descontração, com alguns petiscos e bebidas organizados na cozinha/bar, momento em que aproveitam para realizar alguns combinados de como será realizado o trabalho.

O profissional B destacou que para o seu trabalho ele necessita que sua estação de trabalho, a escrivaninha, tenha o seu computador e um suporte para posicionar o telefone e realizar as gravações das aulas e suas performances. Ele posicionou os seus instrumentos musicais em frente à janela, para já ficarem próximos de onde irá utilizá-los e para servirem de plano de fundo das gravações.

Para compreender a relação trabalho e casa, questionou-se também se preferiam um ambiente de trabalho integrado ou separado da residência. Ambos responderam que preferem um ambiente integrado com o restante da casa.

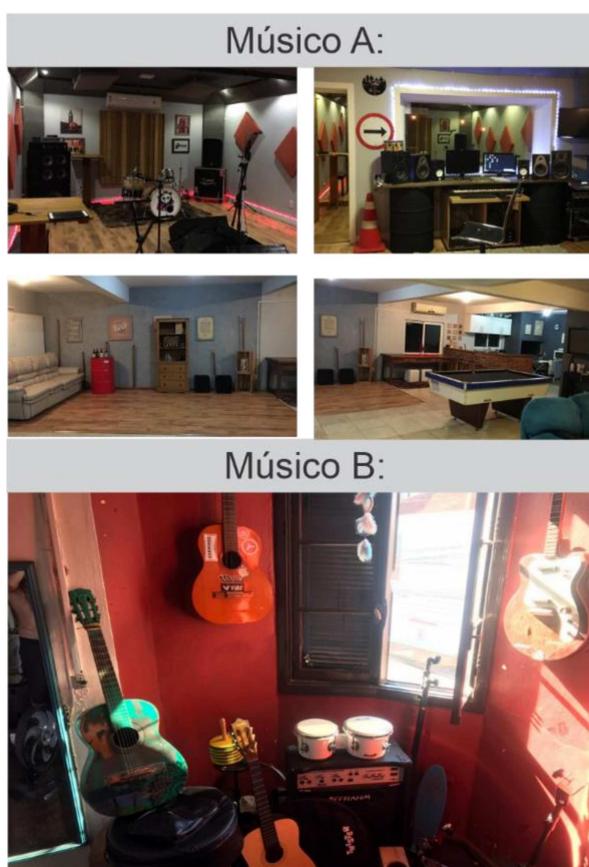
O músico A, além do seu estúdio de gravação, utiliza a sala de estar. Segundo esse profissional, um problema é que ele e seu sócio não são muito organizados, assim, às vezes ocorrem descuidos em relação à privacidade. Por exemplo, eles utilizam o espaço da cozinha para secar roupas e já receberam cliente que viu essa situação.

O músico B, além do dormitório, onde ele montou um espaço para organizar os seus instrumentos musicais e sua estação de trabalho, utiliza a cozinha, o banheiro e o pátio para os momentos que decide preparar uma aula diferenciada para os alunos ou então quando realiza gravações de músicas autorais. Um problema enfrentado pelo profissional é em relação ao ruído causado pelos instrumentos, pois, como reside com a família e seu quarto não possui tratamento acústico, ele importuna o restante dos moradores. Também não pode trabalhar à noite, momento em que sente que tem um bom rendimento.

Quanto ao *home office* dos sonhos, o músico A comentou que o ambiente atual já é a realização de um sonho, entretanto, com mais investimentos em tratamento acústico, o seu ambiente seria ainda melhor. Complementou que o ambiente teria peças de decoração assinadas, pois a arte está diretamente ligada com a música.

O músico B gostaria de ter em sua residência uma sala de música, que fosse um local amplo, arejado, com os seus instrumentos de uso diário e ainda um quadro branco para momentos em que realiza as aulas e precisa fazer anotações. Essa sala de música teria painéis de correr, que poderiam se integrar por completo com o lar. Além disso, comentou sobre o seu amor pela música, destacando que gostaria que todos os ambientes da casa tivessem uma conexão com sua paixão. Ele imagina instrumentos musicais restaurados e antigos decorando o ambiente residencial.

Figura 41 – *Home office* dos músicos



Fonte: Autora (2021).

Mediante a análise das as imagens recebidas dos profissionais (FIGURA 41), a partir dos três critérios preestabelecidos, pode-se afirmar que o ambiente do músico A é um espaço completo, que atende todas as necessidades, tanto de moradia como de trabalho. Observa-se que, pelo local ter sido projetado e pensado para a dinâmica comercial e, posteriormente, ter sido complementado para moradia, ele mescla e equilibra bem as duas funções. Assim, tem uma organização e uma setorização dos elementos que contemplam o projeto.

Por outro lado, o espaço do músico B é compacto, pois, devido à sua necessidade de trabalhar em *home office*, ele criou uma adaptação em seu próprio dormitório, o que pode diminuir sua produtividade.

No que se refere à gestão do tempo, como o ambiente do profissional A favorece a utilização e atende todas as suas necessidades, ele não desperdiça tempo na execução das suas atividades. Além disso, pelo espaço estar tão conectado com a residência, ele consegue explorá-lo duplamente, utilizando a música tanto para lazer como para trabalho. Essa conexão pode favorecer um maior rendimento na sua gestão do tempo, entretanto é importante que ele consiga encontrar um equilíbrio das suas ações nos aspectos profissionais e de moradia.

O profissional B, por ter um espaço compacto e extremamente conectado com o seu dormitório, pode ter distrações e não diferenciar momentos de trabalho e de relaxamento, assim, tende a ter uma dificuldade na sua gestão do tempo.

Em relação à utilização de recursos, os dois ambientes são extremamente adaptáveis, unindo as funções de lar e moradia. Da mesma forma, os dois espaços foram organizados com elementos e mobiliários reutilizados, estratégia que diminui a utilização de recursos, ainda que, para atender as necessidades dos músicos, em especial do profissional A, foi necessária uma aparelhagem profissional para montar o local.

Assim, esses profissionais utilizam diversos ambientes residenciais para o trabalho, destacando-se o exemplo do profissional A, que fez do seu *home office* um estilo de vida, equilibrando de forma positiva o morar e o trabalhar.

4.3 Análise, Diretrizes e Experimentação

Nesta etapa da pesquisa realiza-se a análise das informações coletadas e apresentadas na etapa anterior para, posteriormente, desenvolver-se a fase de experimentação projetual.

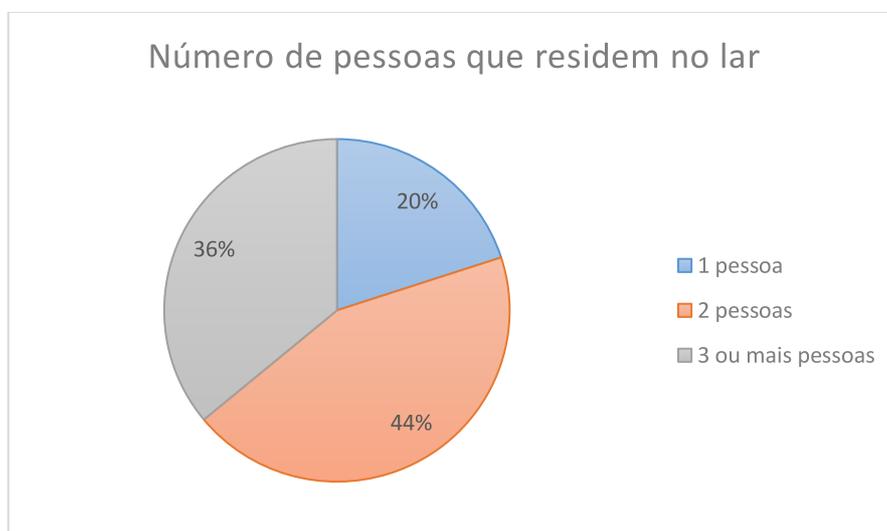
4.3.1 Análise de Dados

Na análise de dados, a configuração dos lares e das famílias é um aspecto importante. Na investigação desenvolvida, constatou-se que alguns profissionais consultados moram sozinhos e outros moram com mais alguém ou até com família

maior, configurada por mais de duas pessoas. Essas dinâmicas influenciam na percepção do trabalho em *home office*, interferindo na maneira como o usuário se relaciona com o ambiente e com as necessidades específicas de morar e de trabalhar em um único local.

Assim, em relação aos profissionais que dividem o espaço com mais pessoas ou que moram sozinhos, verificou-se que cinco deles moram sozinhos, onze moram com mais alguém e ainda nove moram com mais de duas pessoas. Isso demonstra que a maioria do público observado divide o espaço residencial e o *home office* com mais pessoas da família. O Gráfico 4 ilustra esses dados citados.

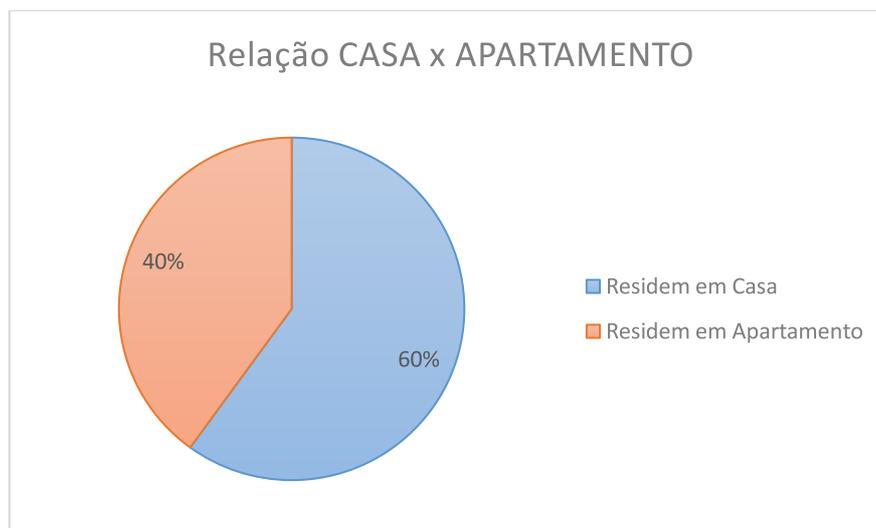
Gráfico 4 – Número de pessoas que residem no lar



Fonte: Autora (2021).

Também se investigou a respeito da opção dos profissionais por residirem em casa ou apartamento. Observou-se, conforme demonstrado no Gráfico 5, que a maior parte deles vive em casas e a minoria em apartamentos.

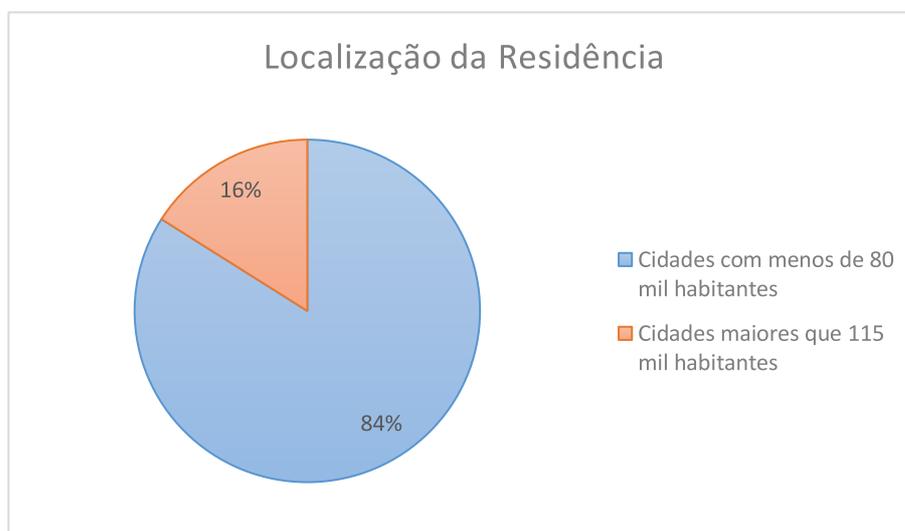
Gráfico 5 – Número de pessoas que residem no lar



Fonte: Autora (2021).

Esse dado é uma estatística derivada do recorte feito, no entanto também se deve levar em conta que pode ser uma configuração característica da região onde os profissionais residem - a maioria mora em cidades menores e não em grandes centros, conforme apresentado no Gráfico 6.

Gráfico 6 – Localização da Residência



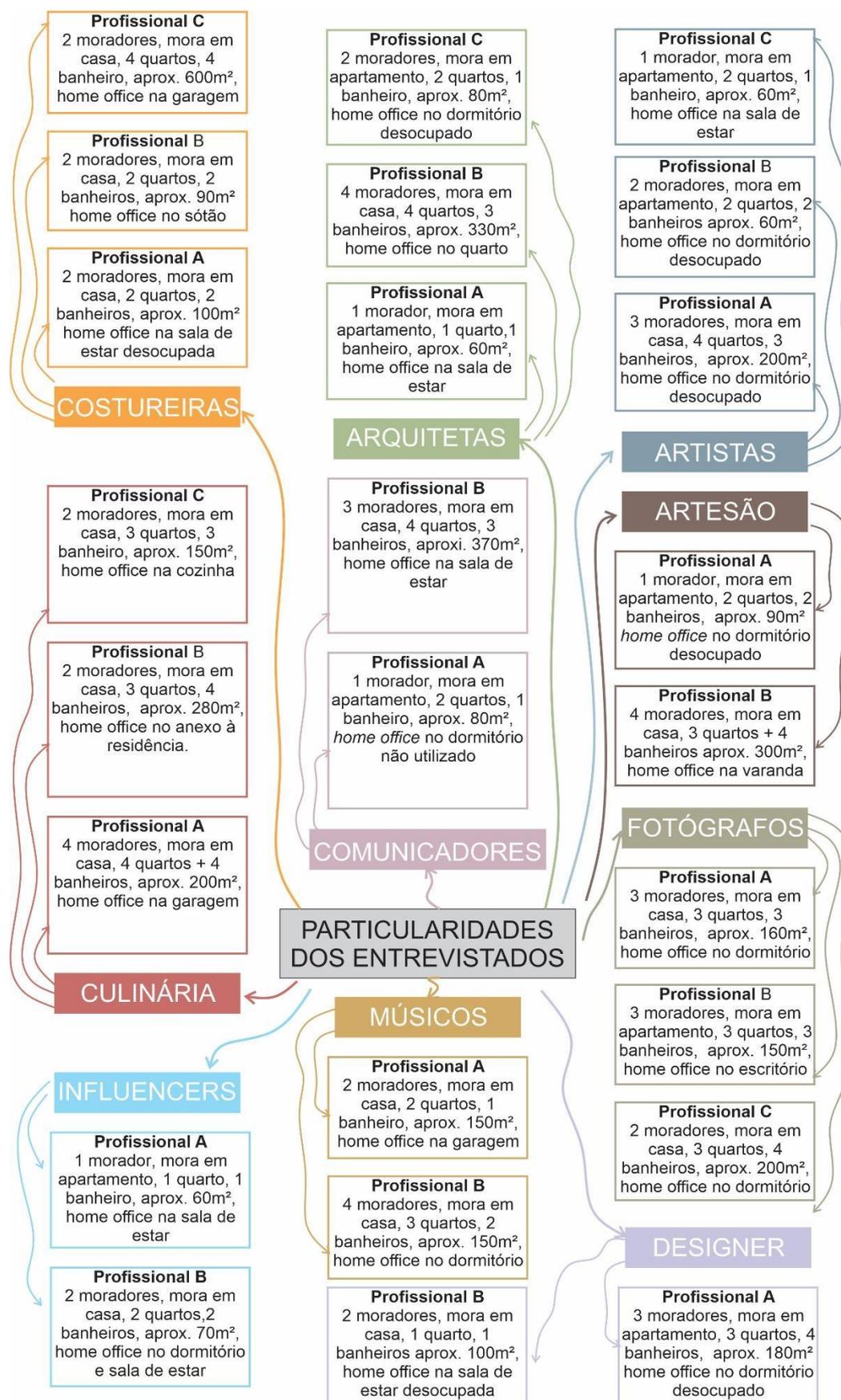
Fonte: Autora (2021).

Na Figura 42, a seguir, pode-se verificar que, somando as metragens quadradas dos apartamentos/casas usadas pelos profissionais da indústria criativa consultados, tem-se uma área média de 170,80m², sendo possível detectar três agrupamentos de lares. A Configuração 01 apresenta apartamentos que variam entre 60,00 e 80,00 m², com exceção de um que tem 150,00 m². A configuração 02 é formada por casas que

variam entre 100,00 m² e 200,00 m². Por fim, na configuração 03, há casas em tamanho maior que ultrapassam os 300,00 m², chegando até 600,00 m².

Uma constatação pontual é que o segmento de *home office* observado não está diretamente relacionado com poder aquisitivo. Outras observações a destacar, a partir desse recorte, é que maioria das residências acessadas tem dois quartos e três banheiros e que o número máximo de quartos e banheiros por residência é quatro.

Figura 42 – Particularidades dos profissionais da indústria criativa



Fonte: Autora (2021).

Na Figura 43, apresentada a seguir, apresenta-se um resumo das informações a respeito das necessidades essenciais e secundárias de um profissional para desenvolver suas atividades em ambientes *home office*. É possível verificar que algumas profissões da indústria criativa requerem mais instrumentos, espaço e mobiliários, enquanto outras exigem menos. Profissionais da culinária, por exemplo, são os que mais necessitam de infraestrutura e diferentes utensílios para executarem suas tarefas.

Mas, se por um lado, os profissionais da gastronomia, costura, arquitetura, artesanato e artes precisam de uma diversidade maior de ferramentas e infraestrutura, os comunicadores, designers, fotógrafos, influenciadores digitais e músicos apresentam menos demandas para trabalharem em modelo *home office*, conforme pode ser visualizado na Figura 43.

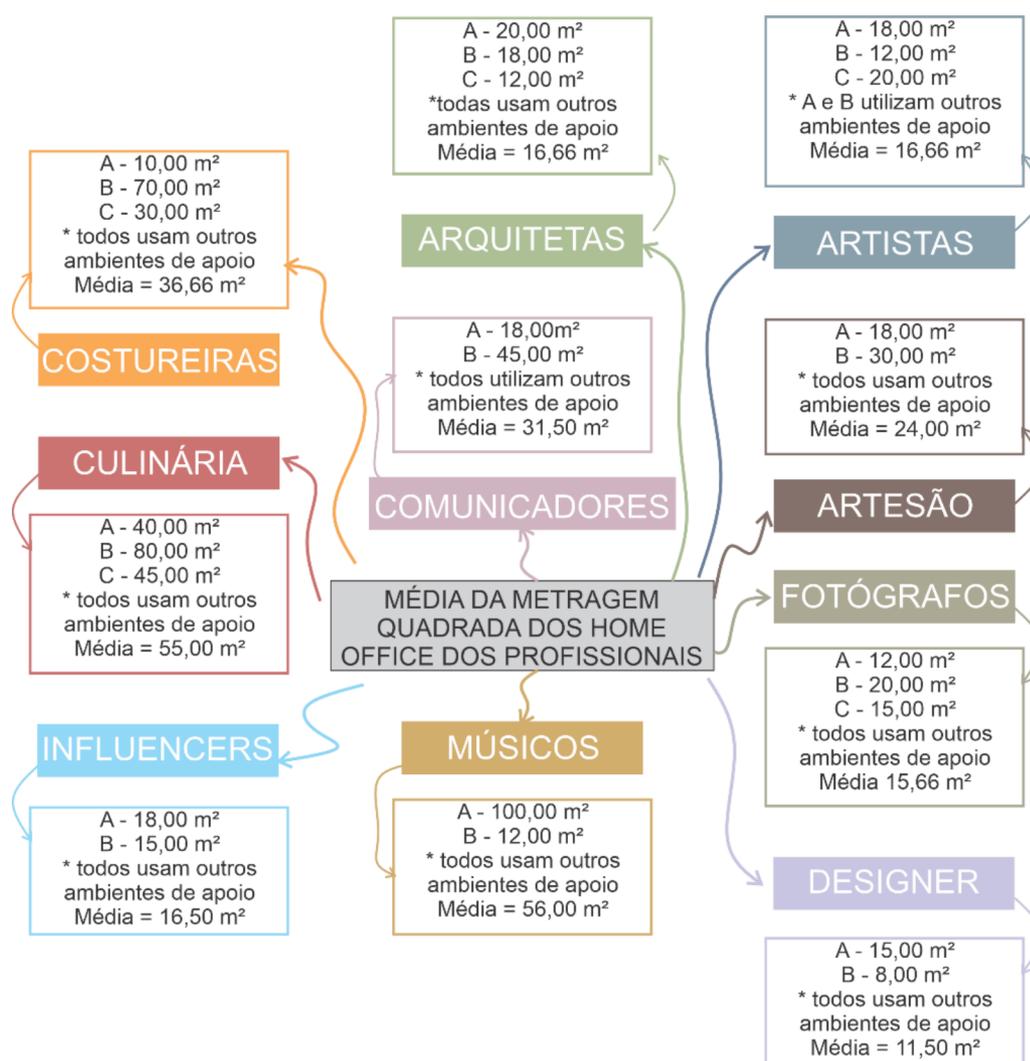
Figura 43 – Elementos essenciais e necessários para os profissionais



Fonte: Autora (2021).

Também se observou o tamanho dos espaços de trabalho em modelo *home office* dos profissionais contatados, percebendo-se que a média em relação à área utilizada em atividades laborais ficou em 28,01m². Nesse sentido, as profissões em que os profissionais têm mais área quadrada de uso em *home office* são aquelas relacionadas com a culinária, com aproximadamente 55,00m², seguidas pelas ligadas à música e à comunicação (FIGURA 44).

Figura 44 – Média da metragem de *home office* e relação de uso dos ambientes



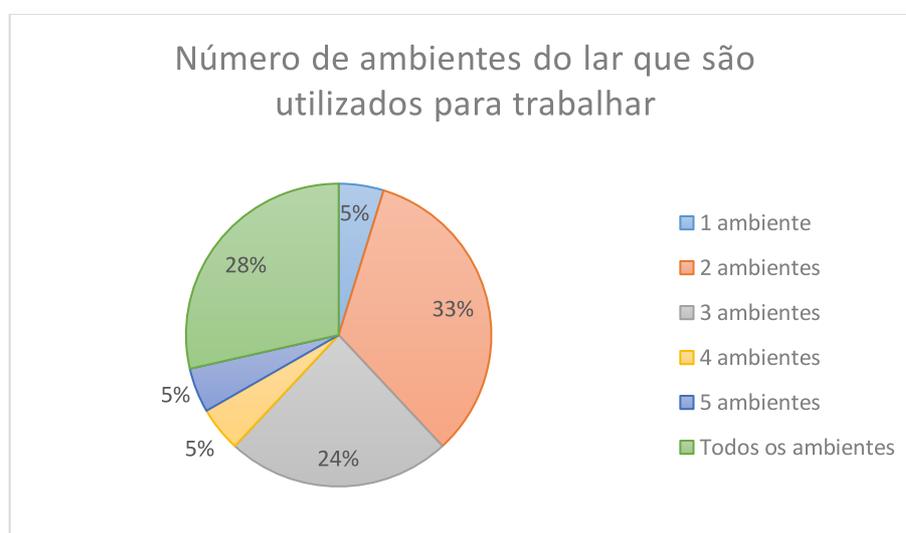
Fonte: Autora (2021).

Com relação ao tamanho dos espaços de *home office* dos profissionais da indústria criativa, 12 deles levantaram queixas, indicando que seus ambientes de moradia e trabalho são compactos demais, levando a crer que, para seu maior conforto, os espaços deveriam ter uma área maior. Por outro lado, se eles compreendessem a residência inteira como um grande *office*, utilizando mais

ambientes, poderiam aproveitar melhor o espaço e ter o sentimento de que possuem um ambiente maior.

Outro aspecto mapeado foi o número de ambientes dos lares que cada profissional utiliza para trabalhar. Constatou-se que a maior parte dos profissionais ouvidos utiliza mais de um ambiente da residência para as funções de trabalho, demonstrando a conexão existente entre o *morar* e o *trabalhar*. Além disso, uma observação importante é que 6 dos 25 profissionais já utilizam o lar inteiro para trabalho e moradia, especialmente nas profissões de artesão, influenciador digital, fotógrafo e músico, conforme é ilustrado no Gráfico 7.

Gráfico 7 – Número de ambientes do lar utilizados para trabalhar



Fonte: Autora (2021).

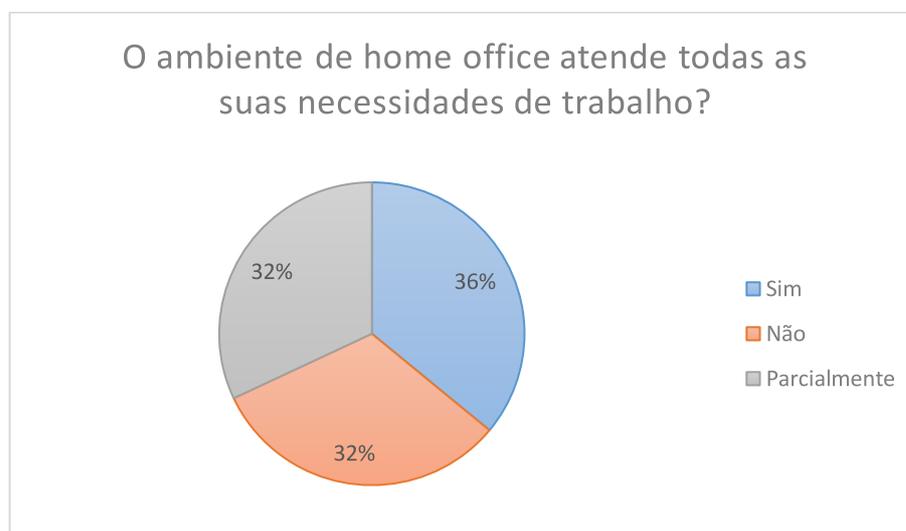
Essa observação pode ser comparada com a informação coletada na primeira etapa da pesquisa, quando se questionou os profissionais da 'rede de contatos' se utilizavam um ou mais ambientes da residência para trabalhar: 65% responderam que usavam mais de um ambiente. Com isso, pode-se afirmar que o ambiente de *home office* vai além de um cômodo específico.

De igual modo, quando consultados se o ambiente residencial atendia ou não as necessidades de trabalho, configurando-se com um *home office* ideal, esses mesmos profissionais afirmaram que o ambiente não atendia ou atendia parcialmente. Isso demonstra que eles não estão totalmente confortáveis com a relação moradia e trabalho.

Essa questão também surgiu nas conversas com os profissionais da indústria criativa, pois muitos manifestaram a importância de ter um local para receber clientes,

ainda inexistente. Esse dado também pode estar relacionado com a insatisfação pela falta de espaço e pelos profissionais abordarem que residem em ambientes muito compactos, conforme mostra o Gráfico 8.

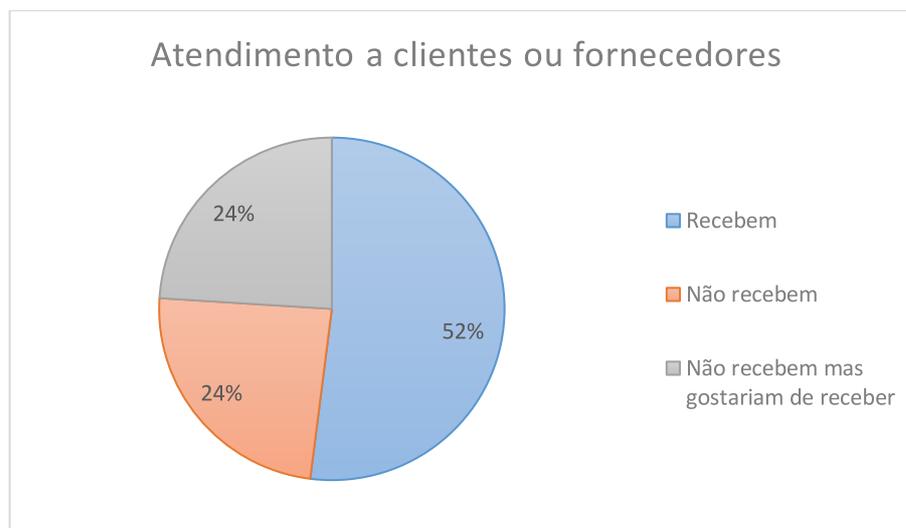
Gráfico 8 – *Home office* atende todas as necessidades



Fonte: Autora (2021).

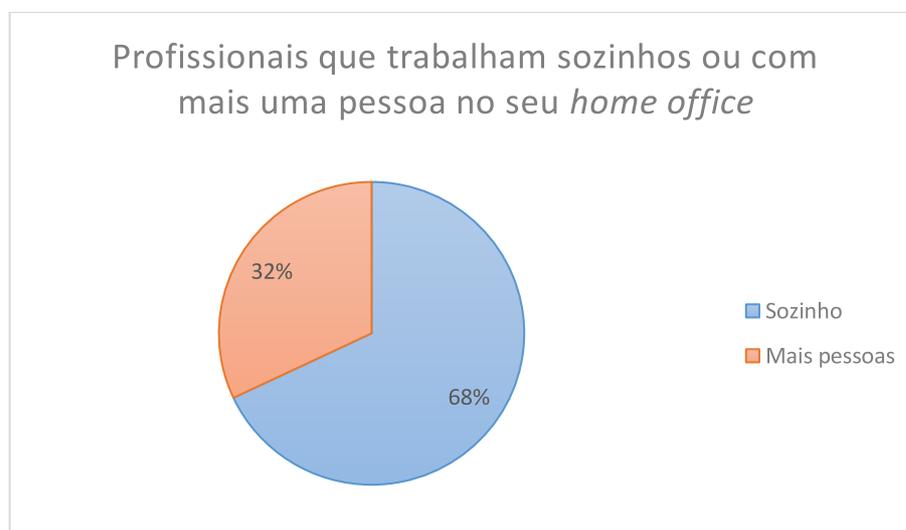
Esse desejo por espaços maiores também pôde ser observado entre os profissionais da rede de contatos, quando se levantou questão parecida, mas considerando apenas a possibilidade de resposta sim ou não. Nesse grupo, 55% explicitaram que o seu *home office* não era adequado, em termos de espaço, para as suas necessidades atuais. Esse número reforça as respostas dos profissionais da indústria criativa, pois a maior parte não está totalmente satisfeita, o que demonstra que mudariam alguns aspectos para melhorar a sua dinâmica de trabalho no ambiente residencial.

Outro dado coletado com os profissionais da indústria criativa referiu-se ao recebimento ou não de clientes no ambiente residencial de trabalho: 13 profissionais disseram que já recebem clientes; 6 não recebem porque não precisam; e 6 não recebem, mas gostariam de fazê-lo, se tivessem espaços apropriados (GRÁFICO 9). Esses que não conseguem receber utilizam outro local para atendimento, como cafés da cidade ou outro ambiente comercial de apoio. Essa constatação pode ser relacionada com o gráfico anterior, que mostra que os profissionais da indústria criativa consideram que o *home office* não atende todas as suas necessidades.

Gráfico 9 – Atendimento a clientes ou fornecedores no ambiente de *home office*

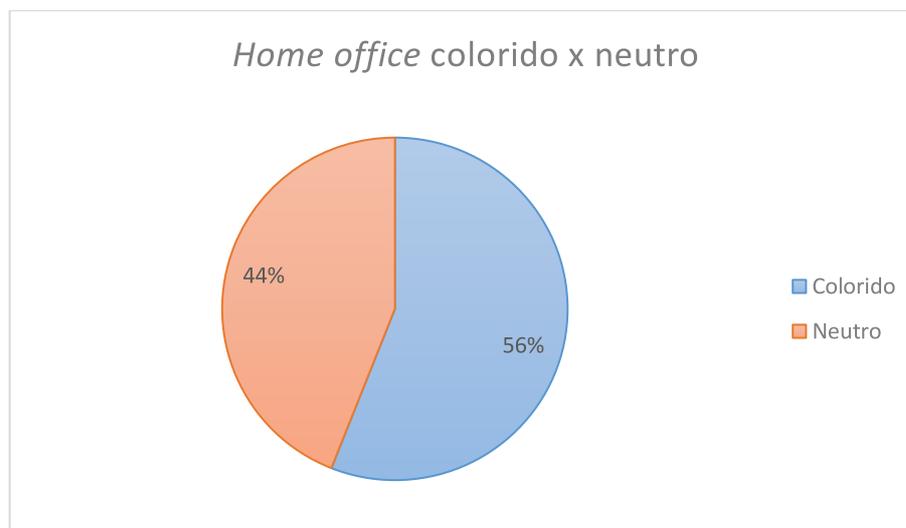
Fonte: Autora (2021).

Questionados se trabalhavam sozinhos ou com mais pessoas - sócios ou funcionários -, a maioria dos profissionais (68%) respondeu que trabalha individualmente, como mostra o Gráfico 10.

Gráfico 10 – Profissionais que trabalham sozinhos ou com mais pessoas em *home office*

Fonte: Autora (2021).

Também se observou, a partir das imagens recebidas dos ambientes dos profissionais ou de seus relatos, que, entre ambientes coloridos e neutros, a preferência recai sobre os mais coloridos: 56% preferem ambientes coloridos, enquanto 44% preferem ambientes neutros (GRÁFICO 11).

Gráfico 11 – Preferência por ambiente de *home office* colorido ou neutro

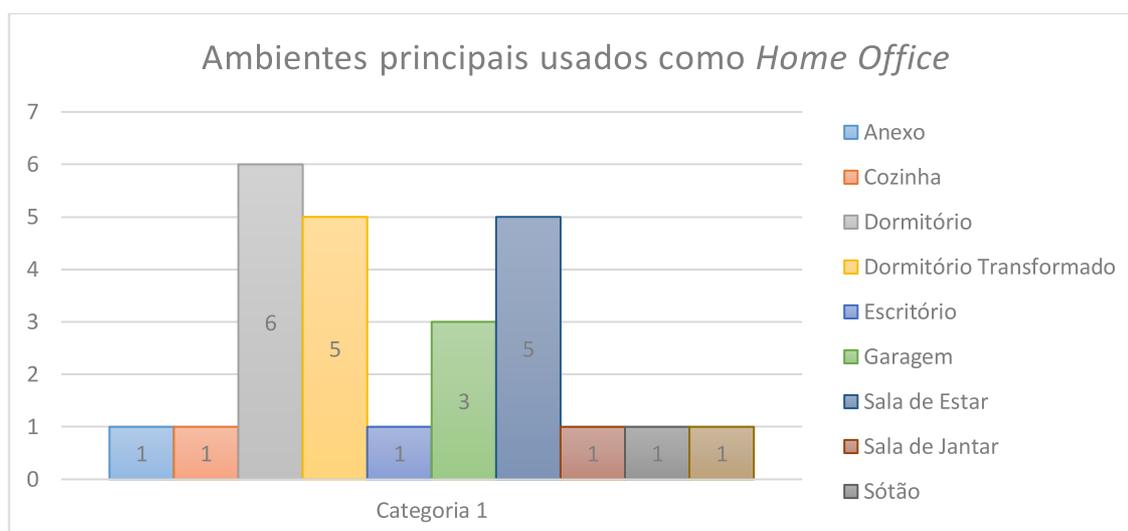
Fonte: Autora (2021).

Outra necessidade, identificada na pesquisa, referiu-se à falta de locais apropriados para fotografia ou gravação de imagens, envolvendo os seguintes profissionais: artesãos, artistas, comunicadores, costureiras, culinárias, designers, influenciadores digitais, fotógrafos e músicos. Esse dado pode demonstrar uma tendência de mercado, ou seja, o uso de estratégias de divulgação de produtos ou serviços por meio de mídias sociais.

Igualmente se observou que alguns profissionais consultados (arquiteta, artista e costureira) enfrentam dificuldades para manter o foco, trabalhando em ambiente residencial. Por isso, mencionaram a importância de haver marcos separando os ambientes de lazer e de trabalho para ajudar na determinação do início e fim do expediente.

Já profissionais como os arquitetos, artistas, comunicadores e influenciadores digitais, afirmaram que é importante dispor de espaços abertos, pátios ou ainda uma vista para contemplação, já que isso oferece um respiro da jornada de trabalho ou, ainda, uma dose de inspiração.

Investigou-se ainda quais os ambientes principais de *home office* utilizados pelos profissionais ouvidos. Constatou-se que o mais comum é fazerem uso de parte do próprio dormitório. Esse dado refere-se mais a profissões que necessitam de menos infraestrutura específica para suas atividades laborais. O segundo ambiente mais citado foi um dormitório não utilizado e transformado e, por fim, como terceiro local mais utilizado, a sala de estar, conforme mostra o Gráfico 12.

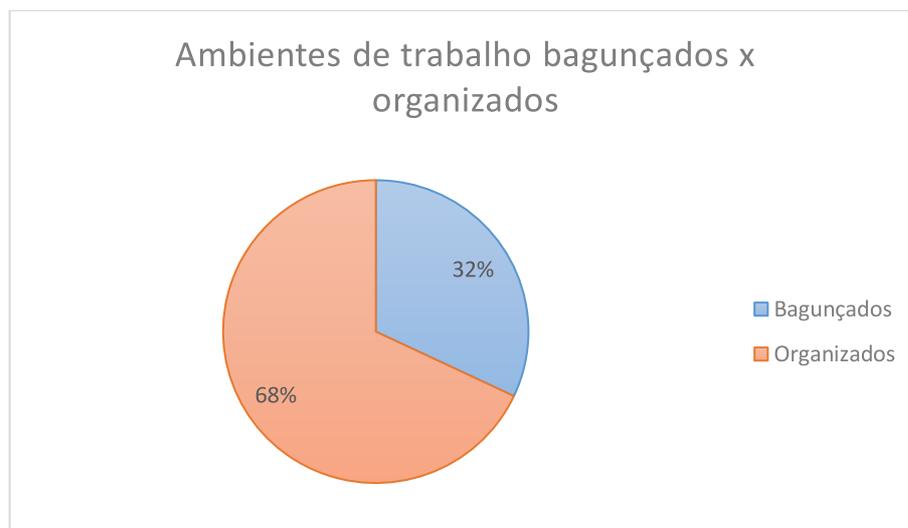
Gráfico 12 – Principais ambientes usados como *home office*

Fonte: Autora (2021).

Estabelecendo-se relação entre os principais espaços de *home office* ocupados pelos 25 profissionais descritos, com os espaços dos profissionais da rede de contatos, percebeu-se que, no grupo da rede de contatos, a maioria utiliza o escritório para trabalhar, seguido do dormitório e da sala de estar. Portanto, ambos os grupos seguem a mesma lógica quanto à utilização de ambientes para *home office*: dormitório, dormitório transformado e salas de estar.

Outro elemento que favorece o bom funcionamento do espaço de trabalho é a sua organização, por isso investigou-se, nas imagens enviadas pelos profissionais, se os espaços estavam bem-organizados ou não. Cabe destacar que, muitas vezes um local fica desorganizado por ter elementos em demasia, sem local suficiente para armazenar todos os itens. Nesse sentido, o ambiente das costureiras estaria entre os locais em suposta desordem, pois elas possuem um grande número de materiais para armazenar e usar no desenvolvimento de um produto ou na confecção de uma peça de vestuário.

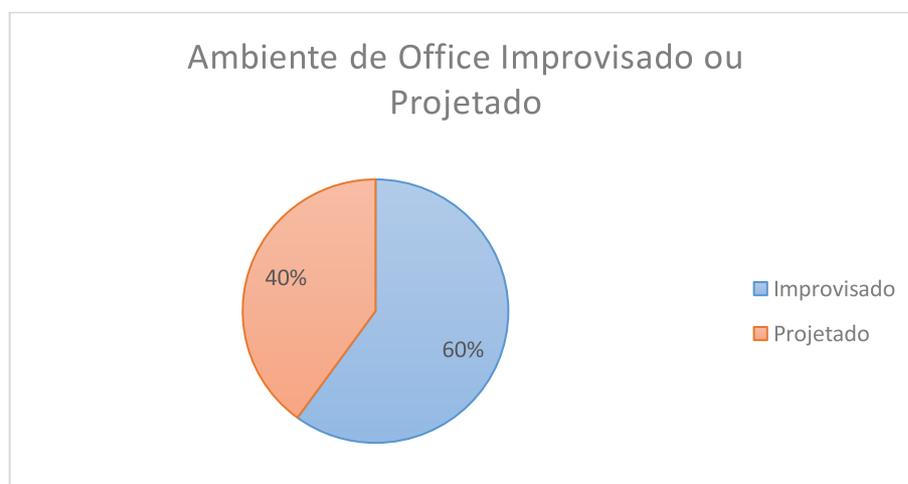
Gráfico 13 – Ambientes de trabalho bagunçados x organizados



Fonte: Autora (2021).

Ainda a partir das conversas realizadas e da observação das fotos enviadas, averiguou-se se os ambientes de trabalho eram locais projetados ou não, isto é, se tinham sido pensados e planejados por um profissional habilitado, levando em conta as necessidades existentes no *office* e não somente no *home*. Como mostra o Gráfico 14, a maioria dos ambientes está estruturado de forma improvisada (60%).

Vale lembrar que é compreensível que alguns se configurem como locais improvisados e que não atendem a maioria das necessidades dos usuários, uma vez que foram organizados de forma espontânea, conforme a necessidade do dia a dia, e incorporados no ambiente residencial.

Gráfico 14 – Ambiente de *office* Improvisado x Projetado

Fonte: Autora (2021).

Os três profissionais da culinária contaram que realizaram um projeto de interiores para os seus locais de trabalho, pois, para eles, uma cozinha sem funcionalidade configura-se como um problema. Um dos profissionais acrescentou ainda que solicitou ao projetista a readequação de vários mobiliários utilizados, realizando também um projeto para que a cozinha atendesse todas as suas demandas. Duas das três costureiras também realizaram um projeto para qualificar os seus ambientes de trabalho, o que demonstra que quando o profissional tem consciência de que seu ofício apresenta necessidades bem específicas e que essas influenciam diretamente no seu rendimento, ele investe na qualificação do seu local de trabalho.

O fato de os locais de trabalho em ambiente residencial serem, em sua maioria, locais improvisados, pode ser relacionado com os dados do Gráfico 8, que demonstra que a maioria dos *home offices* não contempla as necessidades dos profissionais. Isso porque, se um local não é projetado por um profissional habilitado e “surge” de maneira espontânea, a tendência é que não seja funcional.

Além disso, esse dado pode ser relacionado com outra constatação, qual seja, que muitos profissionais não compreendem o ambiente de *home office* como um local de trabalho definitivo. A percepção que ficou dos contatos estabelecidos é de que, para a maioria deles, o local é temporário ou consequência de alguma modificação excepcional das suas vidas.

Se o formato *home office* fosse compreendido como um negócio formal, um local de trabalho efetivo e talvez definitivo, ele deixaria de ser improvisado e assumiria um papel de qualificação na vida do profissional. Dessa forma, acredita-se que o usuário teria realmente o sentimento de realização em relação à sua vida profissional, buscando organizar um local ideal, que equilibrasse trabalho e moradia, sem deixar que nenhum se sobressaísse sobre o outro.

Quando questionados sobre a preferência por um ambiente integrado ou separado da casa, a maioria disse preferir um ambiente separado. Acredita-se que isso ocorra, pois, separando trabalho e moradia, é mais fácil organizar a rotina, sem interferência de um ambiente sobre o outro. Registra-se ainda que esse desejo maior por separação pode ser um resquício de um modelo mental que sempre vigorou em padrões de trabalho em formato não *home office*.

É possível, porém, com estratégias arquitetônicas, pensar uma maneira de, em momentos propícios, o trabalho se misturar com o lazer e vice-versa. Da mesma

forma, possibilitar que os dois momentos se separem, sem um interferir negativamente no outro, também considerando as relações com os demais moradores do ambiente.

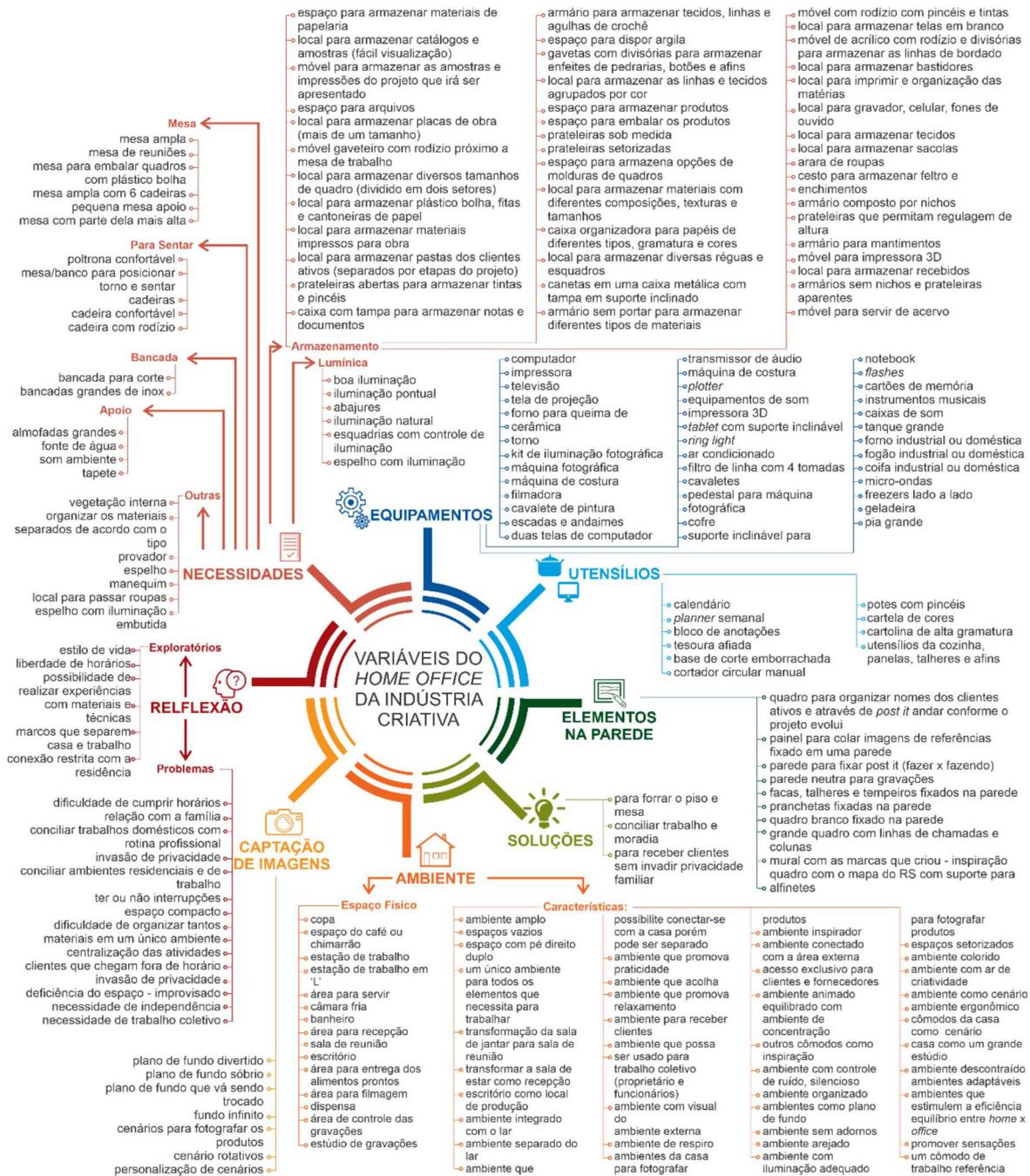
Com essa sintonia de trabalho e residência, imagina-se que seja viável tirar mais proveito do trabalho no conforto do lar, do que em um grande prédio de escritório ou em local comercial. Logicamente, não se descarta que empresas, a partir de uma rotina de trabalho híbrida, possibilitem ao profissional que ele se conecte excepcionalmente com o local comercial, porém, compreende-se que o lar é o ponto de referência de lazer, equilíbrio e convívio.

4.3.2 Variáveis e Diretrizes

Com base nas informações coletadas nas etapas anteriores, especialmente na etapa de conversa com os profissionais, obteve-se conhecimento acerca das dinâmicas que envolvem diferentes modelos de *home offices*. Associado a isso, desenvolveu-se a etapa de ampliação dessa visão, para conhecer melhor a realidade já existente e, assim, transformar e melhorar a relação entre casa e trabalho no *home office*.

Buscando organizar todas as informações colhidas, fez-se uma síntese de tais dados em um infográfico que elencou todas as variáveis relevantes percebidas nas conversas e análises posteriores (FIGURA 45).

Figura 45 – Variáveis do *home office* dos profissionais observados



Fonte: Autora (2021).

Relacionando os conhecimentos obtidos com os estudos de *home offices*, em conexão com as variáveis relevantes percebidas, chegou-se ao número de dez diretrizes projetuais para esse tipo de espaço, as quais serviram de referência neste trabalho e podem orientar profissionais da área da arquitetura.

O fluxograma da Figura 46 apresenta essas dez diretrizes projetuais numeradas de 1 a 10 e identificadas mediante uma palavra de referência antecedida por uma expressão que ajuda a caracterizá-la.

No diagrama, as três primeiras diretrizes apresentam cores primárias, pois são consideradas como base, ou seja, são imprescindíveis para todas as outras sete diretrizes. As três diretrizes intermediárias são representadas pelas cores secundárias, pois se relacionam com as diretrizes anteriores e são a base para o próximo agrupamento. Já as três seguintes, representadas pelas cores terciárias, expressam elementos de finalização. A décima diretriz pensada, representada pela cor amarelo-claro, faz o fechamento dos círculos das diretrizes projetuais.

Figura 46 – Diretrizes projetuais



Fonte: Autora (2021).

Todas as diretrizes foram formuladas com base na interpretação dos relatos dos profissionais da indústria criativa, considerando aspectos observados em seus ambientes, suas insatisfações (problemas) relatadas e, ainda, aqueles elementos elencados como fundamentais.

Diretriz 01 (Flexibilidade): A primeira diretriz apresentada é a flexibilidade, pois, como o ambiente de *home office* deve atender duas necessidades distintas, morar e trabalhar, é necessário que os espaços sejam flexíveis e adaptáveis para atender as duas demandas.

Diretriz 02 (Setorização): Tendo em vista a organização espacial dos ambientes da residência como um todo, bem como a organização dos espaços de trabalho, a setorização torna-se fundamental, pois ela permite que os espaços sejam agrupados de acordo com a dinâmica que acontecerá em cada um. Como, em termos organizacionais, compreende-se o trabalho como um processo, a partir da setorização se consegue agrupar todos os elementos de cada processo, o que facilita os fluxos e a dinâmica dos espaços.

Diretriz 03 (Referência): É importante que dentro do ambiente residencial haja um espaço de referência para o trabalho, no qual se possa concentrar a organização dos materiais e dos itens necessários para o desenvolvimento da atividade

profissional. Além disso, esse cômodo de referência auxilia na criação de um marco para o trabalho. Entretanto, é importante que esse espaço possa se relacionar com o restante da residência, de forma a se integrar ao conjunto dos demais ambientes.

Diretriz 04 (Equilíbrio): equilibrar os ambientes de trabalho e de residência é muito importante, pois evita que uma atividade se sobressaia à outra, comprometendo e dificultando o dia a dia do usuário. Além disso, é muito comum se ver, em *home offices* padrões, o ambiente residencial sendo mais atendido do que o ambiente de trabalho. Assim, a valorização dos dois elementos, dentro do mesmo ambiente, faz com que o trabalho em *home office* deixe de ser algo improvisado ou passageiro e passe a assumir o profissionalismo necessário.

Diretriz 05 (Recepção): De acordo com os dados levantados, a maioria dos profissionais da indústria criativa precisa dispor de um local preparado e disponível para receber o cliente ou algum fornecedor. Isso faz parte do mercado de trabalho, pois é uma maneira de o profissional se relacionar com o seu público consumidor.

Diretriz 06 (Privacidade): É importante prever como acontecerá a dinâmica dos espaços quando forem compartilhados com outras pessoas ou, ainda, quando o profissional receber convidados. É preciso favorecer a privacidade do trabalhador da modalidade de *home office*, assim como a dos outros moradores, para que ninguém se sinta importunado e para que a dinâmica não seja prejudicada. Em relação a receber convidados externos, é importante que haja limites, para a residência não ficar demasiadamente exposta. Dessa forma, o usuário de *home office* não tem o sentimento de invasão de privacidade.

Diretriz 07 (Conforto): É de suma importância que os espaços de *home office* sejam confortáveis e atendam as necessidades lumínicas, ergonômicas e acústicas do usuário. E que, igualmente, respeitem os padrões e as normas estabelecidas pelas boas práticas da arquitetura.

Diretriz 08 (Estímulo): Um espaço destinado a profissionais da indústria criativa necessita ser continuamente estimulante. Ele deve influenciar de forma positiva o usuário, promovendo seu bem-estar, a liberação das ideias e o seu maior diferencial, qual seja, a criatividade.

Diretriz 09 (Espaço aberto): A conexão com o espaço aberto, quando possível, visa proporcionar ao usuário a relação com o meio externo. O caminhar descalço em uma grama ou a troca de ares, provindos da brisa do vento, favorece o bem-estar dos envolvidos e, conseqüentemente, influencia no rendimento.

Diretriz 10 (Particularidades): Como se está tratando de ambientes destinados à indústria criativa, a última diretriz dá destaque às particularidades dos usuários. O ambiente de *home office* deve permitir customizações pelo profissional, ou seja, deve permitir que ele também, por meio de sua criação e com seus pertences pessoais, transforme o espaço, personalizando-o de acordo com o seu estilo de vida e inspirações.

As diretrizes propostas foram desenvolvidas com o intuito de nortear as decisões projetuais de qualquer arquiteto ou designer de interiores no momento de projetar um local de trabalho que se conecte à moradia. Além disso, a ideia é ampliar a visão difundida até hoje sobre *home office*, apresentando-o como um grande lar e, ao mesmo tempo, um grande *office*.

Com base nas variáveis apresentadas de *home offices* e nas diretrizes projetuais derivadas, desenvolveu-se um processo de experimentação, buscando desenvolver um novo conceito, isto é, uma nova visão prática do tradicional *home office*.

4.3.3 Experimentação Projetual

Esta etapa da pesquisa foi constituída com o intuito de proporcionar uma aplicabilidade do conhecimento gerado até aqui, tendo em vista que uma das premissas de um arquiteto e urbanista é que todo projeto deve buscar apresentar soluções para problemas observados em ambientes, considerando o dia a dia e as necessidades das pessoas.

Assim, iniciou-se esta etapa de projeção, buscando-se a delimitação de um novo conceito para o tema da pesquisa trabalhado. Com base nas informações colhidas com os profissionais da indústria criativa, procurou-se identificar um ponto de conexão entre eles, relacionado com o contexto da arquitetura. Dessa forma, observou-se que o principal ponto de contato existente, no que se refere a espaços físicos, é que todos os 25 profissionais consultados - arquiteto, artesão, artista, comunicador, costureira, culinária, designer, influenciador digital, fotógrafo e até um músico - trabalham ou poderiam trabalhar em um espaço de 'ateliê²'.

² Tradução da palavra francesa Atelier (lugar onde um artista trabalha). Local onde artesãos ou operários trabalham em conjunto, numa mesma obra ou para um mesmo indivíduo; local preparado para a execução de trabalhos de arte, costura, fotografia etc.; estúdio. Oxford Languages, 2021.

A partir de um entendimento sobre 'ateliês', pode-se unir o espaço físico de todos os profissionais da indústria criativa observados. Dessa forma, e por esta pesquisa consistir em uma reflexão acerca do trabalho em ambiente residencial, o termo residência, aqui, relaciona-se ao conceito de moradia, de refúgio dos usuários, isto é, de lar.

Dessa forma, unindo-se as duas palavras - uma que expressa o ambiente físico, conectando os profissionais, e a outra que remete ao ambiente residencial, sem especificar se é um apartamento ou casa, se é grande ou pequeno - chegou-se ao termo conceitual de *lar-ateliê*.

Nesta reflexão, compreende-se, então, o lar-ateliê como uma adaptação, ou, ainda, como uma evolução do conceito de *home office*, considerando o universo dos profissionais da indústria criativa. É esse conceito que se está propondo, o qual conecta os conhecimentos levantados, levando em conta as premissas estabelecidas pelas variáveis e as diretrizes apresentadas.

O lar-ateliê vem a ser um ambiente baseado na flexibilidade dos espaços e que se organiza através de uma setorização. Ele possui um cômodo como referência do ambiente de trabalho, o que favorece o equilíbrio entre moradia e atividades profissionais; preocupa-se com um local adequado para receber clientes ou fornecedores, promovendo a privacidade dos moradores; pensa em uma iluminação adequada; cria espaços que estimulam criativamente seus usuários; relaciona-se com o espaço aberto; e, por fim, promove as particularidades dos seus usuários.

É um conceito que vai além da ideia tradicional já citada de *home office*, visto que almeja promover um novo estilo de vida para o usuário. O lar-ateliê não se restringe a um ambiente, tampouco aos limites impostos pela delimitação do ambiente residencial - ele contempla o lar como um todo, atendendo as necessidades de moradia e de trabalho. Da mesma forma, relaciona-se com o ambiente externo, favorecendo as conexões entre pessoas, diferentemente da ideia de *home office* que muitas vezes promove e favorece o isolamento pessoal.

O lar-ateliê imaginado tem como ambiente de referência o ambiente de estar, espaço já configurado em um lar como um local de grande permanência. A essência desse lar-ateliê, o seu coração, está na "casa", conectada como um todo para as duas atividades, trabalhar e morar. Assim, a partir da construção do conceito proposto, desenvolveram-se três modelos de experimentação projetual, para que o seu conceito, as diretrizes e as variáveis encontradas nesta pesquisa fossem testadas.

Cabe destacar que o conceito de lar-ateliê possui uma aplicabilidade maior em espaços compactos, visto que em lares com área maior há mais possibilidades de “segregar” as atividades de trabalho e moradia, o que não condiz com a essência do lar-ateliê. Tal proposta vem para solucionar os espaços vistos como pequenos, os quais dificultam a conciliação entre morar e trabalhar. Com as soluções geradas, observa-se que é possível ampliar o ambiente, conectando melhor as duas atividades.

Por se tratar de diferentes variáveis e por não ser possível a testagem de todas, foram desenvolvidas algumas opções nesta etapa do trabalho. Antes da apresentação de cada modelo, apresenta-se uma breve explicação sobre o número de pessoas que poderiam ocupar o espaço, a configuração espacial do lar e a área. Além disso, optou-se por realizar os três modelos em apartamento, tendo em vista que a indústria criativa é recente e que esse nicho de mercado está mais conectado com os grandes centros urbanos, onde se encontram mais e diferentes oportunidades, se comparados a cidades menores.

Na sequência, apresenta-se primeiramente o modelo base, que depois é personalizado para atender as particularidades de seus usuários (Diretriz 10).

Modelo Base 01:

O modelo base 01 tem como característica ser um apartamento de 44,00m² (8,00x5,50m), com um único ambiente fechado, que é o banheiro. Por ser um espaço compacto, é destinado a pessoas que moram sozinhas.

Na figura abaixo, mostra-se graficamente a intenção projetual para essa configuração de apartamento. Observa-se que o ambiente foi organizado a partir de três módulos móveis e um fixo. Os três módulos móveis garantem total flexibilidade ao espaço, permitindo diferentes configurações, conforme as necessidades do dia a dia do profissional. O módulo fixo comporta as instalações fixas de área molhada, organizando a cozinha e lavanderia.

Os três módulos móveis, mediante guias fixadas na arte superior, deslizam pelo ambiente; já o móvel fixo tem a mesma guia superior, mas para deslizar as quatro portas de fechamento do armário da área molhada. No módulo 04, as portas podem se acumular umas atrás das outras e ainda serem posicionadas na frente da porta de entrada, permitindo abertura completa.

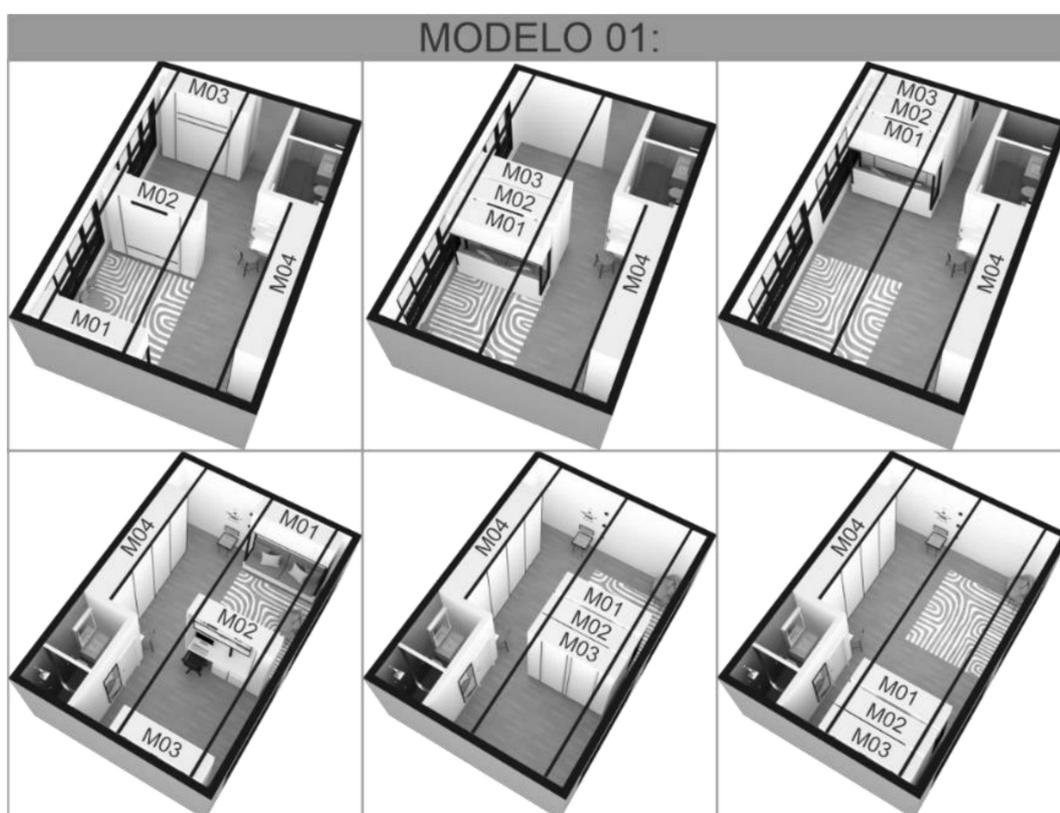
Os quatro módulos são setorizados, com módulo molhado, módulo de trabalho, módulo de estar e módulo de relaxar. Como já explicado, o lar-ateliê tem como

ambiente de referência o estar. Por se tratar de um espaço extremamente conectado, o ambiente de referência ocorre no módulo de trabalho, que está diretamente conectado com o módulo de estar. A proposta busca atender, de forma equilibrada e harmônica, tanto as necessidades de trabalhar quanto as de morar. Marcando um local de receber, tem-se uma cadeira próxima ao acesso, mas todo o espaço pode receber pessoas externas, pois ele se adequa a essa necessidade.

Por se tratar de um ambiente destinado a uma pessoa, busca-se uma certa privacidade. Dessa forma, tem-se um móvel mais privativo, na qual estão a cama e a parte principal de guarda-roupas. O espaço atende os padrões estabelecidos pelas normas em relação ao mobiliário. A parte de estímulos e de particularidades é apresentada mais à frente, na customização, de acordo com a necessidade dos profissionais.

A conexão com o espaço aberto marca-se com a possibilidade de o apartamento ter uma vista, ou de o prédio ter um espaço aberto, ou ainda com a incorporação de plantas internas. Essa conexão com o externo também é marcada com a possibilidade de receber clientes e fornecedores no espaço (FIGURA 47).

Figura 47 – Modelo 01, módulos deslizantes

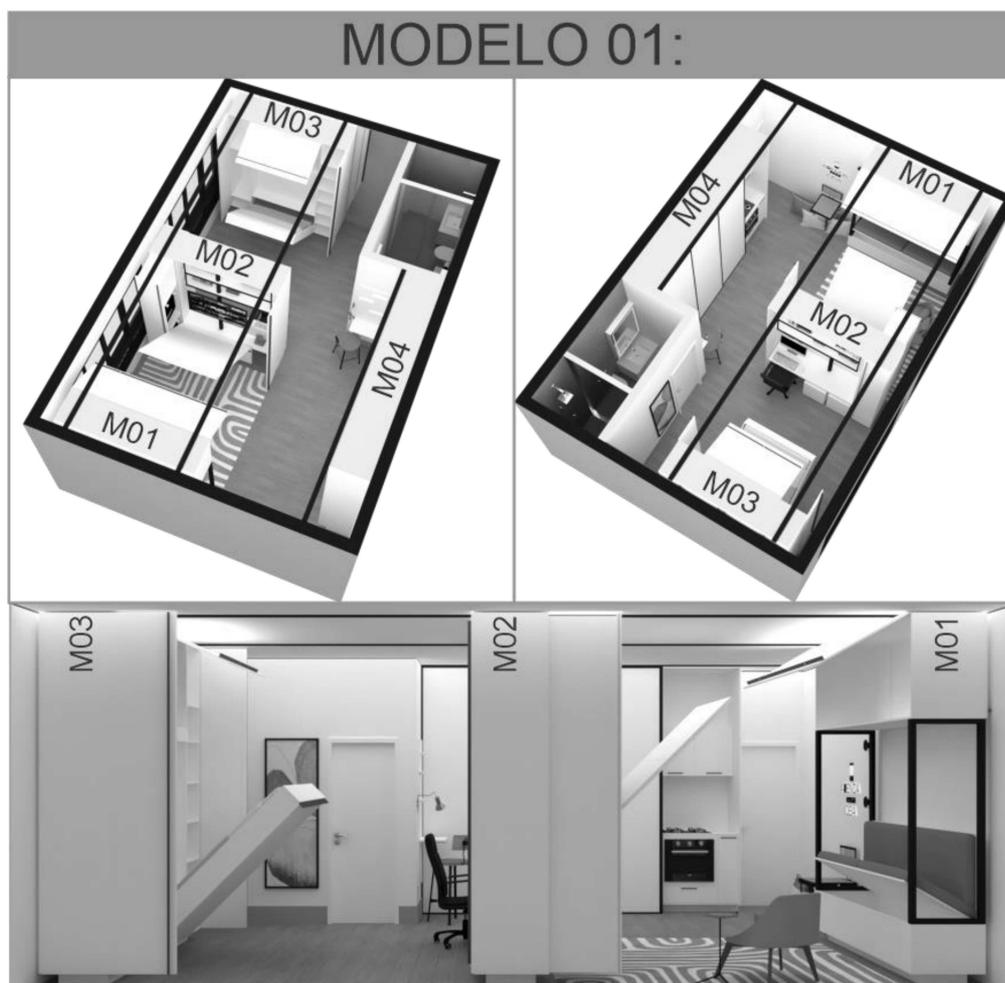


Fonte: Autora (2021).

É possível observar, na Figura 48, as primeiras transformações possíveis nessa experimentação proposta. O modelo 01 comporta um sofá embutido, em cuja parte inferior é possível abrir um baú. Na parte superior há portas basculantes. No modelo 02 há um fechamento que esconde a televisão e que pode ser transformado em uma mesa de trabalho ou para refeições. Além disso, há uma grande porta que funciona como uma gaveta, onde estão dispostas as cadeiras auxiliares. Nesse módulo ainda há uma estação de trabalho fixa e aberta para um dos lados, com dois móveis com rodízios que podem transitar por todo o espaço, juntamente com uma prateleira metálica na parte interna do móvel.

No módulo 03, há uma cama embutida que pode ser ‘puxada’ para abertura, com uma cabeceira estofada. Nas duas laterais há espaço de guarda-roupas, tanto para pôr roupas dobradas quanto para roupas penduradas. Na parte superior da cama, há portas basculantes. No módulo 04, as portas deslizam e pode-se observar o fogão e o forno. Também próximo ao módulo 04, há um painel com perfurações circulares, onde se pode adicionar prateleiras maiores (bancada) ou menores, ou ainda “ganchos” para pendurar utensílios.

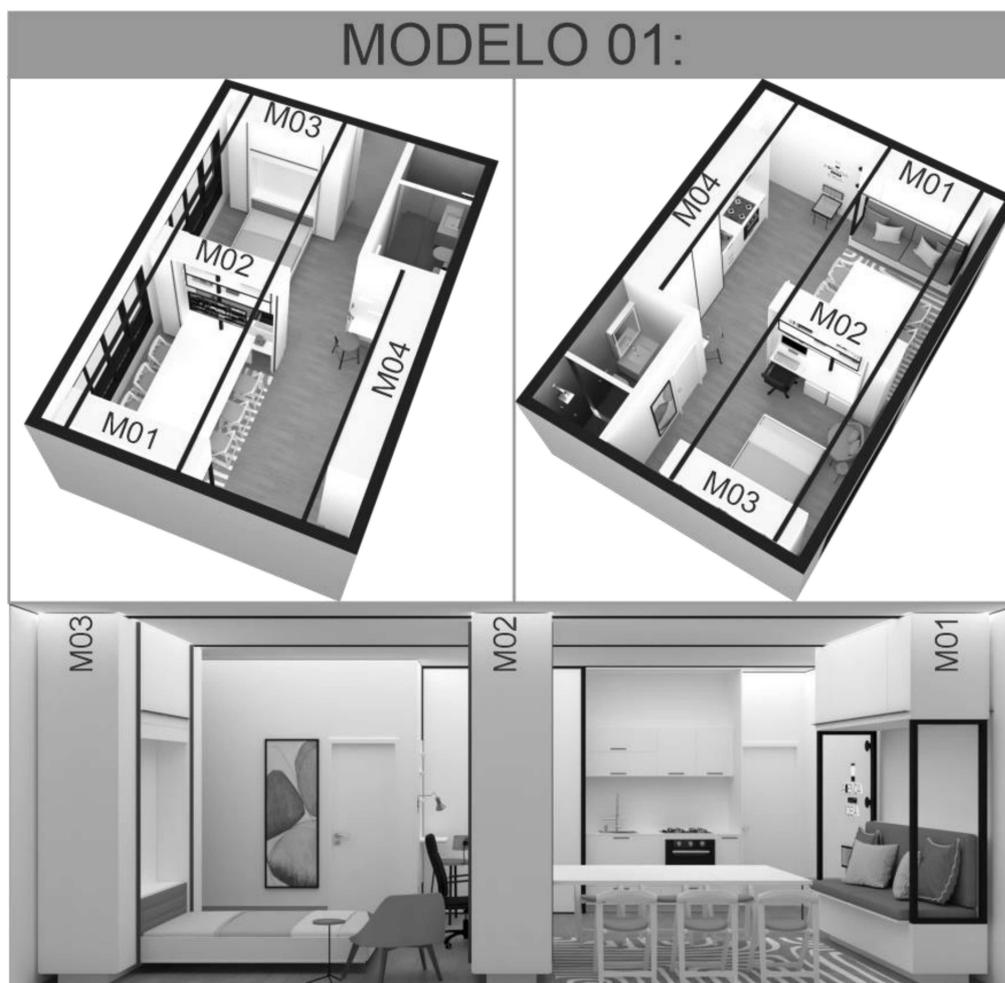
Figura 48 – Modelo 01, módulos em transformação 01



Fonte: Autora (2021).

Na figura anterior é possível ver os móveis em transição da posição final, enquanto na Figura 49, pode-se observá-los já na posição final. No módulo 01, eles já retornaram para a posição inicial. O módulo 02 apresenta a mesa organizada para seis pessoas. Já o módulo 03 tem a cama pronta para o descanso e o módulo 04 mostra a pia e a torneira da área molhada.

Figura 49 – Modelo 01, módulos em transformação 01



Fonte: Autora (2021).

Na Figura 50 pode-se observar a última transformação dos módulos. O módulo 01 se manteve, enquanto o módulo 02 teve a mesa reduzida, com uma parte do seu tampo dobrado, servindo também de pé. O módulo 03 foi deslizado para permitir o acesso a sua outra face, e nele há portas que se abrem, permitindo acesso às duas faces do móvel. Da mesma forma aproveitou-se a profundidade e, na parte de trás da cama, há prateleira para armazenar itens. O módulo 04 abre mais uma de suas portas de correr, mostrando a máquina de lavar. Deslocando-se as portas do módulo 04 para o outro lado, é possível ver a máquina de lavar e secar, assim como a área para vassouras e utensílios.

Figura 50 – Modelo 01, módulos em transformação 01



Fonte: Autora (2021).

A partir da apresentação do modelo base 01, pode-se associar itens que trazem ao ambiente as particularidades de cada profissional, assim como elementos que possam estimulá-los. Dessa forma, apresenta-se, a seguir, como estudo, a personalização do ambiente para três profissionais escolhidos: arquiteto, designer e influenciador digital. As informações referentes às particularidades foram coletadas dos Fragmentos de *home offices* apresentados.

Modelo 01 – Arquiteto

Nesta personalização foram atendidas as necessidades das arquitetas A e C, visto que a arquiteta B, por trabalhar com quadros, precisaria de um espaço maior em função da sua necessidade de armazenamento.

O módulo fixo ganhou destaque, diferenciando-se dos módulos móveis por ter uma tonalidade cinza claro e o interno recebeu um tom verde claro. Foram pensados detalhes de cores pontuais, com um espaço básico *clean* para promover estímulos

aos usuários. Na estação de trabalho, somou-se uma bandeja de amostras e a impressora abaixo da televisão, bem como catálogos de amostras nas prateleiras superiores à televisão. O computador foi deslocado para ter uma área maior de trabalho.

A mesa, que foi posicionada no seu tamanho reduzido, também pode ser expandida, caso haja necessidade de atendimento de mais clientes. Sobre a mesa ampla de trabalho, foram posicionadas duas caixas (tamanho A4 e A3) para organizar a documentação que vai para obra, assim como um organizador de folhas, canetas, lápis e outros elementos de papelaria. Associados à mesa, foram posicionados lateralmente dois gaveteiros com rodízio, para servirem de apoio à estação de trabalho. Trocou-se a composição de tapetes para demonstrar como diferentes elementos produzem efeitos diversos. Dessa maneira, a composição de tapete deu amplitude ao ambiente.

Próximo à entrada do apartamento, organizou-se um nicho em acrílico para armazenar as placas de obra, assim como um painel com diferentes furações para serem fixadas pranchetas que organizem a dinâmica do profissional. No módulo 01, alterou-se a configuração do baú para quatro gavetas, as quais poderão servir como local de arquivo para armazenar as pastas dos clientes. É possível observar que o ambiente se transformou com a inclusão de pequenos elementos para atender as necessidades de um arquiteto.

Figura 51 – Modelo 01 – Particulares do Arquiteto



Fonte: Autora (2021).

Modelo 01 – Designer

Na Figura 52 demonstra-se um espaço destinado ao designer. É possível observar que, com alguns elementos, a proposta foi novamente transformada. Conforme as particularidades dos designers citadas nos Fragmentos de *home office*, criou-se a experimentação projetual. Dessa forma, propõe-se um grande quadro de

vidro branco dividido por dias da semana nas colunas, e linhas para serem preenchidas com caneta, conforme as necessidades do usuário.

Considerando que um item importante do designer é a cartela com grande opção de cores, criou-se um painel, próximo à entrada do apartamento, com mostruários de cores, transmitindo a ideia de que a cartela está aplicada em uma parede.

Também no painel próximo ao módulo fixo, projetou-se uma materialidade metálica para que as fotos de inspiração das marcas da designer sejam expostas. Para atender o grande número de elementos da estação de trabalho, utilizou-se a mesa aberta, na sua maior dimensão. Na lateral da mesa, pensou-se em posicionar o móvel gaveteiro para armazenar diferentes tipos de folhas, conforme necessidade.

A partir do uso de tapetes, desenvolveu-se um novo elemento, ou seja, um tapete menor que demarca a área de estar do módulo 01, bem como um grande tapete que conecta os módulos 01 e 02, favorecendo sua conexão visual. Dessa forma, deixou-se a maior circulação marcada pelo tapete e a área do módulo 02 livre, para que a cadeira com rodízio possa fluir facilmente pela mesa. Utilizou-se, de forma representativa, a impressora 3D abaixo da televisão e, inferior a ela, um móvel gaveteiro para armazenar os materiais.

Figura 52 – Modelo 01 – Particulares do Designer



Fonte: Autora (2021).

Modelo 01 – Influenciador digital ou *Tiktoker*

Para atender as particularidades dos influenciadores digitais ou *tiktokers*, realizou-se uma transformação no módulo 02. Retirou-se o painel de fechamento da televisão, o qual se transforma em uma estação de trabalho, pois, conforme as informações coletadas nos Fragmentos de *home office*, os profissionais da indústria criativa consultados não faziam uso de uma mesa formal para trabalho. Dessa forma,

organizou-se uma bancada para trabalho, no módulo 02, na área menor que já existia. Para promover uma leve separação entre cada ambiente organizado pelos módulos, posicionou-se um painel atrás da televisão. Assim, quando o profissional desejar, ele pode rotacionar o painel.

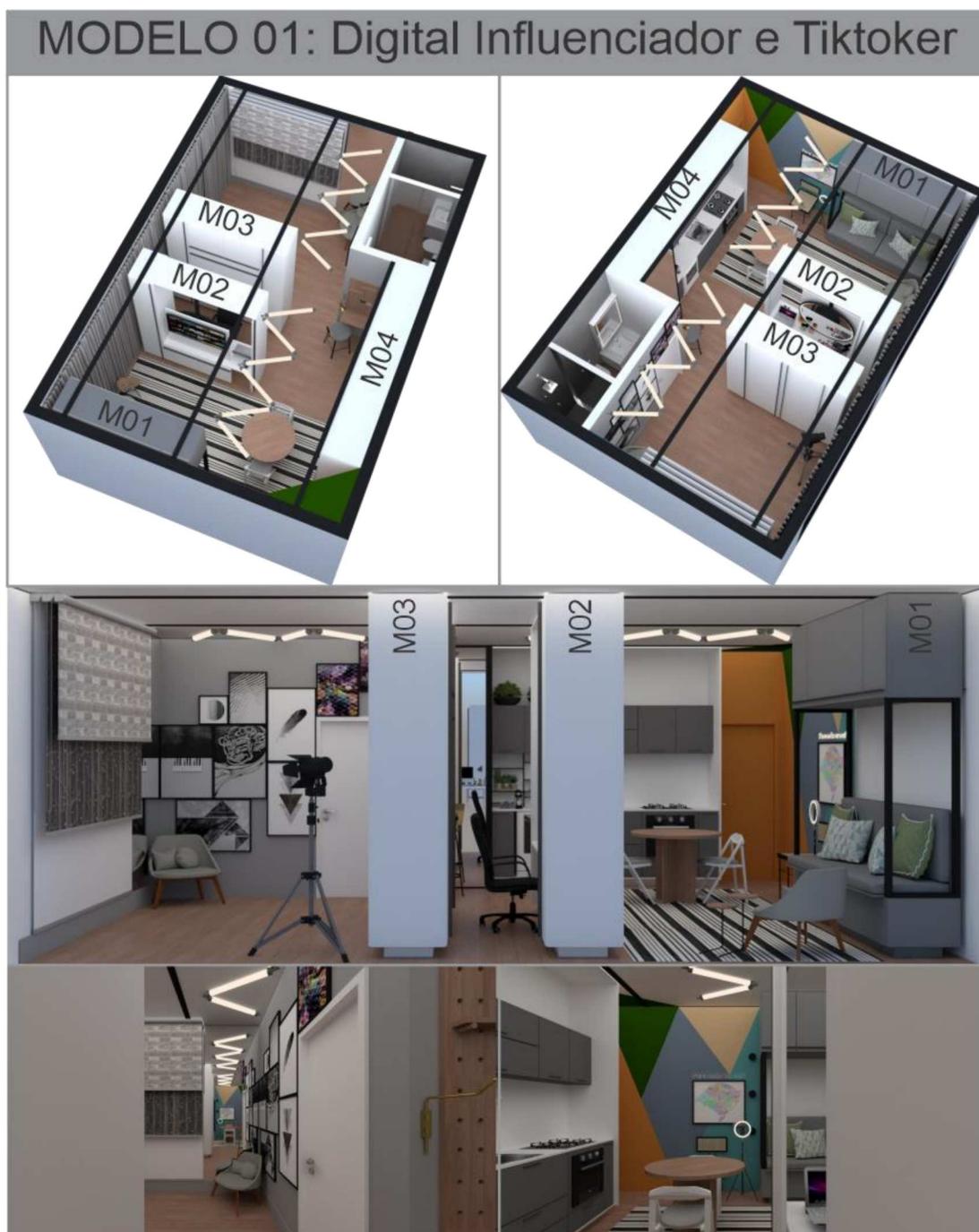
Diante da informação de que o trabalho desse profissional não exige uma grande mesa de trabalho, posicionou-se uma mesa redonda para servir de apoio para as funções residenciais e, se houver necessidade, para as atividades profissionais. A mesa está sobre um tapete que a conecta com a área de estar. Assim como no módulo 01, o espaço de estar recebeu a tonalidade cinza para se destacar em relação aos demais, pois é um local de longa permanência dos profissionais.

Também pensando na possibilidade de que o espaço fosse atender a influenciadora digital entrevistada, que trabalha com maquiagens, posicionou-se um espelho com iluminação frontal nesse módulo, atrás da televisão, bem como um móvel gaveteiro inferior para armazenar seus produtos. Com vistas a atender a necessidade específica do influenciador digital que viaja pelo estado do Rio Grande do Sul, posicionou-se, próximo à entrada, o mapa do estado, com um suporte para armazenar alfinetes, conforme necessidade.

Para proporcionar transformação ao espaço dos influenciadores digitais, foram organizados, atrás do módulo 03, painéis que podem ser enrolados, transformando o fundo. A proposta é que um painel seja neutro; outro apresente elementos diferentes; e o terceiro, elementos básicos. Da mesma forma, próximo aos fundos, posicionou-se uma composição de quadros para dar personalidade ao espaço dos profissionais.

Por fim, com o objetivo de estimulá-los criativamente, próximo da porta de entrada tirou-se partido das cores, com uma composição geométrica e uma composição de luminárias que demarcam a circulação entre os módulos (FIGURA 53).

Figura 53 – Modelo 01 – Particulares do Designer



Fonte: Autora (2021).

Modelo Base 02:

O modelo base 02 é um apartamento de 80,00m² (10,00x8,00m), com uma suíte e um lavabo fechado, que se caracteriza por ser um espaço de tamanho intermediário, destinado a uma ou duas pessoas.

Na Figura 54 mostra-se graficamente a intenção projetual para essa configuração de apartamento. A estratégia projetual foi a utilização de painéis que

deslizam pelos trilhos, reorganizando e reconfigurando os espaços. Com essa estratégia, o espaço transforma-se, podendo ser alterado conforme a necessidade do usuário. Caso haja necessidade, pode-se conectar o ambiente totalmente, mas se o profissional precisar de mais privacidade, é possível compartimentar esses ambientes, promovendo flexibilidade ao espaço.

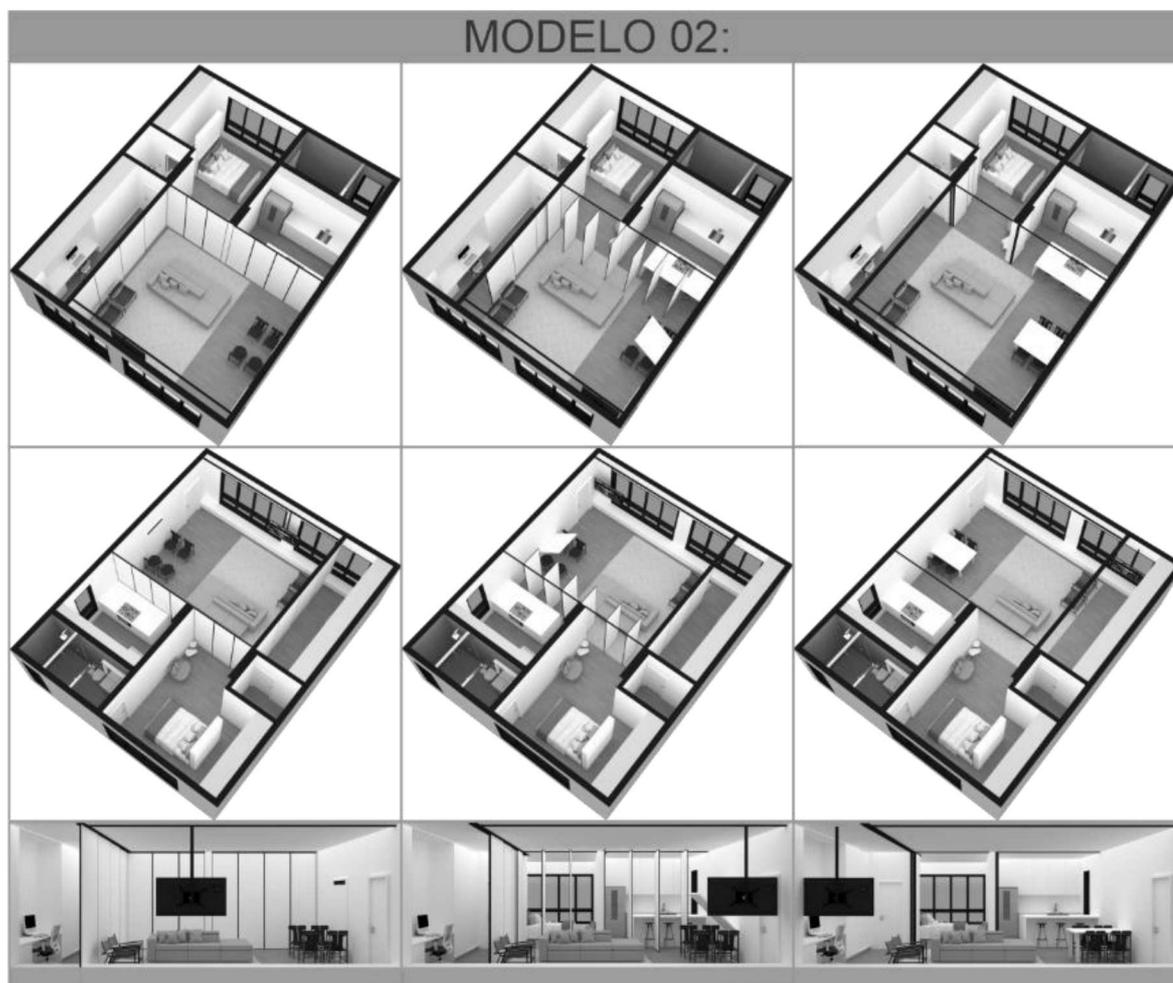
Por ser maior que o primeiro modelo base, os ambientes de cozinha, banheiro, lavabo e dormitório foram configurados de forma fixa, deixando-se as maiores transformações com a conexão dos espaços e no ambiente de estar.

O espaço foi organizado por setores, sendo a parte íntima em uma porção e a parte de vivência em outra. É possível observar que, mesmo conectado com o restante do ambiente, há um espaço de referência que está associado com a sala de estar e organizado por um móvel fixo. Assim, nenhuma das atividades se sobressai, equilibrando-se as atividades de morar e de trabalhar. O local de recepção é compreendido por um grande móvel paralelo à janela e, se houver necessidade, os convidados podem aguardar na sala de estar.

Se o espaço estiver sendo ocupado por dois moradores, com um desenvolvendo suas atividades e outro relaxando, o primeiro pode utilizar o dormitório e o outro o pequeno ambiente de estar que antecede o dormitório, com as portas fechadas e a devida privacidade. Da mesma forma, implementou-se, no projeto, o atendimento às normas, com padrões estabelecidos em relação a dimensões e conforto.

Para atender tanto as necessidades residenciais quanto as de trabalho, propôs-se uma mesa ampla que, quando fechada, fica fixa na parede, podendo ser aberta se necessário.

Figura 54 – Modelo Base 02



Fonte: Autora (2021).

A partir da apresentação do modelo base 02, pode-se associar itens que trazem ao ambiente as particularidades de cada profissional, assim como elementos que possam estimulá-los. Dessa forma, apresenta-se, na Figura 55, a personalização do ambiente para três profissionais: comunicador, músico e fotógrafo. As informações referentes às particularidades foram também coletadas dos Fragmentos de *home offices*.

Modelo 02 – Comunicador

Para atender as necessidades dos comunicadores consultados na etapa Fragmentos de *home offices*, foram utilizadas as portas de correr do ambiente de referência ao trabalho em vidro, visto que eles necessitam de momentos sem ruídos, para não sofrerem com interrupções e retrabalhos.

Foram implementados, na estação de trabalho, os equipamentos ditos como essenciais e necessários. Para a organização das matérias, foram posicionadas

pranchetas fixadas na parede, divididas pelos dias semana, nas quais os profissionais podem organizar a gravação das suas matérias de acordo com as pautas diárias e conforme suas necessidades (FIGURA 55).

Como houve referência à necessidade de o espaço ser usado como cenário, utilizaram-se poucos elementos de decoração para não desviar a atenção dos espectadores. Da mesma forma, fez-se uso de dois painéis que podem ser utilizados como plano de fundo quando necessário. Esses painéis são uma espécie de cortina rolo que é acionada na lateral e está fixada no teto do apartamento.

Para contemplar uma necessidade citada pela radialista, que gosta de realizar parte dos seus programas em pé, utilizou-se um microfone com cabo flexível que permite isso.

Assim, através de detalhes de cores e diferentes texturas, buscou-se promover estímulos aos profissionais. Por meio dessas estratégias utilizadas, foram atendidas as necessidades dos usuários, com espaços conectados e que interligam as funções de morar e trabalhar.

Figura 55 – Modelo 02 – Comunicador



Fonte: Autora (2021).

Modelo 02 – Músico

Para atender as necessidades dos músicos, estabelecidas na etapa de Fragmentos de *home offices*, também se fez uso das portas de correr do ambiente de referência em vidro, visto que eles também necessitam de controle de ruídos. Já nas portas que separam o dormitório e a cozinha, fez-se uso de espelhos, que podem auxiliar nas gravações dos clipes de um dos usuários.

Considerando-se as demandas do profissional B, equipou-se a estação de trabalho com os itens necessários e organizou-se a disposição dos seus

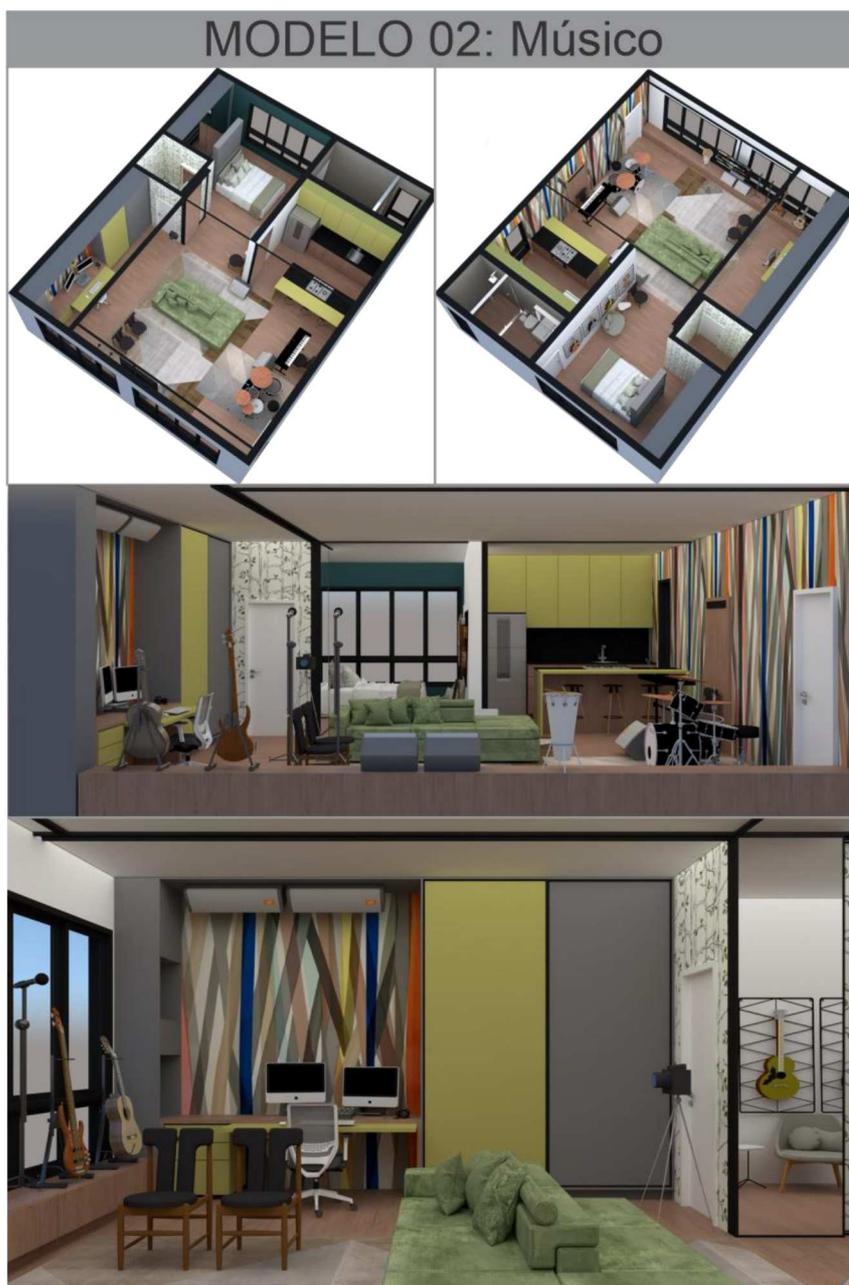
equipamentos sobre o móvel que conecta a entrada do apartamento com a estação de trabalho.

O profissional A, por sua vez, possui mais algumas necessidades, pois realiza gravações de clipes em seu ambiente. Dessa forma, posicionou-se mais um teclado e uma bateria, próximos à entrada do apartamento, sendo que a bateria está sobre um tapete. Buscou-se a disposição de ambientes livres, para que, de acordo com as necessidades de cada um dos seus clientes, eles possam transformar o espaço.

Para promover essa versatilidade ao espaço, utilizou-se um sofá modular, com seis módulos, que facilmente pode ser realocado e redistribuído pelo espaço. Nos momentos de gravações, as portas podem ser fechadas e a estação de trabalho deslocada para que o profissional que está realizando o controle das gravações fique de frente para quem está gravando. Tomadas e caixas de som foram espalhadas pelo ambiente. O ambiente da cozinha pode funcionar como copa para promover os momentos de descontração e servir de apoio ao restante do espaço, conforme Figura 56.

Optou-se por um ambiente repleto de cores para promover autenticidade e descontração no espaço, bem como auxiliar no oferecimento de estímulos aos usuários.

Figura 56 – Modelo 02 – Músico



Fonte: Autora (2021).

Modelo 02 – Fotógrafo

Tendo em vista a realidade dos fotógrafos, conhecida na etapa de Fragmentos de *home offices*, foram utilizadas portas de correr em espelho, para dar amplitude ao ambiente e para haver reflexão, que pode ser utilizada na criação e em campanhas, conforme suas necessidades.

Os elementos ditos como essenciais foram dispostos sobre a estação de trabalho ou no ambiente. Para facilitar a conexão entre os ambientes, quando o profissional está realizando fotos de produtos em seu ambiente de trabalho,

posicionou-se um carrinho, sobre o qual ele pode dispor todos os elementos de que precisa, levando-os de forma mais fácil.

Para atender a necessidade de um estúdio com fundo infinito e outros fundos, utilizou-se a estratégia de posicioná-los fixos no teto. Assim, quando for preciso, o profissional pode baixá-los e, caso não seja, eles ficam enrolados no teto. Para facilitar o trabalho de fotografar os produtos, posicionou-se uma mesa redonda com tampo branco próxima aos fundos citados.

Na estação de trabalho, posicionou-se um móvel gaveteiro com rodízio, sendo que a última gaveta pode ser utilizada como arquivo. A utilização de sofá modular e de espaços livres foram previstos para auxiliar na transformação do espaço, de modo a que possa ser adequado às necessidades dos profissionais. O ambiente da cozinha pode ser utilizado como copa para os momentos em que algum cliente é recebido. Prevaleceu-se o uso de um ambiente com poucos adornos e de móveis mais fechados, para que tudo tenha seu lugar, dificultando bagunças. Para atender a profissional C, organizou-se ainda uma bancada estruturada, que recebe os itens considerados essenciais.

Buscando promover estímulos aos fotógrafos, trabalhou-se com um espaço preto e branco com pontos coloridos e muitas fotografias captadas por eles, dispostas nas paredes (FIGURA 57). Mediante o uso dessas estratégias, as necessidades dos usuários foram atendidas, com espaços conectados, interligando as funções de morar e trabalhar.

Figura 57 – Modelo 02 – Fotógrafo



Fonte: Autora (2021).

Modelo Base 03:

O modelo base 03 tem como característica ser um apartamento de 120,00m² (12,00x10,00m), com duas suítes, lavanderia e lavabo fechados. Por ser um espaço maior, é destinado a pequenas famílias, configuradas pelo casal e um filho ou filha.

Na Figura 58, mostra-se, graficamente, a intenção projetual para essa configuração de apartamento. Observa-se que o ambiente foi organizado a partir de pequenos módulos estruturados por estrutura metálica, com base em melamina. No total são quatro módulos de 1,20x0,60m e dois módulos de 2,40x0,60m. Destaca-se

que esses módulos estão fixados em perfis metálicos no teto e podem ser movimentados conforme a necessidade do usuário, o que promove flexibilidade ao espaço.

Da mesma forma, o ambiente compreende uma setorização e um local de referência para o espaço de trabalho residencial que se localiza próximo à entrada e paralelo a essa parede. Assim, para o profissional ter privacidade no trabalho, utilizou-se uma cortina que desliza pelos trilhos, dividindo e fechando o espaço.

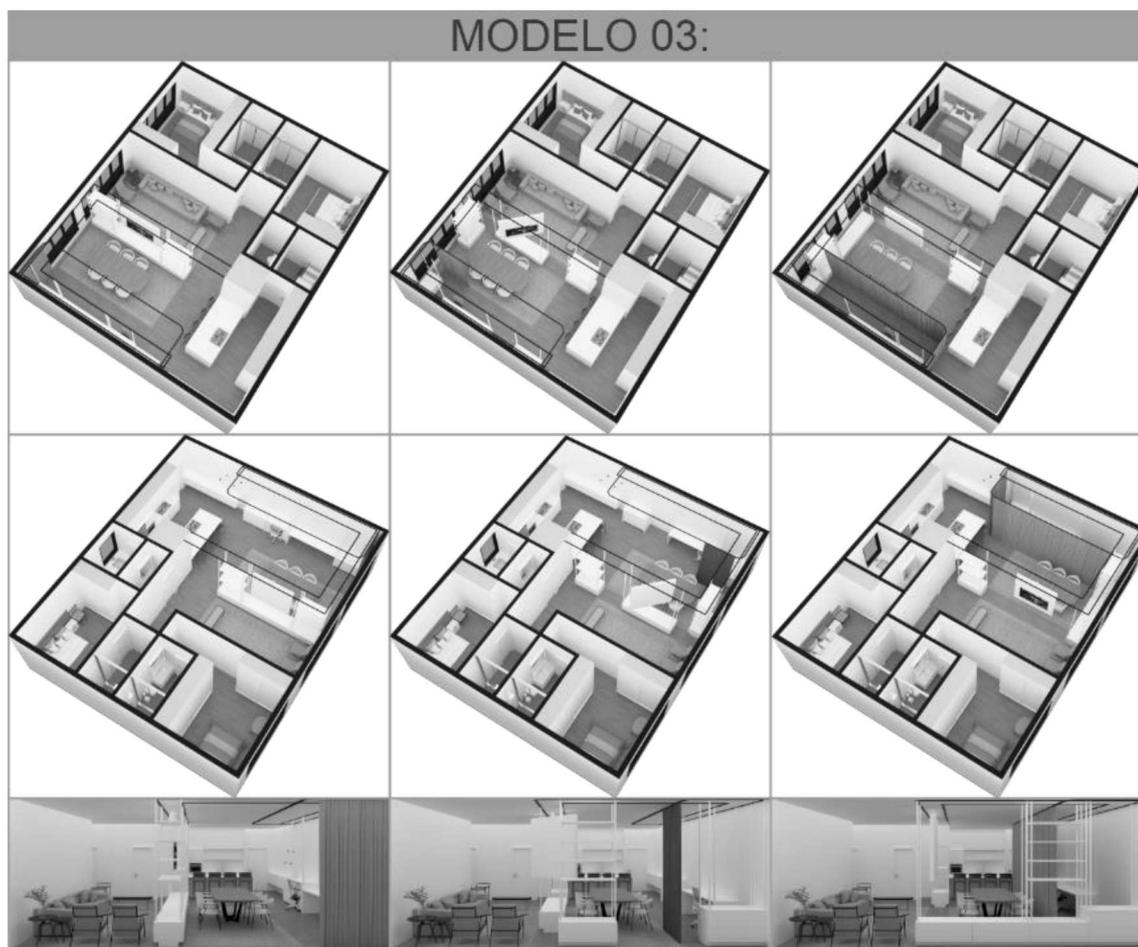
Por ser um ambiente maior, os espaços de estar e cozinha foram configurados fixos para se conectarem e estarem organizados de acordo com as necessidades do lar. Entretanto, o espaço de estar pode servir como local de trabalho ou ainda como recepção; o espaço de jantar pode se adaptar e assumir a função de sala de reunião ou mesa de trabalho ampla; e a cozinha pode assumir a posição de copa para o ambiente de trabalho ou um local de descontração, no caso de receber um cliente ou fornecedor.

Os ambientes configurados e fechados são vistos como oportunos para realizar atividades do lar, mas podem também ser locais de trabalho. Por exemplo, os dormitórios podem ser locais de trabalho informais, onde o profissional pode “espairecer” ou, ainda, locais de relaxamento e descanso. Banheiros e lavanderia são locais de apoio para o ambiente de trabalho.

Como essa configuração espacial é maior, fez-se uso de um carrinho que pode conectar todos os ambientes. Desse modo, facilmente se pode posicionar sobre ele os itens de trabalho, transformando um dos outros cômodos como a estação de trabalho do momento.

A partir da apresentação do modelo base 03, pode-se associar itens que trazem ao ambiente as particularidades de cada profissional, assim como elementos que possam estimulá-los. Dessa forma, apresenta-se, na Figura 58, a personalização do ambiente para quatro profissionais: artesão, artista, costureira e culinária. Como vem sendo feito, as informações referentes às particularidades foram coletadas dos Fragmentos de *home offices* e, quando necessário, direcionadas somente a um dos profissionais consultados no segmento da indústria criativa.

Figura 58 – Modelo Base 03



Fonte: Autora (2021).

Modelo 03 – Artesão

Como as duas artesãs consultadas compartilharam dificuldades bem distintas e, conseqüentemente, exigiram ambientes com particularidades diferenciadas, optou-se por direcionar a experimentação do espaço para a artesã A, que realiza peças de cerâmica.

Diante disso, foram organizados, no ambiente, os itens descritos como essenciais para essa profissional. Para organizar um ambiente de fotos, conforme solicitado, posicionou-se um fundo infinito entre as portas do lavabo e da suíte, bem como um pequeno móvel aparador onde ela pode dispor suas peças. A iluminação para as fotos ficou posicionada próximo ao local das fotos, também servindo como decoração ao espaço.

Os módulos foram organizados com prateleiras, para ela poder arrumar suas tintas e pincéis. A base dos módulos divide a sala, assim, o espaço, propriamente dito de trabalho, pode ser usado como arquivo. Criou-se uma mesa banco, posicionada

lateralmente à mesa ampla de jantar, na qual a profissional pode posicionar seus instrumentos de apoio. O espaço para limpeza dos seus equipamentos está organizado na lavanderia do apartamento.

Considerando que ela fica mais tempo na estação de trabalho, em que estão o torno e o banco, do que na estação com computador, posicionou-se, próximo à segunda estação de trabalho e à esquadria, o forno para queima das peças (FIGURA 59).

Todos os seus elementos de materiais podem ser organizados nas prateleiras modulares. Para forrar o piso e a mesa de trabalho, sugeriu-se que ela tenha armazenado, em um dos móveis, um rolo com plástico. Assim, quando precisar, ela pode forrar o que for preciso.

Figura 59 – Modelo 03 – Artesão



Fonte: Autora (2021).

Para os momentos de relaxamento na oficina, os módulos que dividem os ambientes podem ser deslocados para a lateral da cortina, conectando os dois ambientes. Dessa forma, ela pode dispor as almofadas no chão das salas e realizar a sua oficina, conforme se pode observar na Figura 60.

Figura 60 – Modelo 03 – Artesão Adaptação



Fonte: Autora (2021).

Para promover estímulos, foram utilizadas paredes pintadas com cores, dispendo-se sua arte nas paredes. Na parede de trás do sofá, utilizou-se um revestimento cimentício com uma composição de quadros. Mediante essas estratégias utilizadas, as expectativas da usuária foram contempladas com espaços conectados interligando as funções de morar e trabalhar.

Modelo 03 – Artista

Na conversa com os artistas A e B, eles levantaram questões similares, enquanto a artista C fez referência a aspectos mais simples e menos específicos. Diante disso, a experimentação limitou-se a considerar as expectativas dos artistas A e B, que têm foco nas artes plásticas e na criação de telas.

Dessa forma, para atender esses profissionais, foram eliminados dois módulos que possuíam gavetas, criando-se dois módulos em estrutura metálica, nos quais é possível fixar suas telas. Da mesma forma, para contemplar as expectativas da artista B, colocou-se, respeitando a modulação, uma mesa de desenho, com tampo inclinado. Dois cavaletes de pintura também foram fixados nas guias de estrutura metálica.

No espaço foram dispostos todos os elementos ditos como essenciais e necessários. Criou-se uma gaveta, identificada, na qual podem ser dispostas as molduras para os quadros. Para armazenar telas de diferentes materiais,

desenvolveu-se, no módulo que separa os ambientes, um móvel com um ripado vazado onde os materiais podem ser dispostos.

Como os artistas necessitam de luz controlada, fez-se uso de cortinas nas esquadrias. Os papéis dos profissionais podem ser organizados em uma gaveta do tipo arquivo. Com a possibilidade de reconfigurar o espaço por meio dos módulos que deslizam no ambiente, eles podem ter a configuração de espaços vazios para quando precisarem. As prateleiras dos módulos são espaços destinados para armazenar os materiais dos profissionais. Para inspirá-los, deixou-se livre um dos módulos, onde podem fixar os quadros ou as inspirações para as pinturas.

Na parede atrás do sofá, foram usados os mesmos módulos em estrutura metálica para poderem fixar as telas que pintam. Desse modo, sua arte já fica ambientada para os momentos de exposição e venda a clientes, também servindo de inspiração.

Por fim, para atender as necessidades referidas pelos profissionais em questão, no restante do ambiente deu-se protagonismo ao uso de tons neutros e claros, para enfatizar a arte dos profissionais. Utilizou-se a cor para demarcar os espaços de criação também com o uso de tapetes. O Modelo 03 – Artista pode ser visualizado na Figura 61, a seguir.

Figura 61 – Modelo 03 – Artista



Fonte: Autora (2021).

Modelo 03 – Costureira

Nesta experimentação, buscou-se considerar as solicitações das três costureiras, visto que elas mencionaram elementos similares. Manteve-se basicamente a configuração dos módulos do local de referência, entretanto foram feitas algumas adaptações para o espaço atender as necessidades das usuárias.

Como elas precisam trabalhar em L, deslocou-se um módulo que ficou em frente à janela e no qual se posicionou uma máquina de costura. No módulo maior da estação de trabalho, organizou-se mais uma máquina de costura, assim como um

local para passar as roupas. Atrás desse módulo, colocou-se um painel com pinos onde podem ser colocadas as linhas, tesouras e outros elementos. Sobre esse painel, criou-se um quadro em tela metálica, no qual as costureiras podem fixar suas inspirações ou, então, suas tarefas. Ainda nesse mesmo módulo, sobre o quadro metálico posicionou-se uma prateleira com sacolas e cesto, onde podem ser armazenadas roupas para serem feitas ou tecidos já recortados.

Ao lado do módulo maior da estação de trabalho, fica o local de corte, onde há uma base adequada e uma estrutura metálica com potes para armazenar os utensílios. Na parte inferior desse módulo, há gavetas para organização de outros materiais. Do lado desse móvel, há um local para armazenar os tecidos, tanto peças menores quanto rolos.

Como uma delas precisa de um espelho e de um provador, imaginou-se que o divisor de ambientes, que separa o local de referência de trabalho, pode ser utilizado, quando fechado, como provador de roupas.

No módulo que divide os ambientes, organizou-se um local para pendurar as roupas e armazenar sacolas de peças já finalizadas. Na base inferior à televisão, posicionou-se a *plotter*. A mesa ampla pode ser utilizada de suporte para as costureiras, como local para embalar os itens que elas enviarão ou, ainda, como local de apoio para a costureira C, que realiza trabalho de couro. Para essa profissional, organizou-se, em um dormitório, um local com prateleiras móveis e estofadas para ser disposto o estoque de couro.

Por fim, utilizou-se uma decoração relacionada à feminilidade das profissionais, assim como da maior parte da sua clientela. Um degradê colorido ainda promove inspiração e descontração ao ambiente (FIGURA 62). O local de referência caracteriza-se por ser mais neutro, para que os elementos do trabalho o completem. Entende-se que as estratégias utilizadas contemplaram as necessidades referidas e as funções de morar e trabalhar.

Figura 62 – Modelo 03 – Costureira



Fonte: Autora (2021).

Modelo 03 – Culinarista

Nesta personalização, considerando-se as particularidades dos profissionais consultados, enfatizou-se a profissional C, visto que ela utiliza a mesma cozinha para trabalho e residência. Entretanto, também se propôs um espaço que permite, a uma profissional como a culinária A, a produção de viandas e sobremesas no mesmo local onde faz os alimentos familiares.

A grande transformação desse modelo é que a cozinha deverá atender as duas necessidades; por isso, é importante que ela seja ampla. Assim, realizou-se uma

reconfiguração espacial do apartamento, retirando-se o lavabo e integrando a lavanderia com a cozinha. De frente à parte da lavanderia, foram posicionados um freezer e a churrasqueira. Do outro lado, foram colocados armários para armazenar os mais variáveis itens - desde louças, caixas térmicas, embalagens, entre outros. Com isso, a cozinha ganhou mais área de bancada, o que favorece as gravações de vídeo, assim como o funcionamento da cozinha.

Dessa forma utilizou a parte modular, fixada nas estruturas metálicas, como local de apoio, no qual podem ser armazenadas as caixas com os alimentos a serem retirados. Também se deixou um local para a estação de trabalho, onde podem ser realizadas as atividades financeiras.

No teto posicionou-se mais um trilho, onde pode ser fixada iluminação auxiliar para os momentos de gravações dos vídeos, bem como a própria câmera. Para o ambiente ser funcional e prático para as gravações, posicionou-se o fogão na ilha, assim como uma coifa.

Para a profissional C expandir suas aulas e produzir vídeos sobre como organizar uma mesa bem-posta, pensou-se que ela pode usar sua mesa de jantar. Nessa mesa pode também realizar reuniões entre parceiros para alinhar os detalhes das gravações.

Para levar descontração e estímulos aos ambientes, tirou-se partido de uma cozinha na cor verde, com detalhes de revestimentos coloridos. Seguindo a modulação, foram organizados, na parte de apoio das estruturas modulares, painéis referentes a alimentos (FIGURA 63).

Figura 63 – Modelo 03 – Culinária



Fonte: Autora (2021).

Ressalta-se que não há uma relação direta entre as metragens dos três modelos com as profissões testadas em cada modelo base. Pode-se adaptar qualquer profissão em um dos modelos. Optou-se em associar o profissional ao modelo, tendo em vista a possibilidade de melhor explorá-lo, a partir das necessidades referidas. Com esta etapa de experimentação, criando-se espaços para as dez profissões da indústria criativa, observou-se a infinidade de resultados que se pode obter, levando em conta as diretrizes projetuais e todas as variáveis de cada um dos profissionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou conhecer mais sobre as necessidades dos profissionais da indústria criativa que trabalham em modelo *home office*, assim como oportunizou desconstruir a ideia de um *home office* tradicional, por meio da nova conceituação proposta, qual seja, a do lar-ateliê.

A partir da proposta do lar-ateliê, pode-se compreender o espaço de *home office* como um espaço definitivo, que atende todas as necessidades do usuário, tanto para morar quanto para trabalhar, com a concepção de que o trabalho no lar não ocorre de forma improvisada ou transitória.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, foi possível observar, com riqueza de detalhes, todas as variantes que influenciam o ambiente de trabalho residencial. Verificou-se que a configuração espacial, ou seja, que o número de quartos, de banheiros e, principalmente, a área do espaço, influenciam diretamente o ambiente de um lar-ateliê. Assim, essa concepção se aplica mais a ambientes menores, mais compactos, porque nesses é preciso dividir e utilizar o mesmo ambiente para mais de uma função. Quando a residência é maior, fica mais fácil separar as dinâmicas de trabalho e moradia.

Constatou-se também que a configuração familiar influencia igualmente o trabalho residencial, ou seja, quando a pessoa mora sozinha, a dinâmica do trabalho em casa ocorre de forma mais espontânea. Entretanto, se a/o profissional mora com mais pessoas, é necessário organizar o espaço, pressupondo-se que o trabalho acontecerá no mesmo local onde, possivelmente, outros moradores estarão também trabalhando, relaxando ou em lazer.

Dessa forma, somam-se, à multiplicidade de configurações espaciais, as diferentes configurações familiares e as particularidades dos profissionais. Esse conjunto implica em um número expressivo de variações, de informações e na abertura para novas discussões. Nesse sentido, a etapa de experimentação possibilitou iniciar as deliberações e a parte prática do uso das variáveis e diretrizes propostas e da construção do lar-ateliê.

Cabe destacar que muitas dificuldades foram enfrentadas no desenvolvimento desta pesquisa, em razão de ter sido realizada no ano da COVID-19. Na coleta de

dados, se os encontros pudessem ter ocorrido de forma presencial, a pesquisadora poderia ter feito a análise dos espaços *in loco*, por exemplo.

Por outro lado, a utilização das ferramentas como chamadas de vídeos, conversas por mensagens, entre outros recursos, também foram eficazes, visto a quantidade de detalhes coletados a partir das conversas com os profissionais. Entretanto, ressalta-se que esse tipo de contato exigiu, da pesquisadora, um engajamento maior para estimular os profissionais a lhe repassarem todas as informações do seu dia a dia.

Após a definição das diretrizes projetuais, observou-se sua aplicabilidade durante a etapa de experimentação. As diretrizes foram pensadas para nortear as decisões projetuais, mas elas não têm um caráter limitante, podendo ser aplicadas nos mais diversos projetos que visam contemplar as dinâmicas de trabalho e moradia.

Ressalta-se que a pesquisa, no âmbito da experimentação projetual, ainda pode ser mais detalhada, com vistas a que se avance nos estudos de aplicabilidade das diretrizes propostas, levando em conta normas de coordenação modular, detalhamento do mobiliário proposto e apresentação de cortes e plantas baixas.

Com isso, confirma-se a importância e a contribuição desta pesquisa, especialmente neste momento em que são discutidas e observadas as potencialidades do trabalho no conforto do lar. Igualmente se atesta o potencial deste estudo para engajar novas discussões acerca da reconfiguração e da desconstrução do *home office* na busca do novo conceito de um lar-ateliê, tendo em vista que esta pesquisa também pode ser levada para outras profissões.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Mariana Dominato; DELGADO, Denyse Pereira Neves; PIMENTA Aline de Barros. Conceitos e atmosfera na arquitetura de interiores. **CES REVISTA**, Juiz de Fora, v. 30, n. 1. p. 130-144, jan./jul. 2016.
- ABREU, P. **Arquitetura: Monumento e Morada** - Investigação do pensamento de Ruskin sobre o Património. Faculdade de Arquitectura UTL, 12 mai. 2005.
- ALMEIDA, Fabiane Domingues de Magalhães de. **As relações de trabalho na modalidade home office em empresas de bens de consumo**. 2019. Dissertação (Mestrado em Administração) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Administração, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ERGONOMIA (ABERGO). **O que é ergonomia?** Rio de Janeiro: ABERGO, 2016. Disponível em: http://www.abergo.org.br/internas.php?pg=o_que_e_ergonomia. Acesso em: 20 set. 2020.
- ARAÚJO, Letícia Medeiros de. Reaproveitamento de material para emprego em design de interiores residenciais. **Revista DêCiência em Foco**, v. 2, n. 1, p. 170-189, 2018.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **ABNT NBR 5413: Iluminância de interiores – Atividades técnicas**. Rio de Janeiro: ABNT, 1992.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **ABNT NBR 13.531: Elaboração de projetos de edificações – Atividades técnicas**. Rio de Janeiro: ABNT, 1995.
- AVDIKOS, V.; KALOGERESIS, A. **Socio-economic profile and working conditions of freelancers in co-working spaces and work collectives: Evidence from the design sector in Greece**, 2017.
- BARCELLOS, Ekaterina Emmanuil Iglesias; BOTURA, Galdero Jr; RAMIREZ, Claudia Marcela Sanz. **A Economia Criativa no Ambiente dos Parques e Incubadoras**. XXV Conferência da amprotec de empreendedorismo e ambientes de inovação, Cuiabá, p. 1-18, 2015.
- BATISTA, J. C.; RIBEIRO, O. C. F.; JUNIOR, P. C. **Lazer e promoção de saúde: uma aproximação conveniente**. *Licere*, 15 (2), p. 1-16, 2012.
- BELL, P. A.; GREENE, T. E.; FISCHER, J. D.; BAUM, A. **Environmental psychology**. Orlando, FL.: Harcourt College Publishers, 5 ed., 2001.
- BENCK, P. **O que a arquitetura corporativa pode nos ensinar sobre qualidade de vida?** LabQV, 2015.

BENDASSOLLI, Pedro. F. Borges et al. Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 49, n. 1, p. 10-18, 1990.

BENDASSOLLI, Pedro F. Borges; ANDRADE, Jairo Eduardo. Significado do trabalho nas indústrias criativas. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, p. 143-159, ISSN: 0034-7590, 2011.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nokoli Leskov. *In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, 1994, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: Brasiliense, ed 7, 1994. p. 197-221.

BORDIN, Évellin Zanelatto. **Ofício Costureira**: um estudo sobre educação e as posições ocupadas no mercado de trabalho da confecção de vestuário na região metropolitana de Porto Alegre. 2019. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

BORGES, Adelia. **Design + Artesanto**: o caminho brasileiro, 2011.

BÓSCHI, Rafaela; et al. **Ambientes corporativos**: análise de parâmetros de influência na satisfação do usuário. *Percurso Acadêmico*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, 2019.

BOUNCKEN, R. B., et al. CLAUUB, T., e REUSCHL, A. J. **Coworking-spaces in Asia**: A business model design perspective. *In: J. Li, G. Qian, & K. Zhou (Eds.), Proceedings of the SMS Special Conference*, 2016.

BRASIL. **Lei nº 12.551, de 15 de dezembro de 2011**. Altera o art. 6º da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, para equiparar os efeitos jurídicos da subordinação exercida por meios telemáticos e informatizados à exercida por meios pessoais e diretos. Brasília, DF: Presidência da República, 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12551.htm. Acesso em: 20 set. 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.979, de 06 de fevereiro de 2020**. Esta Lei dispõe sobre as medidas que poderão ser adotadas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Brasília, DF: Presidência da República, 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.979-de-6-de-fevereiro-de-2020-242078735>. Acesso em: 20 fev. 2021.

BRAUNE, Renata; FRANCO, Sílvia Cintra. **O que é gastronomia**. Coleção primeiros passos. São Paulo: Editora Brasiliense, v. 322, 2007.

BRIK, M. S. **Trabalho portátil**: Produtividade, economia e qualidade de vida no home office das empresas. Curitiba: Edição do Autor, 2013.

BRITTO, Valéria Araújo de Sousa. **O direito do empregado ao ambiente de trabalho seguro e saudável**: a tutela do princípio da dignidade humana. Boletim Jurídico, Uberaba: a. 13, no, 1195. 2017. Disponível em: <http://www.boletimjuridico.com.br/doutrina/texto.asp?id=3752>. Acesso em: 20 set. 2020.

BROOKER, Graeme; STONE, Sally. **O que é Design de Interiores?** São Paulo: Senac, 2014.

BRYNJOLFSSON, Erick; MCAFEE, Andrew. **Novas tecnologias versus empregabilidade**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 2014.

CALDAS, D. **Observatório de sinais**: teoria e prática da pesquisa de tendências. Rio de Janeiro: Editora Senac, 2004.

CALDEIRA, V. **A evolução da arquitetura de escritórios**. Ideias de Arquitetura 10. São Paulo, 2004.

CAMPOS, J. G. et al. **Critérios para o desenvolvimento de programas de lazer e qualidade de vida nas organizações**: uma proposta alinhada à estratégia organizacional. *Redes*. 13 (3), p. 14-36, 2008.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade Polifônica**: Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. Tradução: Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 2. ed., 1997, 262 p.

_____. **A cidade Polifônica**. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. Livros Studio Nobel LTDA, 2004.

CASSANO, Daniella Alessandra; VIDAL, Mario Cesar. **Arquitetura de ambientes de escritórios e ergonomia**. Programa de Engenharia de Produção da UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

CHASTON, I. Small creative industry firms: a development dilemma? **Management Decision**, v. 46, n. 6, p. 819-831, 2008.

CHÁVEZ, V. H. **La habitabilidad energética em edificios de oficinas**. 2002. Tesis Doctoral, Universitat Politècnica de Catalunya, Barcelona, 2002.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de Pessoas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

CHING, Francis D. K. **Arquitetura de interiores ilustrada**. 4. ed. Tradução Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Editora Clic Editoração Eletrônica Ltda., 2019.

COLNAGO, Lorena de Mello Rezende; CHAVES JR., José Eduardo de Resende; ESTRADA, Manuel Martón Pinto. **Teletrabalho**. São Paulo, 2017.

COLLIN, Sílvio. **Uma introdução a Arquitetura**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Paula Catajaty, 2020.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO (CAU). Resolução nº 64, de 08 de novembro de 2013. Remuneração do projeto arquitetônico de edificações, das tabelas de honorários de serviços de arquitetura e urbanismo do Brasil. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 223, nov. 2013. Disponível em: <https://transparencia.caubr.gov.br/resolucao64/>. Acesso em: 20 set. 2020.

CORBUSIER, L. **Precisões**. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. Título original: Précisions sur un état présent de l'architecture et de l'urbanisme, 2004.

COWORKING BRASIL. **O que é Coworking?** Disponível em: www.coworkingbrasil.org. Acesso em: 15 set. 2020.

DALCIN, Andrea. Fotografia, história e educação matemática: apontamentos para pesquisas sobre a cultura escolar. **Revista de História da Educação Matemática Sociedade Brasileira de História da Matemática**, HISTEMAT, 2018.

DANDAVATE, U. et al; STEINER D.; WILLIAM C. **Working Anywhere**: co-design through participation. Colaborative design. p. 101-110, 2000. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007%2F978-1-4471-0779-8_10. Acesso em: 20 set. 2020.

DCMS (Department for Culture, Media and Sport). **Creative industries mapping document**. Disponível: < >. Acesso em: 20 set. 2020.

DIUNA, V. et al. Direitos reprodutivos das mulheres no sistema penitenciário: tensões e desafios na transformação da realidade. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 7, 2016.

FALCÃO, C. S.; SOARES, M. M. Ergonomia e análise multidisciplinar do ambiente construído. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ERGONOMIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 3., 2011, João Pessoa. **Anais [...]** João Pessoa: UFPB, 2011.

FENSKE, Gail. **Lewis Mumford, Henry Russel Hitchcock, and the Bay region style**. *In*: POLLAK Martha, Cambridge: MIT Press, p. 37-86, 1997.

FERNANDES, Fábio Frá. **Comunicação em ambientes da indústria criativa**: uma leitura a partir dos Fab Labs do Rio Grande do Sul. 2019. Dissertação da Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2019.

FERNANDES, Fábio Frá; FELIPPE, Alessandro Mateus. **Comunicação e indústria criativa**: o PPGCIC como um ambiente para a economia criativa. 2018. Universidade do Estado de Santa Catarina, REAVI, v. 7, n. 11, p. 01-09, 2018.

FERNANDES, R. F. M. et al. **A governança e o compartilhamento de conhecimento nos serviços de coworking**. GEPROS. Gestão da Produção, Operações e Sistemas, v. 14, n. 4, p. 176-196, 2019.

FILHO, José Alexandre Ferreira et al. **Economia Criativa**: uma análise sobre o crescimento do mercado das indústrias criativas. *Comunicação & Inovação*, PPGCOM/USCS. v. 20, 2019.

FINCATO, Denise Pires; ANDRADE, Amanda Scotá de. Home office: direitos fundamentais, meio ambiente laboral e reforma trabalhista. **Revista de Direito Econômico e Socioambiental**, v. 9, n. 2, 2018.

FIRJAN. **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil**. São Paulo, 2016.

_____. **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil**. São Paulo, 2019.

FLACH, Natália. **Home Office definitivo?** Exame, São Paulo. 2020.

FONSECA, Juliane Figueiredo. **A contribuição da ergonomia ambiental na composição cromática dos ambientes construídos de locais de trabalho de escritório**. 2004. 292 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

FRIEDMAN, Ron. **Como ser feliz no meu trabalho**: A neurociência explica o que fazer para transformar o seu ambiente de trabalho rumo à autorrealização. São Paulo: NVERSOS, Editora, 2018.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE ADMINISTRAÇÃO (FIA). **Pandemia acelera a migração para home office**. 2020.

GANDINI, A. **The rise of coworking spaces**: A literature review. *Ephemera: Theory and Politics in Organizations*, p. 193-205, 2016.

GASKELL, A. **“How open plan offices impact collaboration”**, Forbes, 2018.

GATTI, Daniele Pala et al. *Home Office*: vantagens, desvantagens e desafios para empresas e funcionários. **Revista de Administração do Unifate**, v. 16, n. 16, p. 7-273, 2018.

GIBBS, J. **Design de Interiores**. Guia útil para estudantes e profissionais. Tradução Claudia Ardións. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2002.

GRAZZIOTTI, Adriano Giacomini; TIBIRIÇÁ, Antônio Cleber Gonçalves. A ergonomia no ambiente de escritório. *In: III WORKSHOP DE ANÁLISE ERGONÔMICA DE TRABALHO DA UFV*, 2007, Viçosa. **Anais [...]** Viçosa: UFV, 2007.

GREGG, M.; LODATO, T. **“Managing community: coworking, hospitality and the future of work”**. *In: Affect in Relation*, Routledge, p. 175-196, 2018.

GURGEL, Miriam. **Projetando espaços**. Guia de arquitetura de interiores para áreas comerciais. 6. ed., São Paulo: Editora Senac, 2020.

HARTLEY, John. **Creative Industries**. Londres: Blackwell, 2005.

HOME OFFICE consolida “jornada híbrida” como preferida dos trabalhadores, diz pesquisa. *In*: G1. [São Paulo], 12 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2021/01/12/home-office-consolida-jornada-hibrida-como-preferida-dos-trabalhadores-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2021.

HORKINS, John. **The Creative Economy**: How people make money from ideas. Penguin UK; New Ed., 2001.

JACKSON, Katy. **Make space for others**. 2013.

JONES, Charles. **Introdução à teoria do crescimento econômico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNAD COVID 19**: 9,7 milhões de trabalhadores ficaram sem remuneração em maio. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28039-pnad-covid19-9-7-milhoes-de-trabalhadores-ficaram-sem-remuneracao-em-maio#:~:text=Entre%20os%204%20mil%C3%B5es,do%20Norte%20estavam%20sem%20remunera%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 18 nov. 2020.

KEA, European Affairs. **The Economy of culture in Europe**. Bruxelas, 2006.

KELLY, Robert. **Creative Development**: Transforming Education through Design Thinking, Innovation, and Invention. Canadá: Brush education, 2016.

KOJO, I.; NENONEN, S. **Evolution of co-working places**: drivers and possibilities. Intelligent Buildings International, 2014.

LAWSON, B. **Como arquitetos e designers pensam**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

LOSEKANN, Raquel Gonçalves Caldeira Brant; MOURÃO, Helena Cardoso. **Desafios do teletrabalho na pandemia COVID-19 quando o home vira office**. Centro de Administração, Maringá, v. 28, Ed. Esp., 2020.

MANSANI, Amanda Freire; et al. **Paredes verdes em edifícios**. XVIII ENPEX Uniletoledo, 2018.

MARIOTTI, I., PACCHI, C.; DI VITA, S. **Co-working spaces in Milan**: Location patterns and urban effects. *Journal of Urban Technology*, p. 47-66, 2017.

MCLAURIN, Janet Pogue; PITTMAN, Tim. **Across the Globe, Works Want a Hybrid Work Model**. GENSLER, 2020.

MERKEL, J. “**Coworking in the city**”. *Ephemera*, London, v. 15, n. 2, p. 121-139, 2015.

MOUTINHO, Natacha Antão. **A cor no processo criativo**. O espaço da cor no desenho de arquitetura. Tese, Universidade de Lisboa, 2016.

NORMANDI, Diego; TARALLI, Cibele Haddad. **Incluir para potencializar mercados**: acessibilidade como modelo para a economia criativa. FIGAC Escola Superior de Educação Instituto Politécnico de Viana do Castelo Viana do Castelo, 2018.

OLIVEIRA, Daniela Ribeiro de. **Do fim do trabalho ao trabalho sem fim**: o trabalho e a vida dos trabalhadores digitais em *Home Office*. 2017. Universidade de São Carlos, Tese, São Carlos, 2017.

OLIVEIRA, Gilberto Range de; ALVÃO, Claudia Renata Mont. **Investigação sobre o processo de projeto de interiores e o uso da ergonomia na prática**. 16º Ergodesign Usihc Cinahpa, UFSC, Santa Catarina, 2017.

OLIVEIRA, Katiúscia Angélica Micaela de. **A ressignificação do graffiti e da arte de rua nas obras de Nina Pandolfo**. 2015. Dissertação de Mestrado, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015.

OREL, Marko; ALMEIDA, María del Mar Alonso. **The ambience of collaboration in coworking environments**. *Journal of Corporate Real Estate*, v. 21, n. 4, p. 273-289, 2019.

PANERO, Julius; MARTIN, Zelnik. **Dimensionamento humano para espaços interiores**: um livro de consulta e referências para projetos. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2013.

PARRIMO, L. **Coworking**: assessing the role of proximity in knowledge exchange. *Knowledge Management Research and Practice*. v. 13, n. 3, p. 261-271, 2015.

PEREZ, Katia. **Comunicação, ambientes de trabalho e o imaginário dos funcionários**: a construção do ethos organizacional em uma empresa de tecnologia. Universidade Metodista de São Paulo, COMUNICON, 2018.

PERLES, João Batista. **Comunicação**: conceitos, fundamentos e história. BOCC, 2019.

PILE, John; GURA, Judith. **A history of Interior Design**. 4. ed. New Jersey: John Wiley & Sons, 2014.

PIQUETTI, T. **Uso da arquitetura para qualidade de vida nas empresas**. 2012. Instituto de Pós-Graduação IPOG, Florianópolis, 2012.

PRATT, A. C.; HUTTON, T. A. **Reconceptualising the relationship between the creative economy and the city**: Learning from the financial crisis, *Cities*, p. 86-95, 2013.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed., Universidade FEEVALE, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, 2013.

QUEIROGA, Fabiana. **O trabalho e as medidas de contenção da COVID-19**. Porto Alegre, v. 1, 2020.

RADIUNAITE, A. **The “creative workspace”**: a comparative analysis of stakeholder perceptions. 2016. Dissertação (Mestrado de Ciência em Arquitetura), Universidade Estatal Politécnica da Califórnia, 2016.

RESENDE, Maria Miguel Campos. **Os espaços sociais de lazer nos edifícios de trabalho criativo**. 2018. Dissertação (Mestrado Integrado em Arquitetura) – Universidade de Coimbra, FCTUC, 2018.

RIBEIRO, Tatiane. **Impact HUB, o primeiro coworking do Brasil**. Quem Inova Instituto SEB, São Paulo, 2014.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social Métodos Quantitativos e Qualitativos**. Cap. 5. 3. ed., 2015.

ROSA, Ricardo. **Notas sobre o coletivismo artístico no Brasil**. RUA, v. 12, n. 1, p. 27-35, 2006.

ROSENFELD, Cinara Lerrer; ALVES, Daniela Alves de. Autonomia e Trabalho Informacional: o Teletrabalho. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 01, p. 207-233, 2011.

SANTOS, Bruno Belarmínio Aparecido. **Backup corporativo com alta retenção: subsídios para construção da arquitetura**. 2018. 136 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Conhecimento e da Tecnologia da Informação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília - DF, 2018.

SAP-CRH. **Pesquisa home office brasil**. 2016. Disponível em: <<http://sapconsultoraia.com.br/homeoffice/resultados-2016/>>. Acesso em: 20 set. 2020.

SAVAL, N. **Cubed: a secret history of the workplace**. Nova Iorque: Anchor Books, 2014.

SHOSHKES, L. **Space planning: Designing the office environment**. New York: Architectural Record Books, 1976, p. 8.

SILVA, Rogério R. **A revolução industrial**. Editora Nucleo, 1997.

SOARES, Laura Mottin. **Ambientes colaborativos no trabalho e no ensino: o papel da arquitetura de interiores frente à inovação. Um olhar sobre a obra de Woods Bagot**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Curso de Design de Interiores, Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado, 2016.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE TELETRABALHO E TELEATIVIDADES (SOBRATT). **O que é a certificação do trabalho?** 2015.

SOUZA, M, R, S. **Habitação e Informatização**: o teletrabalho. São Carlos, 2005.

SPINUZZI, Clay; et al.; BODROZIC, Zlatko; SCARTTI, Giuseppe; IVALDI, Silvia. **Coworking is about community**: but what is community in coworking? *Journal of Business and Technical Communication*, v. 33 (2), p. 112-140, 2019.

STUMPF, C. **Creativity and Space**: The Power of Ba in Coworking Spaces. Masters Thesis, Corporate Management & Economics. Zeppelin University, 2013.

TEIXEIRA, Clarissa Stegani. Processo de revitalização urbana: economia criativa e design. **LOGO e-Revista**, v. 5, n. 2, 2016.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). **Understanding creative industries**: cultural statistics for public-policy making. 2013. Disponível em: <www.unesco.org.br>. Acesso em: 06 fev. 2021.

VASCONCELOS, A. F. **Qualidade de vida no trabalho**: origem, evolução e perspectivas. *Caderno de Pesquisas em Administração*, 2001.

VASSIE, K.; RICHARDSON, M. **Effect of self-adjustable masking noise on open-plan office worker's concentration, task performance and attitudes**. *Applied Acoustics*, v. 119, p. 119-127, 2017.

VELASQUES, Taline Sabany. **Ecosystemas Criativos**: relações colaborativas e ação projetual nos coletivos criativos informais. 2016. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.

VENZKE, Claudio Senna. **O ecodesign no setor moveleiro do Rio Grande do Sul**. UNISINOS, 2002.

WILLIAMS, Robin. **The non-designer's design book**. 4. ed. Callis Editora Ltda., 2013.

YOON, H.; MALECKI, E. J. **Cartoon planet**: worlds of production and global production networks in the animation industry. *Industrial and Corporate Change*, v. 19, n. 1, p. 239-271, 2009.